



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**ISABELLE CAHINO DELGADO**

**UMA ANÁLISE ESTILÍSTICA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS:  
VARIAÇÕES DE SEU USO NO PROCESSO INTERATIVO**

**JOÃO PESSOA / PB**

**2012**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**ISABELLE CAHINO DELGADO**

**UMA ANÁLISE ESTILÍSTICA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS:  
VARIAÇÕES DE SEU USO NO PROCESSO INTERATIVO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística para a obtenção do título de Doutora em Linguística.

Área de concentração Teoria e Análise Linguística

Linha de pesquisa Aquisição da Linguagem e Processamento Linguístico.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante.

Co-orientadora: Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa

**JOÃO PESSOA / PB**

**2012**

D352u Delgado, Isabelle Cahino.  
Uma análise estilística da Língua Brasileira de Sinais:  
variações de seu uso no processo interativo / Isabelle Cahino  
Delgado.- João Pessoa, 2012.  
166f. : il.  
Orientadora: Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante  
Coorientadora: Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa  
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHL  
1. Linguística. 2. Aquisição da linguagem. 3. Estilo.  
4. Variação. 5. Sociolinguística. 6. Língua Brasileira de Sinais.

UFPB/BC

CDU: 801(043)

ISABELLE CAHINO DELGADO

**UMA ANÁLISE ESTILÍSTICA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS:  
VARIAÇÕES DE SEU USO NO PROCESSO INTERATIVO**

Defesa pública em:

João Pessoa, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Banca examinadora:

---

Profª Drª Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante (orientadora)

---

Profª Drª Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa (co-orientadora)

---

Profª Drª Evangelina Maria Brito de Faria

---

Profª Drª Wanilda Maria Alves Cavalcanti

---

Profª Drª Luciana Pimentel Fernandes de Melo

---

Prof. Dr Leonardo Wanderley Lopes

**João Pessoa / PB**

**2012**

Aos grandes sinais de Deus em minha vida...

... Meu *esposo* e minha *filha*, dedico.

## AGRADECIMENTOS

Uma etapa concluída! Um sonho realizado! Um objetivo alcançado! E o desejo de ir além... Por isso, agradeço, inicialmente, ao meu Deus, minha fortaleza, àquele responsável por esta vitória. Agradeço também a Nossa Senhora, minha doce Mãe, por manter-me de pé! Por seu olhar singelo e acolhedor sobre minha vida.

A minha mãe, tão amada, por ser meu grande exemplo, por seu coração grandioso, sem igual... Por estar sempre ao meu lado e entender todas as minhas necessidades, mesmo que eu não as fale! Só desejo ser para meus filhos um pedacinho de tudo o que você é pra mim!

Ao meu pai, que representa um homem íntegro, honesto e perseverante, do qual muito me orgulho! Como lhe amo e como sinto falta de expressar esse sentimento com mais frequência... obrigada por me apoiar e dar impulso aos meus sonhos...

Aos meus irmãos, Danielle e Guilherme Filho, por tornar minha vida mais alegre! Por semear, em família, o desejo de estar sempre perto! Como os amo!

Ao meu esposo, Anderson, meu galeguinho tão especial! O tesouro enviado por Deus para tornar minha vida mais doce... Obrigada por me incentivar a ir adiante, mesmo em meio aos tropeços e dúvidas... Por me ajudar a levantar, por seu ombro amigo, seu sorriso cativante, sua alegria sem igual... por ser muito mais do que eu sonhei um dia! Obrigada pelo seu amor, que alimenta meu coração e me faz tão feliz! Nossa aliança, selada por Deus, é eterna! Por isso eu te amo tanto...

A minha filha, Maria Clara, meu algodão doce! Obrigada, minha flor, por seu abraço e seu sorriso nos momentos em que mais precisei... Pelas madrugadas ao seu lado, cuidando de você, dando o melhor de mim... Obrigada por ter me concedido a graça de ser mãe! A você, meu abraço mais caloroso, meu sorriso mais sincero e um coração transbordando de muito amor! Obrigada, meu

tesourinho, por tornar nossas vidas muito, muito mais felizes... Te amamos demais! Em breve, chegarão os irmãozinhos para completar esta alegria!

A minha querida cunhada, Niélida Samara, por me ajudar a cuidar do nosso maior bem, nossa filha! Obrigada, cunhadinha! Sua ajuda foi fundamental para que este trabalho fosse concluído!

Aos meus amigos do coração: Tatiana, Manuela, Leonardo, Bianca, Anna Alice, Marine e Brunna, por serem verdadeiros irmãos em minha vida! Grande e verdadeiro é o laço eterno que nos une e nos faz estar sempre perto, independente da distância física. Cada um de vocês é um exemplo de vida pra mim!

A minha querida orientadora e amiga Marianne, todo o meu carinho, respeito e admiração! Mari, ter você ao meu lado tornou esta conquista maravilhosa! Obrigada por seu profissionalismo, sua ética, seu incentivo sempre tão presente... obrigada pela sua amizade! Por isso, esta conquista é nossa!

À professora Evangelina, minha gratidão e carinho pelos nossos anos de caminhada! Desde o Mestrado pude ver quão competente é em tudo o que faz! Verdadeiro exemplo para nós!

A minha co-orientadora Juliene meus sinceros agradecimentos! Obrigada pela sua disponibilidade e atenção, seu grande exemplo de humildade e sabedoria! Grandes e preciosas foram as suas contribuições e sei que elas ainda irão me render belos frutos!

Aos professores que compõem o Departamento de Fonoaudiologia, em especial a Luciana Pimentel e Luciana Figueiredo, pelos constantes incentivos e apoios. Contem sempre comigo!

À querida amiga e intérprete Regina Monteiro, com quem tanto aprendo a cada encontro! Obrigada, minha amiga, pelos ensinamentos pessoais e profissionais! Como me orgulho de você!

À querida e também intérprete Marie Dantas, por sua ajuda no tratamento desses dados. Obrigada pela disponibilidade e amizade, pelo sorriso e incentivo sempre tão especiais!

E a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste sonho. Muito obrigada!

*“Temos direito de esperar pela alegria,  
quando não paramos de lutar.  
Esse é o segredo dos campeões.  
O caminho que nos leva à alegria  
é a esperança.”*

*(Pe. Fábio de Melo)*

## RESUMO

A presente tese teve como objetivo analisar os aspectos de estilo da Língua Brasileira de Sinais em uso nos municípios de João Pessoa e de Recife, considerando seu aspecto variacionista em um contexto sociolinguístico. Partimos do pressuposto que a variação sociolinguística é um meio através do qual o social é incorporado à linguagem e, por isso, a natureza do significado social é valorizada. Assim, a variação passa a ser repleta de significado. Nos procedimentos metodológicos consideramos que se trata de uma pesquisa documental, a qual fez uso de um banco de dados inerente ao projeto intitulado *Estudos Preliminares para o Inventário Nacional da Diversidade Linguística – A Língua Brasileira de Sinais no Nordeste: as variantes de João Pessoa e Recife*. A análise e discussão dos resultados foi desenvolvida com o apoio do programa ELAN, instrumento relevante para a transcrição e análise dos dados. Em um *primeiro momento*, foi feita uma análise sociointeracionista frente aos dados coletados de 96 (noventa e seis) usuários da LIBRAS, sendo 54 (cinquenta e quatro) residentes em João Pessoa e 42 (quarenta e dois) em Recife. Em um *segundo momento*, dos 200 sinais registrados na Lista de Swadesh, elegemos cinco deles que evidenciaram uma grande variação lexical: BRANCO, ESPOSO, ESPOSA, CRIANÇA e PESSOA para análise por meio do programa ELAN. O *terceiro momento*, por sua vez, voltou-se ao estudo do dialeto na comunidade, isto é, como esses sinais, agora, são usados no contexto informal de interação e comunicação. Enquanto resultados da pesquisa, podemos considerar: abordamos onde e como a língua circula em meio a seus usuários, bem como sua finalidade, relevância, idade e locais de aquisição/aprendizagem da LIBRAS, necessidade ou não de intérprete nos contextos sociais de interação, a (in) existência de material instrucional, grupos culturais e material cultural em LIBRAS, fluência desta no dia a dia e dificuldades como usuário desta língua. Na análise voltada ao *estilo*, analisamos aspectos que são particulares da LIBRAS, tais como os parâmetros de configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação e expressões facial e corporal, considerando a variação inter e intra dialetal entre dois municípios (João Pessoa e Recife), assim como o dialeto na comunidade, na prática, no contexto de uso pelos sujeitos. Por fim, descrevemos e analisamos as variantes, desde uma condição formal à informal de anúncio e, assim, valorizamos o estilo próprio que a LIBRAS evidencia, o que nos garante que, mesmo sendo uma língua sinalizada, ela é repleta de marcas indexicais e valores no campo da Sociolinguística.

**Palavras-chave:** Estilo, Variação, Sociolinguística, Língua Brasileira de Sinais.

## ABSTRACT

This thesis aims at analyzing the stylistic aspects of Brazilian sign language in use in the cities of Recife and João Pessoa, considering its variable feature in a sociolinguistic context. We assume that the sociolinguistic variation is a means through which the social is incorporated into the language and therefore the nature of social meaning is valued. Thus, variation becomes meaningful. In methodological procedures we consider that it is a documentary research, which made use of a database project entitled *Preliminary Studies for the National Inventory of Linguistic Diversity - The Brazilian Sign Language in the Northeast: the variants of João Pessoa and Recife*. The analysis and discussion of the results were developed with the support of the software ELAN, a relevant tool for the transcription and analysis of data. At first, sociointeractionist analysis with 96 (ninety-six) users of LIBRAS was done, 54 (fifty four) living in Joao Pessoa and 42 (forty-two) in Recife. As a second step, from the 200 recorded signals in the Swadesh list, we chose five of them that showed a large lexical variation for analysis with ELAN: WHITE, HUSBAND, WIFE, CHILD and PERSON. The third moment was devoted to the study of the dialect in the community, that is, how these signals now are used in the context of informal interaction and communication. As research results we can consider: where and how the language circulates among its users, as well as its purpose, relevance, age and place of acquisition / learning, the interpreter's needs in the contexts of social interaction, the (in) existence of instructional material, cultural groups and cultural material in LIBRAS, its fluency in everyday life and language difficulties with its user. In the analysis focused on style, we analyzed aspects that are particular of LIBRAS, such as configuration parameters of the hand, point of articulation, movement, orientation and facial and body expressions, considering the dialectal variation between towns (João Pessoa and Recife), as well as the dialect in the community in practice, in the context of use by subjects. Finally, we described and analyzed the variants, from an informal to a formal condition of annunciation and thus we valued the unique style that LIBRAS evidences, which assures that even as a signaled language it is full of indexical prints and value in the Sociolinguistics field.

**Keywords:** style, variation, Sociolinguistics, Brazilian sign language.

## SUMÁRIO

<b>1. Aspectos introdutórios</b> .....	<b>15</b>
<b>2. Compreendendo o <i>status</i> da Língua Brasileira de Sinais</b> .....	<b>18</b>
2.1 Um olhar da Linguística sobre a Língua Brasileira de Sinais .....	25
2.2 A organização gramatical da Língua Brasileira de Sinais .....	30
2.2.1 Plano Fonológico .....	36
2.2.2 Plano Morfológico .....	50
2.2.3 Plano Sintático .....	52
2.2.4 Plano Semântico-Pragmático .....	57
<b>3. A variação linguística no contexto da Língua Brasileira de Sinais sob o aporte da Sociolinguística</b> .....	<b>58</b>
<b>4. Compreendendo a perspectiva de <i>Estilo</i></b> .....	<b>72</b>
<b>5. Considerações Metodológicas</b> .....	<b>85</b>
<b>6. Apresentação dos dados e discussão dos resultados</b> .....	<b>92</b>
6.1 Delimitando o campo da Sociolinguística no uso da Língua Brasileira de Sinais ..	92
6.1.1 História da Língua de Sinais em João Pessoa - Paraíba.....	93
6.1.2 História da Língua de Sinais em Recife - Pernambuco .....	95
6.1.3 Análise do contexto Sociolinguístico da LIBRAS em João Pessoa e em Recife.	98
6.2 As evidências estilísticas na Língua Brasileira de Sinais.....	122
6.2.1 Descrição da variante a partir da Lista de Swadesh.....	123
6.2.2 Análise do dialeto na comunidade em uma perspectiva estilística .....	135
<b>7. Discussões Finais</b> .....	<b>142</b>
<b>Referências</b> .....	<b>145</b>
<b>Apêndice</b>	

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01:</b> Parte das mãos .....	32
<b>Figura 02:</b> Alfabeto manual - LIBRAS .....	33
<b>Figura 03:</b> Representação de palavras pela datilologia .....	34
<b>Figura 04:</b> Numeração - LIBRAS .....	35
<b>Figura 05:</b> Sinais icônicos - LIBRAS .....	35
<b>Figura 06:</b> Sinais não-icônicos - LIBRAS .....	36
<b>Figura 07:</b> Configuração das mãos.....	38
<b>Figura 08:</b> Ponto de articulação .....	41
<b>Figura 09:</b> Movimento .....	43
<b>Figura 10:</b> Sinais de ENCONTRAR, ESTUDAR e PORQUE .....	44
<b>Figura 11:</b> Sinais de ALT@, MACARRÃO e AZEITE .....	45
<b>Figura 12:</b> Sinais de BRINCAR, IDIOTA e BICICLETA.....	45
<b>Figura 13:</b> Sinais de SURD@, SAP@ e CORAGEM .....	45
<b>Figura 14:</b> Sinais de BRASIL, RIO e NAVIO .....	46
<b>Figura 15:</b> Sinais de RAI0, ELÉTRICO e DIFÍCIL .....	46
<b>Figura 16:</b> Orientação .....	47
<b>Figura 17:</b> Expressões facial e corporal.....	48
<b>Figura 18:</b> Morfologia em LIBRAS .....	51
<b>Figura 19:</b> Concordância em LIBRAS, de acordo com o contexto .....	51
<b>Figura 20:</b> Modelo de frases em LIBRAS.....	53
<b>Figura 21:</b> Tempo verbal no passado e presente, em LIBRAS .....	55
<b>Figura 22:</b> Tempo verbal no futuro, em LIBRAS .....	56
<b>Figura 23:</b> Variação regional do sinal que significa “MAS” .....	65
<b>Figura 24:</b> Variação social do sinal que significa “AJUDAR” .....	66
<b>Figura 25:</b> Mudança histórica do sinal que significa “AZUL” .....	66
<b>Figura 26:</b> Sinal PESSOA.....	68
<b>Figura 27:</b> Sinal TRABALHAR .....	69
<b>Figura 28:</b> Sinal A .....	69
<b>Figura 29:</b> Sinal ENTENDER .....	70
<b>Figura 30:</b> Sinal ESTADOS UNIDOS.....	70
<b>Figura 31:</b> Sinal PRO-1.....	71
<b>Figura 32:</b> Sinais PRO-1 e AJUDAR.....	71

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 01:</b> Concepções que envolvem o <i>status</i> das línguas de sinais .....	28
<b>Quadro 02:</b> As 46 CMs da língua de sinais brasileira .....	39
<b>Quadro 03:</b> As 64 CMs da língua de sinais brasileira.....	40
<b>Quadro 04:</b> Locações .....	42
<b>Quadro 05:</b> Categorias do movimento .....	43/44
<b>Quadro 06:</b> Expressões não-manuais da língua de sinais brasileira.....	48/49
<b>Quadro 07:</b> Algumas definições de <i>estilo</i> .....	73/74
<b>Quadro 08:</b> Esquema representativo da LIBRAS no seu contexto de uso .....	83
<b>Quadro 09:</b> Esquema representativo do perfil estilístico do sinal BRANCO .	137
<b>Quadro 10:</b> Esquema representativo do perfil estilístico do sinal CRIANÇA	138
<b>Quadro 11:</b> Esquema representativo do perfil estilístico do sinal ESPOS@	139
<b>Quadro 12:</b> Esquemas representativos do perfil estilístico do sinal PESSOA.....	141

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 01:</b> (In) existência de instituições de saúde que atendem ao usuário de LIBRAS em João Pessoa .....	99
<b>Gráfico 02:</b> Instituições de saúde que atendem ao usuário de LIBRAS em João Pessoa .....	100
<b>Gráficos 03A e 3B:</b> Necessidade ou não de intérprete / quem o disponibiliza em João Pessoa.....	101
<b>Gráficos 03C e 3D:</b> Necessidade ou não de intérprete / quem o disponibiliza em Recife .....	102
<b>Gráfico 04:</b> Dificuldades encontradas considerando o acesso à saúde em João Pessoa .....	104
<b>Gráfico 05:</b> (In) Existência de material instrucional sobre saúde em LIBRAS em João Pessoa.....	105
<b>Gráfico 06:</b> (In) Existência de grupos culturais em João Pessoa .....	107
<b>Gráfico 07:</b> Material cultural em LIBRAS em João Pessoa .....	109
<b>Gráfico 08:</b> Local (is) de aquisição / aprendizagem da LIBRAS em João Pessoa .....	111
<b>Gráfico 09A:</b> Idade de aquisição / aprendizagem da LIBRAS em João Pessoa .....	112
<b>Gráfico 09A:</b> Idade de aquisição / aprendizagem da LIBRAS em Recife.....	112
<b>Gráfico 10A:</b> Fluência da LIBRAS em João Pessoa .....	114
<b>Gráfico 10B:</b> Fluência da LIBRAS em Recife .....	115
<b>Gráfico 11:</b> Dificuldades no dia a dia como usuário de LIBRAS em João Pessoa .....	116
<b>Gráfico 12A:</b> Locais de uso da LIBRAS em João Pessoa.....	118
<b>Gráfico 12B:</b> Locais de uso da LIBRAS em Recife .....	119
<b>Gráfico 13A:</b> Necessidade de intérprete em João Pessoa.....	120
<b>Gráfico 13B:</b> Necessidade de intérprete em Recife .....	121

## 1. ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

Considerando que as línguas de sinais são naturais ao indivíduo surdo e, conseqüentemente, compartilham uma série de características que lhes atribui caráter específico e as distingue dos demais sistemas de comunicação, como afirma Moura (2000), surgiu o interesse em desenvolver esta pesquisa a fim de valorizá-la como ferramenta no contexto comunicativo do surdo. As línguas de sinais apresentam o valor linguístico semelhante às línguas orais e cumprem as mesmas funções, com possibilidades de expressão em qualquer nível de abstração.

Os estudos realizados na área da Linguística têm se tornado ferramentas importantes para a comunidade surda garantir o direito a uma abordagem bilíngue na condução de seu processo educacional. Isso se deve muito ao fato de, cada vez mais, as investigações linguísticas apresentarem argumentos definitivos que comprovam ser um equívoco pensar na existência de primazia da modalidade oral de linguagem sobre a de sinais. Esse é um dogma que não se sustenta cientificamente, pois há muitas evidências de que os sistemas linguísticos das línguas de sinais são o único caminho para as pessoas surdas terem linguagem. Isso significa, em última instância, dar a elas a oportunidade de se constituir humano ao se descobrir como diferente e único, a partir da sua interação social, primeiro dentro de uma família e, posteriormente, em diferentes grupos socioculturais (FINAU, 2006, p.217).

Assim, a fim de satisfazer essa necessidade sociocomunicativa do surdo por meio da valorização de sua língua materna, a língua de sinais, esta deixou de ser tratada como um conjunto de símbolos visuomanuais desarticulados e passou a ser concebida como “uma estrutura multiarticulada e multinivelada, com base nos mesmos princípios gerais de organização que podem ser encontrados em qualquer língua”. Além disso, foi comprovado que ao utilizá-la, são satisfeitas as mesmas funções e obtidos “os mesmos rendimentos processuais que se podem alcançar na utilização das línguas orais, mais antigamente conhecidas e reconhecidas” (BEHARES, 1993, p.43).

Este é mais um motivo pelo qual não se pode estabelecer uma primazia da língua oral sobre a de sinais, uma vez que esta evidencia as mesmas condições que a primeira, em termos de estrutura e funcionalidade. Dessa forma, precisamos – nesta tese – envolver a Língua Brasileira de Sinais

(LIBRAS) em um contexto Sociolinguístico, a fim de que os objetivos e metas aqui traçados sejam alcançados com eficácia, já que também precisamos valorizar a natureza social, que é própria desta língua.

Discutir aspectos sociolinguísticos em uma abordagem com foco no estilo de uma língua, assim como exige esta tese, resulta-nos compreender que o social e o individual se aliam à condição grandiosa de comunicar que é única do ser humano. Considerar que na língua há aspectos que tornam diferente sua ocorrência a depender do sujeito e do contexto, faz-nos valorizar o foco desta tese, em especial por considerarmos o contexto da língua de sinais, o qual necessita de um crescimento na área da Sociolinguística e do Estilo.

Reis, Machado e Barbosa (2011) mencionam que a Sociolinguística é uma área de estudo e investigação do fenômeno linguístico em seu contexto social e cultural, em situações reais de uso dentro da comunidade linguística. A teoria Sociolinguística surge em meados da década de 60 como uma espécie de reação às teorias estruturalista e gerativista transformacional, uma vez que veio propor a consolidação de uma concepção de linguagem essencialmente social, correlacionando sistematicamente a língua à história social dos falantes e considerando como ponto inicial de análise a diversidade própria de uma comunidade linguística.

Desse modo, o objeto de estudo da Sociolinguística é, justamente, a diversidade linguística, passível de ser observada, descrita e analisada em seu contexto social, conforme afirmam Mollica e Braga (2003, p. 47) “À Sociolinguística interessa a importância social da linguagem, desde pequenos grupos socioculturais a grandes comunidades”. É exatamente partindo desta ideia, que justificamos o desenvolvimento desta pesquisa, direcionando os aspectos de estilo e variação ao contexto da Língua Brasileira de Sinais.

Considerando que esta temática evidencia discussões relevantes na área, buscaremos responder ao seguinte questionamento: *Quais os aspectos de estilo presentes no uso da Língua Brasileira de Sinais em um contexto interativo?* Com base nesta problemática, levantamos a hipótese de que compreender os aspectos de estilo da Língua Brasileira de Sinais nos permitirá entender como esta se constitui e como se consolida nos diversos contextos

socioculturais e que, como toda língua, possui determinadas diferenças regionais.

Partindo dessa proposta, esta Tese de Doutorado tem como objetivo geral analisar os aspectos de estilo da Língua Brasileira de Sinais em uso nos municípios de João Pessoa e de Recife, considerando seu aspecto variacionista em um contexto sociolinguístico. Enquanto objetivos específicos, podemos elencar: traçar os locais de circulação da Língua Brasileira de Sinais; apresentar o perfil dos usuários desta língua; revelar a finalidade de uso da Língua Brasileira de Sinais em seus diversos contextos socioculturais e identificar os aspectos de variação e estilo da Língua Brasileira de Sinais, por meio da lista de SWADESH<sup>1</sup> e de uma entrevista informal em ambas as cidades.

O objetivo voltado ao estudo da variação também foi incorporado neste estudo, pois partimos do pressuposto de que a língua está em constante evolução, é dinâmica, um produto social em permanente inconclusão, “(...) é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução” (BAGNO, 2007, p.35).

Devido a este caráter de ordem heterogênea, nas línguas naturais pode ser identificado um fenômeno linguístico denominado *variação*. As línguas de sinais, por serem naturais, apresentam tais manifestações.

Assim, podemos inferir que o contexto ou situação comunicativa pode influenciar na qualidade da comunicação estabelecida por intermédio da LIBRAS, ao pensarmos em tudo o que rege e ampara esse sistema. Podemos inferir, também, que a LIBRAS – e todas as suas propriedades linguísticas – é responsável pela formação da identidade do sujeito, no sentido em que o seu uso em uma dada comunidade é capaz de revelar desejos, ideias, interesses, emoções e tudo aquilo que compete à condição humana de ser, pensar e agir. Certamente, tais posturas tendem a fortalecer o *status* que a LIBRAS vem alcançando com o passar dos anos e a realização desta pesquisa é uma intenção de colaborar neste desbravamento.

---

<sup>1</sup> A lista de palavras foi elaborada pelo linguista Morris Swadesh (1992). O linguista a usou como um meio de determinar a proximidade de qualquer par de línguas. É uma lista útil das palavras mais comuns, que são essenciais para a maioria dos idiomas e pode ser utilizado para aprender uma comunicação básica em outras línguas e até mesmo vários idiomas ao mesmo tempo, uma vez que, para a comunicação básica, o vocabulário é geralmente mais útil do que o conhecimento da sintaxe da língua-alvo.

## 2. COMPREENDENDO O STATUS DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

As discussões inerentes à consolidação da LIBRAS enquanto *língua* propriamente dita, faz-nos refletir acerca do seu papel sócio histórico, isto é, como ela vem se tornando um instrumento comunicativo indispensável com o passar dos anos àquelas pessoas com algum tipo de privação sensorial auditiva. Faz-nos refletir, ainda, não apenas na condição da língua enquanto *instrumento*, mas no seu *status*, capaz de garantir a formação e consolidação da identidade do sujeito.

Neste tópico, veremos como a LIBRAS vem se revelando em meio a usuários surdos e ouvintes, e como tais comunidades se comportam frente às possibilidades de expansão desta língua.

É interessante pensarmos que a língua funciona de acordo com o contexto na qual está inserida, que ela coopera com seus usuários e, assim, contribui para a transmissão de fatos e ideias. Assim como toda língua, a LIBRAS não pode ser vista de forma engessada e imutável, mas sim de forma dinâmica e flexível de acordo com as necessidades comunicativas daqueles que dela se utilizam.

Novaes (2010, p.49) menciona que:

Nesta visão linguística interacionista, alicerçado em um resgate histórico, temos hoje juridicamente o conceito da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, como ‘a forma de comunicação e expressão, com o sistema linguístico de natureza visual-motora, e estrutura gramatical própria’, que ‘constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil’ (Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002).

Apoiados, aqui, nessa visão histórica, identificamos que a LIBRAS é vista, desde os primórdios de seu surgimento, como um sistema linguístico, que pressupõe uma organização gramatical própria, o que lhe garante o *status* de língua, juntamente com o empoderamento social que lhe compete.

Sendo assim, Diniz (2011) menciona que, ao considerarmos a história da língua de sinais, relata-se que a LIBRAS evoluiu no século XIX, através de registros históricos, e entrou em contato com a língua de sinais francesa (LSF) nas mãos do professor surdo francês E.Huet. Ele veio ao Rio de Janeiro em

1855 com a intenção de fundar uma escola para surdos e, em 1857, com o apoio do imperador D. Pedro II, fundou o Instituto Imperial de Surdos-Mudos, o atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), na capital do Rio de Janeiro.

Vinte anos mais tarde, em 1875, surgiu a *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, a reprodução do dicionário da LSF – um dicionário de sinais para facilitar a comunicação entre alunos surdos e professores ouvintes do INES. Possivelmente alguns sinais desta *Iconographia* foram encaixados na língua de sinais presente nesta comunidade escolar. No entanto, esta liberdade de expressar a língua de sinais não durou muito, pois foi divulgado o posicionamento final sobre a língua de sinais na educação escolar que chocou todas as comunidades surdas dos países do mundo. Esta decisão voltou-se à rejeição das línguas de sinais nas escolas de surdos, enfatizando apenas a língua oral, e foi tomada durante o Congresso Internacional de Educação de Surdos, realizado em Milão no ano de 1880, cujo objetivo era discutir a qualidade da educação de surdos e a escolha do método mais adequado ao ensino. Foi votado, assim, o método oral considerado superior ao método de sinais, sendo implantado obrigatoriamente no INES, o qual ignorou quase três décadas do uso da língua de sinais, seguindo a mesma exigência em todas as escolas de surdos dos países (ROCHA, 2007; DINIZ, 2011).

Tais autores afirmam, ainda, que em virtude disso, a LIBRAS passou a ser desvalorizada e desprezada pela sociedade e pela educação. Contudo, isso não significou a “morte” da LIBRAS. No INES, os alunos surdos passaram a se comunicar de forma escondida nos refeitórios e dormitórios. Em anos posteriores, esta língua de sinais, mesmo praticada às escondidas, já estaria formada como um sistema linguístico. Então, foi difundida pelo Brasil, já que os alunos do INES eram oriundos de outros estados brasileiros, além do Rio de Janeiro, e, quando voltavam para suas casas, levavam a língua de sinais adquirida.

De acordo com Supalla (2008) e Diniz (2011), na história da evolução dos sujeitos surdos no mundo, que foi ignorada durante muitos anos pela sociedade, os surdos eram considerados como inferiores e inaptos por não terem um dos sentidos: a audição. Afirmam, ainda, que esta ignorância também afeta a educação escolar e os alunos surdos, no que se refere às

implicações sobre a língua de sinais e a aprendizagem baseada em outra língua de modalidade oral, onde os alunos surdos eram “forçados” a aprender a falar, através do método oral; a serem pessoas “normais” como as pessoas ouvintes.

Assim, a LIBRAS sempre sofreu preconceito, e houve a “proibição” do uso desta língua de sinais no INES, na educação para surdos, através da filosofia oralista do final do século XIX, por causa do congresso realizado em Milão<sup>2</sup> e da forte pressão de ser considerada uma língua “inferior”.

Por volta da década de 1980, conforme afirma Diniz (2011), foi retornado o foco da importância da LIBRAS no ensino graças a pesquisas linguísticas e pedagógicas. Na década de 1990, menciona que em função da necessidade de melhorar a qualidade do ensino na sala de aula do INES, surgiu a profissão de monitor surdo para ser mediador na transmissão e no processo de ensino-aprendizagem entre professor ouvinte e alunos surdos.

No início do século XXI, esta autora coloca, ainda, que houve uma vitória da comunidade surda do Brasil, das associações de surdos e da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), em sua luta pela valorização da língua de sinais, com a Lei nº 10.436/02. Em seguida, foi intensificada sua importância na área da educação, pelo Decreto nº 5.626/05, regulamentando a LIBRAS.

Essa história da evolução da LIBRAS é muito interessante, e é indispensável que seja recuperada para registrar a história da evolução dos sujeitos surdos no Brasil (DINIZ, 2011).

Pela observação desta evolução da LIBRAS, é provável que o desenvolvimento da estrutura linguística da mesma tenha se tornado relativamente estável e resistente na comunicação visual nas comunidades surdas, graças ao INES e a um dos documentos históricos, a *Iconographia*. Estas comunidades surdas eram formadas geralmente pelos ex-alunos do INES, que fundaram as associações de surdos no Rio de Janeiro e em outros estados brasileiros, com encontros semanais nos lugares públicos e outras estratégias (*op.cit.* p.29).

---

<sup>2</sup> O Congresso de Milão ou Congresso Internacional de Educadores de Surdos foi realizado em 1880, em Milão. Neste Congresso, o uso da língua de sinais nas escolas foi “oficialmente” abolido e o Oralismo ganhou espaço. O Oralismo e a supressão da língua de sinais acarretaram uma deterioração marcante no aproveitamento educacional das crianças surdas e na instrução dos surdos em geral (SACKS, 1998). O Congresso de Milão transformou, assim, a fala, de uma forma de comunicação para a finalidade da educação (MOURA; LODI; HARRISON, 1997).

Observamos, assim, o quão relevante é para uma língua adquirir seu status a partir do seu forte uso em uma comunidade. Um uso que tem por base uma estrutura gramatical estável e defendida por uma comunidade repleta de anseios por um reconhecimento linguístico eficaz.

Retornando ao assunto sobre a presença da *Iconographia* no INES, presumimos que é possível que houvesse interferência da LSF na LIBRAS, misturando alguns sinais na comunicação das pessoas surdas deste Instituto. Diniz (2011) coloca que se segue a suposição geral de que alguns alunos deste Instituto utilizavam alguns sinais da LSF na comunicação com outros colegas e professores, de acordo com a necessidade de produzir seus discursos junto com outros sinais já existentes do INES.

Assim, percebemos que as línguas de sinais não desapareceram, escapando das barreiras sociais e linguísticas, e hoje são consideradas como línguas humanas e naturais. Estão mais fortalecidas, apesar das consequências durante a evolução das línguas de sinais nas comunidades surdas dos países, como as pesquisas linguísticas tardias, a carência de dicionários e o preconceito linguístico, entre outras (DINIZ, 2011).

Esta autora afirma, ainda, que a LIBRAS tem, no mínimo, cento e cinquenta anos, a contar do surgimento da comunidade surda no INES em 1857. Contudo, apesar de não existirem registros históricos sobre a LIBRAS no século XIX podemos supor que havia o uso de língua de sinais mesmo antes dessa época, tendo evoluído a sua estrutura linguística a partir daí. E somente depois de duas décadas surgiu o primeiro registro em papel na forma de dicionário, a *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, em 1875.

Enfim, é essa a LIBRAS, a língua de sinais no Brasil, além da língua de sinais americana e francesa, como são as outras línguas de sinais no mundo. Algumas são respeitadas, valorizadas, fortalecidas, divulgadas pelas comunidades surdas e associações de surdos filiadas à Federação Mundial de Surdos (FMS).

O diálogo envolvendo surdez, educação e língua de sinais vem sendo ampliado nos últimos anos por profissionais envolvidos com a educação de surdos, conforme menciona Dizeu e Caporali (2005), como também pela própria comunidade surda. Segundo Moura (2000), a educação e inserção

social dos surdos constituem um sério problema, e muitos caminhos têm sido seguidos na busca de uma solução.

Vivemos em uma sociedade na qual a língua oral é imperativa, e por consequência caberá a todos que fazem parte dela se adequarem aos seus meios de comunicação, independentemente de suas possibilidades. Qualquer outra forma de comunicação, como ocorre com a língua de sinais, é considerada inferior e impossível de ser comparada com as línguas orais (DIZEU; CAPORALI, 2005, p.584).

Considerando as ideias expostas acima, essas autoras afirmam que muitos profissionais que trabalham com surdos têm uma visão sobre a língua de sinais como uma forma de comunicação, não atribuindo a ela o status de língua e considerando-a apenas uma alternativa para os surdos que não conseguiram desenvolver a língua oral. Esta é uma visão que, direta ou indiretamente, influencia na relação estabelecida com língua e, conseqüentemente, nas tentativas de valorização e empoderamento social que lhe cabem.

Segundo Skliar (1997), o oralismo é considerado pelos estudiosos uma imposição social de uma maioria linguística sobre uma minoria linguística. Como consequência do predomínio dessa visão oralista sobre a língua de sinais e sobre surdez, o surdo acaba não participando do processo de integração social. Embora a premissa mais forte que sustenta o oralismo seja a integração do surdo na comunidade ouvinte, ela não consegue ser alcançada na prática, pelo menos pela grande maioria de surdos. Isso acaba refletindo, principalmente, no desenvolvimento de sua linguagem, sendo então o surdo silenciado pelo ouvinte, por muitas vezes não ser compreendido.

Por muito tempo, as pessoas surdas foram cercadas pela noção fortemente defendida pelo oralismo de que as línguas faladas, tais como o inglês ou o Português, eram as línguas a serem usadas para situações de status elevado e que “a sinalização surda” era inferior e se adequava somente para a conversação social (SUTTON-SPENCE; QUADROS, 2006).

Complementando essas ideias, Silva (2006, p.15/16) defende que "apesar de esmagados pela hegemonia ouvinte que tenta anular a sua forma de comunicação (a língua de sinais), procurando assemelhá-los cultural e

linguisticamente aos ouvintes, resistem a essa imposição, reivindicando seus direitos linguísticos e de cidadania".

A língua de sinais representa um papel expressivo na vida do sujeito surdo, conduzindo-o, por intermédio de uma língua estruturada, ao desenvolvimento pleno. Harrison (2000) refere que essa língua fornece para a criança surda a oportunidade de ter acesso à aquisição de linguagem e de conhecimento de mundo e de si mesma.

A criança ouvinte desde seu nascimento é exposta à língua oral, dessa forma é fornecida para ela a oportunidade de adquirir uma língua natural, a qual irá permitir realizar trocas comunicativas, vivenciar situações do seu meio e, assim, possuir uma língua efetiva e constituir sua linguagem. Para a criança surda deveria ser dada a mesma oportunidade, de adquirir uma língua própria para constituir sua linguagem. A nossa sociedade não está preparada para receber o indivíduo surdo, não lhe oferecendo condições para que se desenvolva e consolide sua linguagem. Sendo assim, podemos depreciar relatos que afirmam ser a surdez causadora de limitações cognitivas e afetivas, pois a verdadeira limitação está nas condições oferecidas a esse sujeito surdo (DIZEU, CAPORALI, 2005, p.587).

Partindo das ideias expostas acima, consideramos essencial a interação do sujeito surdo em sua comunidade, quanto mais cedo possível, para que a língua de sinais se configure enquanto língua materna e fazendo com que sua aquisição seja consolidada nas etapas iniciais de desenvolvimento linguístico-cognitivo do surdo. Consideramos, de fato, que a linguagem precisa ser vista, nesse contexto, como elemento constitutivo de uma língua viva, passível de variação. É exatamente por meio dessa língua que o surdo é capaz de garantir seu estatuto enquanto sujeito.

Sendo assim, há, então, a necessidade de se colocar a criança surda próxima de seus pares o mais rápido possível, ou seja, em contato com um adulto surdo, fluente em LIBRAS, que será para essa criança o meio mais fácil de propiciar sua aquisição da língua. Nestas condições, adquirindo a LIBRAS, ela se tornará capaz de significar o mundo. Os autores citados anteriormente mencionam que as experiências mais promissoras indicam para a necessidade de atuação direta dos adultos surdos sinalizadores com os surdos que não têm acesso à língua de sinais, para que este se dê de forma rápida e eficiente,

além de isso contribuir para a formação da identidade de pessoa surda desses sujeitos.

Para que o surdo possa reconhecer sua identidade surda é importante que ele estabeleça o contato com a comunidade surda, para que realize sua identificação com a cultura, os costumes, a língua e, principalmente, a diferença de sua condição. Por intermédio das relações sociais, o sujeito tem possibilidade de aceção e representação de si próprio e do mundo, definindo suas características e seu comportamento diante dessas vivências sociais (*op.cit.*, p.593).

O que atrai o surdo a integrar-se em uma comunidade surda são as possibilidades comunicativas e a identificação de si, que lhe causam uma participação confortável de convívio. De acordo com Góes (2000), a comunidade dos surdos possibilita à criança significar-se como surdo, assim como faz com que ela se veja como sujeito pertencente a uma língua efetiva, que apresenta características próprias e que se configura como fonte de identidade.

Gradativamente, acreditamos que a LIBRAS vem ganhando espaço e valorização, uma vez que Bagno (2003) afirma que em uma perspectiva de ordem social, a língua é compreendida como parte constitutiva da identidade individual e social dos seres humanos. Assim, somos a língua que falamos e não somente usuários da mesma.

Este autor menciona, ainda, que é necessário considerá-la como uma atividade social, como “um trabalho empreendido conjuntamente pelos falantes toda vez que se põem a interagir”, fazendo com que a interpretação da língua seja uma atividade humana, uma interação social (BAGNO, 2003, p.19).

Gesser (2009) complementa esta ideia afirmando que em qualquer lugar em que haja surdos interagindo, haverá línguas de sinais. A língua dos surdos não pode ser considerada universal, já que não funciona como um *rótulo* que possa ser utilizado por todos os surdos de todas as sociedades de maneira uniforme e sem influências de uso.

Considerando, assim, a ideia de sócio-interacionismo que sustenta essa discussão, pensamos que nenhuma língua é universal, ou seja, toda língua é passível de variação e mudança. Acreditamos que tais fatores ocorrem em consonância com o contexto onde a língua circula, os atributos dos usuários,

suas intenções comunicativas e o conteúdo da informação a ser compartilhada. É por meio da língua que uma interação se inicia e se consolida; de forma viva e dinâmica, é por meio da língua que o sujeito se apropria do conhecimento e o leva a outros usuários. Isso lhe garante uma condição ímpar. À língua, sinalizada ou não, devemos toda e qualquer condição humana de existir.

Desse modo, a LIBRAS é uma língua com um *status* valorizado e socialmente operante, apresentando uma organização gramatical própria, o que lhe garante, inclusive, o direito de revelar-se como instrumento comunicativo exemplar no contexto sócio-interativo do surdo. Tais valores a Linguística é capaz de nos apresentar no tópico a seguir.

## **2.1 Um olhar da Linguística sobre a Língua Brasileira de Sinais**

A linguística parte de pressupostos básicos que determinam as investigações. Um dos mais importantes pressupostos é o de que a linguagem é restringida por determinados princípios (regras) que fazem parte do conhecimento humano e determinam a produção oral ou visuoespacial, dependendo da modalidade das línguas (falada ou sinalizada), da formação das palavras, da construção das sentenças e da construção dos textos. Os princípios expressam as generalizações e as regularidades da linguagem humana nesses diferentes níveis (QUADROS; KARNOPP, 2004).

As autoras supracitadas afirmam que, além disso, devemos considerar as investigações de aspectos específicos de cada língua, os quais revelam as características da linguagem humana. Portanto, independente do estudo de línguas específicas, tais como a língua de sinais brasileira, é possível determinar os princípios universais que regem todas as línguas. Apesar das diferenças existentes, as estruturas apresentam aspectos comuns que interessam às investigações linguísticas por explicarem a natureza da linguagem humana.

Assim, a Linguística pode ser definida como o estudo científico da língua natural humana – uma ciência que descreve línguas em todos os seus aspectos e formula teorias de como elas funcionam. Vale ressaltar que, ao conceituarmos *língua*, devemos considerar a ideia de vários estudiosos, dentre eles Bloch e Trager (1942), os quais afirmam que uma língua, na qual um

grupo social coopera, é um sistema de símbolos vocais arbitrários. Para Hall (1968) a língua(gem) é a instituição pela qual os humanos se comunicam e interagem uns com os outros por meio de símbolos arbitrários orais-auditivos habitualmente utilizados.

Observamos que estes autores aplicam a definição de língua somente às línguas orais-auditivas, mas Robins (1979), lista e discute uma série de fatos relevantes dos quais se deve observar em qualquer teoria de linguagem, ao afirmar que as línguas são sistemas de símbolos quase totalmente baseados em convenções puras ou arbitrárias, enfatizando, contudo, sua flexibilidade e adaptabilidade.

As línguas de sinais, conforme mencionam Quadros e Karnopp (2004, p.48), contem os mesmos princípios subjacentes de construção que as línguas orais, uma vez que têm um léxico, isto é, um conjunto de símbolos convencionais, e uma gramática, ou seja, um sistema de regras que regem o uso desses símbolos. Além disso, há também a hipótese de que a forma das línguas de sinais é determinada pela gramática e pela interação entre a percepção visual e a produção gestual. A partir dessa hipótese, houve um interesse cada vez maior dos linguistas no estudo das línguas de sinais em geral, uma vez que atualmente reconhecem a relevância desta linguagem para o entendimento da natureza do conhecimento linguístico.

Vale ressaltar que, a partir do surgimento das línguas de sinais francesa, a noção de língua vem sendo alargada, isto é, observamos que esta noção não pode ser amparada apenas no oral-auditivo, mas sim em uma gesticulação com um caráter e estrutura próprios, que evidenciam uma gramática particular, capaz de garantir às línguas de sinais o seu estatuto de *língua* propriamente dita. No nosso caso, eis que encontramos a Língua Brasileira de Sinais, capaz de dar ao surdo uma condição única de manter um elo comunicativo com o meio onde está inserido.

As línguas expressam a capacidade específica dos seres humanos para a linguagem, expressam as culturas, os valores e os padrões sociais de um determinado grupo social. Os surdos brasileiros usam a língua de sinais brasileira, uma língua visual-espacial que apresenta todas as propriedades específicas das línguas humanas (QUADROS; SCHMIEDT, 2006).

As línguas de sinais são consideradas naturais ao indivíduo surdo e, conseqüentemente, compartilham uma série de características que lhes atribui caráter específico e as distingue dos demais sistemas de comunicação.

As línguas de sinais são línguas naturais porque, como as línguas orais, surgiram espontaneamente da interação entre pessoas e porque devido à sua estrutura permitem a expressão de qualquer conceito – descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato – enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano (FERREIRA, 2010, p.02)

Além disso, a língua de sinais é vista enquanto língua materna dos surdos não somente por ser língua natural, mas por estar veiculada a um canal que não é o oral-auditivo, pois esta modalidade não oferece ao surdo uma aquisição espontânea da língua, ao contrário da gestual-visual, que garante uma percepção e articulação mais fácil, coerente e confortável, sendo um canal mais facilmente reconhecido pelo surdo, além de contribuir para o desenvolvimento linguístico, cognitivo e social deste sujeito (SOUSA, 2010).

Foi comprovado em 1960 por Stokoe que a língua de sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças. Ele observou, ainda, que os sinais não eram imagens, mas símbolos abstratos complexos, com uma estrutura complexa interior, sendo o primeiro a procurar uma estrutura, a analisar os sinais, dissecá-los e a pesquisar suas partes constituintes. Comprovou, inicialmente, que cada sinal apresentava pelo menos três partes independentes (em analogia com os fonemas da fala) – a localização, a configuração de mãos e o movimento – e que cada parte possuía um número limitado de combinações, as quais serão discutidas posteriormente.

Pesquisas realizadas em diversos países, a partir dos estudos de Stokoe, procuraram descrever, analisar e demonstrar o *status* linguístico das línguas de sinais, desmistificando concepções inadequadas em relação a esta modalidade de língua, tais como as enumeradas a seguir, no quadro 01. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p.31-37):

Mito	Fato
A língua de sinais seria uma mistura de pantomima e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos abstratos.	Os sinais carregam uma relação icônica de seus referentes e são capazes de expressar conceitos abstratos. São, ainda, arbitrários, não representando associações ou semelhanças visuais com o referente.
Haveria uma única e universal língua de sinais usada por todas as pessoas surdas.	As línguas de sinais são distintas e há dialetos em tais línguas, da mesma forma que há na oralidade.
Haveria uma falha na organização gramatical da língua de sinais, vista sem uma estrutura própria, subordinada e inferior às línguas orais.	As línguas de sinais são completamente independentes das línguas faladas nos países em que são produzidas. Não são um apanhado de gestos sem princípio organizacional, mas consistem em uma configuração sistêmica de uma nova modalidade de língua.
A língua de sinais seria um sistema de comunicação superficial, com conteúdo restrito, sendo estética, expressiva e linguisticamente inferior ao sistema de comunicação oral.	Não há limites práticos para a ordem, tipo ou qualidade de uma conversação em sinais, exceto aqueles impostos pela memória, experiência, conhecimento de mundo e inteligência. Em relação a isso, as línguas de sinais não são diferentes das línguas orais. Por isso, não são inferiores que a modalidade oral.
As línguas de sinais derivariam da comunicação gestual espontânea dos ouvintes.	Sabe-se que, de fato, as línguas de sinais evidenciam uma abstrata estruturação nos diversos níveis de análise, independente da comunicação gestual espontânea dos ouvintes.
As línguas de sinais, por serem organizadas espacialmente, estariam representadas no hemisfério direito do cérebro, uma vez que esse hemisfério é responsável pelo processamento de informação espacial, enquanto que o esquerdo, pela linguagem.	As línguas de sinais são processadas no hemisfério esquerdo, assim como quaisquer outras línguas; a linguagem humana independe da modalidade das línguas.

Quadro 01: Concepções que envolvem o *status* das línguas de sinais.

Fonte: Quadros; Karnopp, 2004, p. 31-37.

A língua de sinais apresenta um valor linguístico semelhante às línguas orais e que cumpre as mesmas funções, com possibilidades de expressão em qualquer nível de abstração (MOURA, 2000). Di Donato (2011) complementa esta ideia ao afirmar que *LIBRAS* é a língua usada pela comunidade surda no Brasil. É uma língua que expressa níveis linguísticos em diferentes graus, assim como as demais línguas; apresenta uma gramática com estrutura

própria, usada por um determinado grupo social (QUADROS, KARNOPP, 2004).

Muitas pessoas acreditam, erroneamente, que a língua de sinais é apenas uma coleção solta de gestos pantonímicos, combinados ao acaso para permitir uma comunicação rudimentar. Na verdade, a língua de sinais é um sistema linguístico altamente estruturado, com toda a complexidade gramatical das línguas faladas. A língua de sinais e a falada compartilham propriedades abstratas, mas diferem radicalmente em sua forma externa. As línguas faladas são codificadas em mudanças acústico-temporais – variações do som no tempo; as línguas de sinais, contudo, baseiam-se em mudanças visuoespaciais para assimilar contrastes linguísticos (HICKOK; BELLUGI; KLIMA; 2005).

Outros estudos, como os de Bouvet (1990) mostram que as línguas de sinais são adquiridas pelos surdos de forma natural e rápida, pois permitem uma comunicação eficiente e completa como aquela desenvolvida por sujeitos ouvintes, possibilitando aos surdos um desenvolvimento cognitivo, social e, em outros aspectos, muito mais adequado, compatível com a faixa etária.

Lacerda (2000) acredita que o surdo deve ser competente na língua de sinais, pois é uma língua passível de ser adquirida por eles sem que sejam necessárias condições especiais de “aprendizagem”. A língua de sinais permite o desenvolvimento rico e pleno da linguagem, concedendo ao surdo um desenvolvimento integral, possibilitando-o não só uma maior integração, como a construção de novos conhecimentos.

Dessa forma, as línguas de sinais deixaram de ser tratadas como um conjunto de símbolos visuomanuais desarticulados e passaram a ser concebidas como “uma estrutura multiarticulada e multinivelada, com base nos mesmos princípios gerais de organização que podem ser encontrados em qualquer língua”. Além disso, foi comprovado que ao utilizá-la, são satisfeitas as mesmas funções e obtidos “os mesmos rendimentos processuais que se podem alcançar na utilização das línguas orais, mais antigamente conhecidas e reconhecidas” (BEHARES, 1993, p.43).

Sabemos que a língua de sinais apresenta característica formal (pois possui regras que regem a formação dos sinais, bem como a sintaxe que é própria e característica, que são representadas através da expressão corporo-facial) e icônica (por apresentar uma relação básica direta entre o sinal e o

objeto representado, que ocorre quando o sinal é criado), porém, com o tempo, o sinal vai perdendo essa forma icônica para tornar-se simbólico, como é o caso dos sinais de “casa” e “telefone”.

Fernandes (2003) afirma que as línguas de sinais, assim como as orais, possuem uma gramática própria, com regras específicas em seus níveis linguísticos – pragmático, fonológico, morfológico, sintático e semântico. Dessa forma, a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) possui sua própria organização enquanto *língua*, com regras distintas da língua portuguesa, e assim, não pode ser vista como uma língua morta, mas sim, uma língua que dá possibilidades de expressividade ao surdo, em seus mais diversos contextos sócio-culturais.

No caso de uma comunidade de ouvintes, a linguagem verbal é normalmente tomada como meio de comunicação, sendo, habitualmente, acompanhada da linguagem não-verbal para enriquecer as trocas sociais. Por outro lado, em uma comunidade na qual os participantes são surdos é comum observar que a língua tomada como instrumento é sinalizada e, através do uso sistematizado desses sinais, os surdos podem se comunicar de forma eficaz com outros surdos e até mesmo com ouvintes, desde que estes tenham o conhecimento desta língua.

Partindo desse pressuposto, apresentaremos, a partir de então, as características próprias da língua de sinais, e incluindo, posteriormente, seus planos fonológico, morfológico, sintático e semântico-pragmático.

## **2.2 A Organização gramatical da Língua Brasileira de Sinais**

De acordo com Di Donato (2011), as línguas de sinais consistem em línguas naturais, que proporcionam o desenvolvimento global do indivíduo, independente da sua condição de ouvinte ou surdo. Tal fato ocorre porque as crianças ouvintes, ao adquirirem uma dada língua de sinais como primeira língua, possuirão a mesma condição de desenvolvimento da linguagem que as proporcionariam a língua oral.

Conforme abordado anteriormente, assim como os demais idiomas existentes atualmente, a *Língua Brasileira de Sinais* (LIBRAS) é, também, um idioma que possui uma estrutura gramatical própria, contendo particularidades idiomáticas e variações regionais. Em cada país do mundo fala-se uma língua

de sinais diferente. Nos Estados Unidos, por exemplo, a língua de sinais usada pelos surdos é conhecida como ASL (*American Sign Language*), uma língua que teve parte de seu vocabulário derivada da *Língua Francesa de Sinais* há mais de 180 anos. Na Itália, a língua de sinais é conhecida como LSI (*Língua de Sinais Italiana*). As línguas de sinais não se padronizam por meio das línguas faladas em diferentes países, isto é, embora na Inglaterra e nos Estados Unidos se tenha o inglês como língua comum, a língua de sinais desses países são completamente diferentes (CASTRO, CARVALHO, 2005).

Os autores supracitados afirmam que a LIBRAS é, dessa forma, um idioma gestual-visual principalmente focado na memória fotográfica, na construção de imagens no cérebro e no relacionamento desses elementos visuais entre si.

As línguas de sinais são de modalidade gestual-visual, e o espaço é o canal de comunicação. Nele, frases, textos e discursos são produzidos e articulados através dos sinais, ou até mesmo pela datilologia, conforme será abordado brevemente. São consideradas línguas naturais, pois surgiram da interação espontânea entre indivíduos. Elas possuem gramática própria, além dos níveis linguísticos, fonológico, morfológico, semântico, sintático e pragmático, o que possibilita aos seus usuários expressarem diferentes tipos de significados, dependendo da necessidade comunicativa e expressiva do indivíduo. Além disso, as línguas de sinais não descendem e nem dependem das línguas orais (SOUSA, 2010).

De acordo com Rodrigues (2012), o Estatuto linguístico da LIBRAS foi homologado pela Lei 10.436/2002 e, por ela, consolidada sua condição de estrutura linguística composta de todos os componentes pertinentes às línguas convencionais, preenchendo os requisitos científicos para ser considerada instrumental linguístico de poder e força. Coutinho (2012) também aborda, em seu trabalho, essas ideias, com base em Coutinho (2000).

Assim, para que sua realização seja possível, temos, a seguir, uma imagem ilustrativa da mão, instrumento corporal utilizado para a transmissão de conceitos, ideias e pensamentos por meio dos sinais que são gesticulados (figura 1).

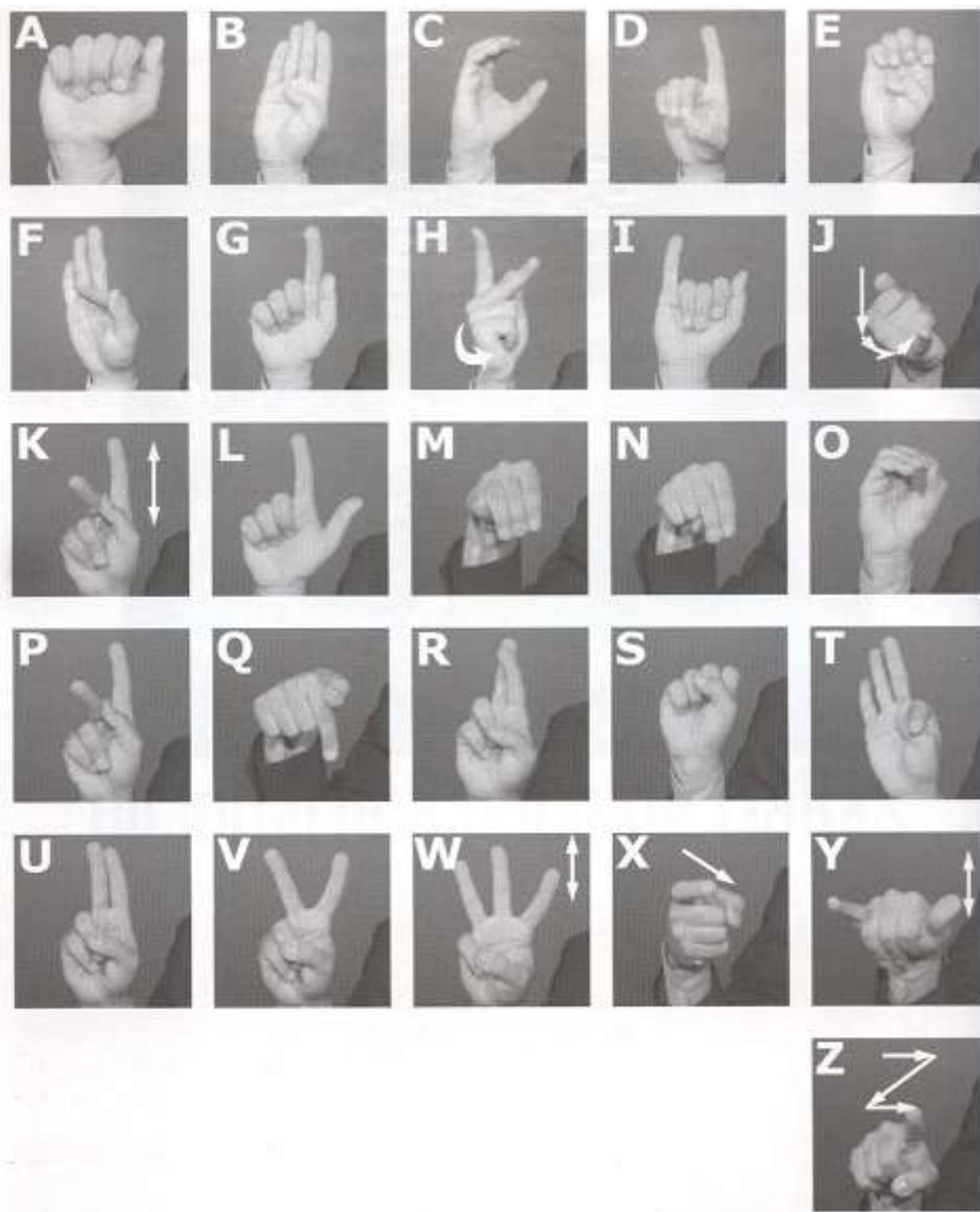


**Figura 1: Parte das mãos.**

**FONTE: CASTRO E CARVALHO, 2005.**

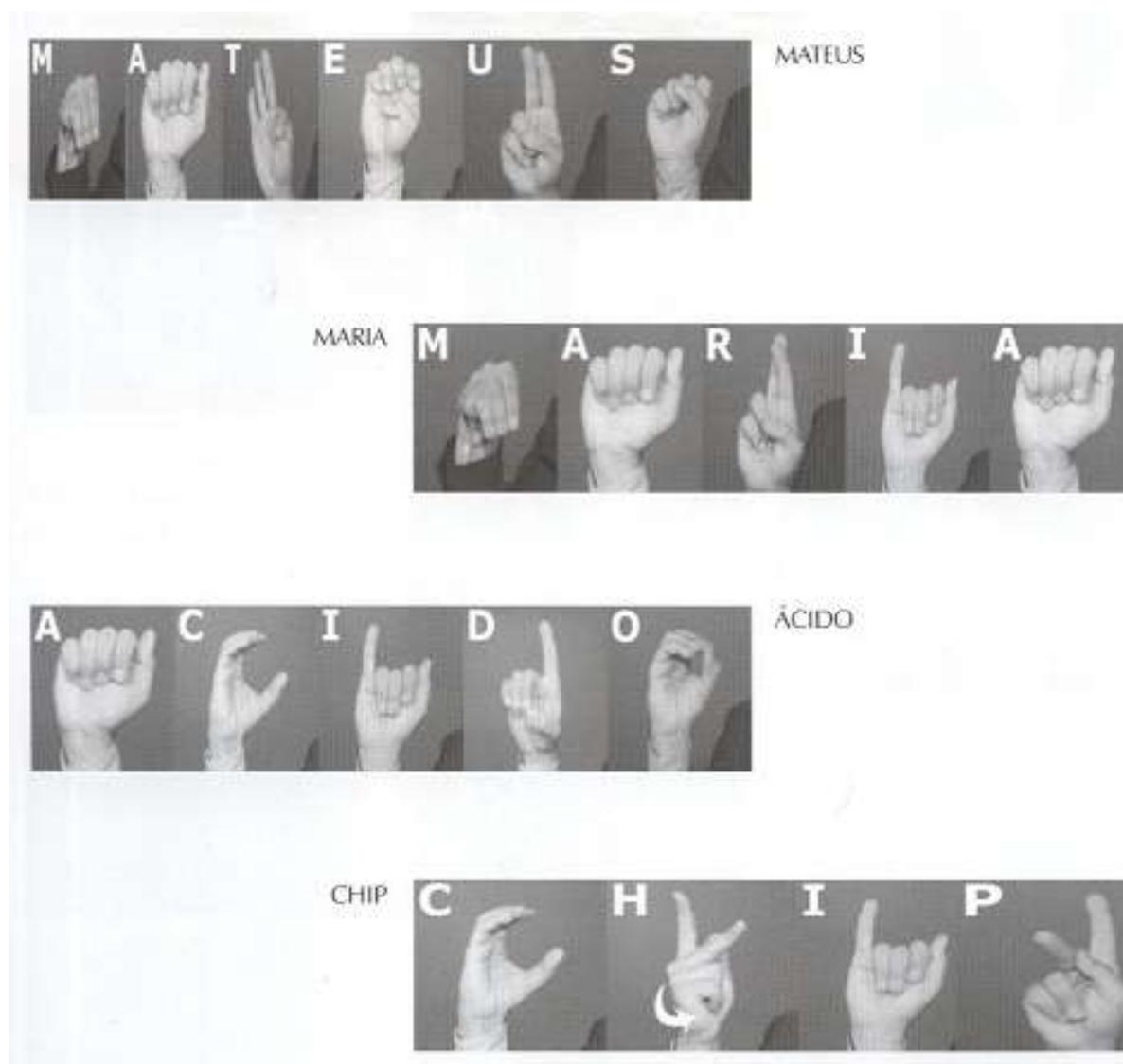
Na LIBRAS, devemos considerar, ainda, o *alfabeto manual*, *alfabeto digital* ou, ainda, a *datilologia* (figura 2 – de A a Z), o qual permite a soletração e tradução para qualquer língua alfabética e é considerada secundária por basear-se em um primeiro sistema, o da língua alfabética (ALMEIDA, 2000).

Castro e Carvalho (2005), por sua vez, afirmam que a *datilologia* é o ato de soletrar qualquer palavra usando o alfabeto manual ou os números em LIBRAS com o objetivo de expressar nomes de pessoas, nomes de lugares e outros nomes de coisas que não possuem um sinal definitivo em LIBRAS.



**Figura 2: Alfabeto manual – LIBRAS**  
**FONTE: CASTRO E CARVALHO, 2005.**

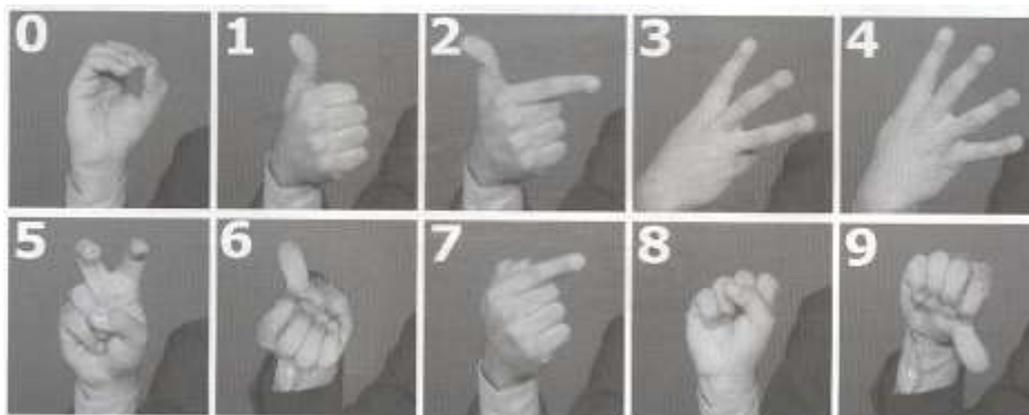
Segundo Ramos (2007), mesmo sendo resultado da pesquisa de ouvintes no sentido de ensinar o surdo a falar, a maior parte das comunidades surdas de todo o mundo utiliza a datilologia em suas línguas de sinais. Ela pode constituir palavras estrangeiras, nomes próprios que ainda não tenham recebido o "apelido" em sinal, nomes de lugares ou palavras novas, como exemplificadas abaixo na figura 3.



**Figura 3: Representação de palavras pela datilologia.**

**FONTE: CASTRO E CARVALHO, 2005.**

Além da representação alfabética, a datilologia também pode representar os números arábicos, o milhar, o milhão e o bilhão (figura 4).



**Figura 4: Numeração – LIBRAS**

**FONTE: CASTRO E CARVALHO, 2005.**

Considerando, ainda, a constituição da LIBRAS, Castro e Carvalho (2005) afirmam que muitos sinais foram criados pela observação de detalhes específicos do mundo real, possuindo, assim, uma motivação icônica. No entanto, a LIBRAS é, comprovadamente, considerada mais do que apenas uma simples forma de comunicação por mímicas ou gestos; é considerada uma língua com uma estrutura e complexidade própria, além de inúmeras características linguísticas, capaz de expressar, com riqueza de detalhes, quaisquer tipos de informações. As mímicas e os gestos, embora usados, são, na verdade, uma pequena parte acessória durante a comunicação em LIBRAS. Temos, assim exemplificados na figura 5, alguns sinais icônicos, ou seja, caracterizados pela percepção do mundo real.



**Figura 5: Sinais icônicos – LIBRAS**

**FONTE: CASTRO E CARVALHO, 2005.**

Strobel e Fernandes (1998) afirmam que os sinais icônicos são aqueles que fazem alusão à imagem do seu significado. Muitos outros sinais, por outro lado, não indicam uma iconicidade; são os arbitrários, os quais não mantem nenhuma semelhança com o dado da realidade que representam, como observamos na figura 6.



**Figura 6: Sinais não-icônicos – LIBRAS**

**FONTE: CASTRO E CARVALHO, 2005.**

Conforme descrito anteriormente, Stokoe comprovou a complexidade da língua de sinais, na medida em que, assim como línguas orais, elas possuem regras gramaticais, léxico, e permitem a expressão de conceitos abstratos, e a produção de uma quantidade infinita de sentenças (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Partindo das características da LIBRAS até então descritas, podemos observar como a mesma está organizada gramaticalmente, isto é, os planos que a constituem e a caracterizam enquanto *língua*.

### **2.2.1 PLANO FONOLÓGICO**

Segundo Quadros e Karnopp (2004), a Fonologia das línguas de sinais é o ramo da linguística que procura identificar a estrutura e a organização dos constituintes fonológicos, propondo modelos descritivos explanatórios, e tem como objetivos determinar quais são as unidades mínimas que formam os sinais e estabelecer quais são os padrões possíveis de combinação entre essas unidades e as variações possíveis no ambiente fonológico.

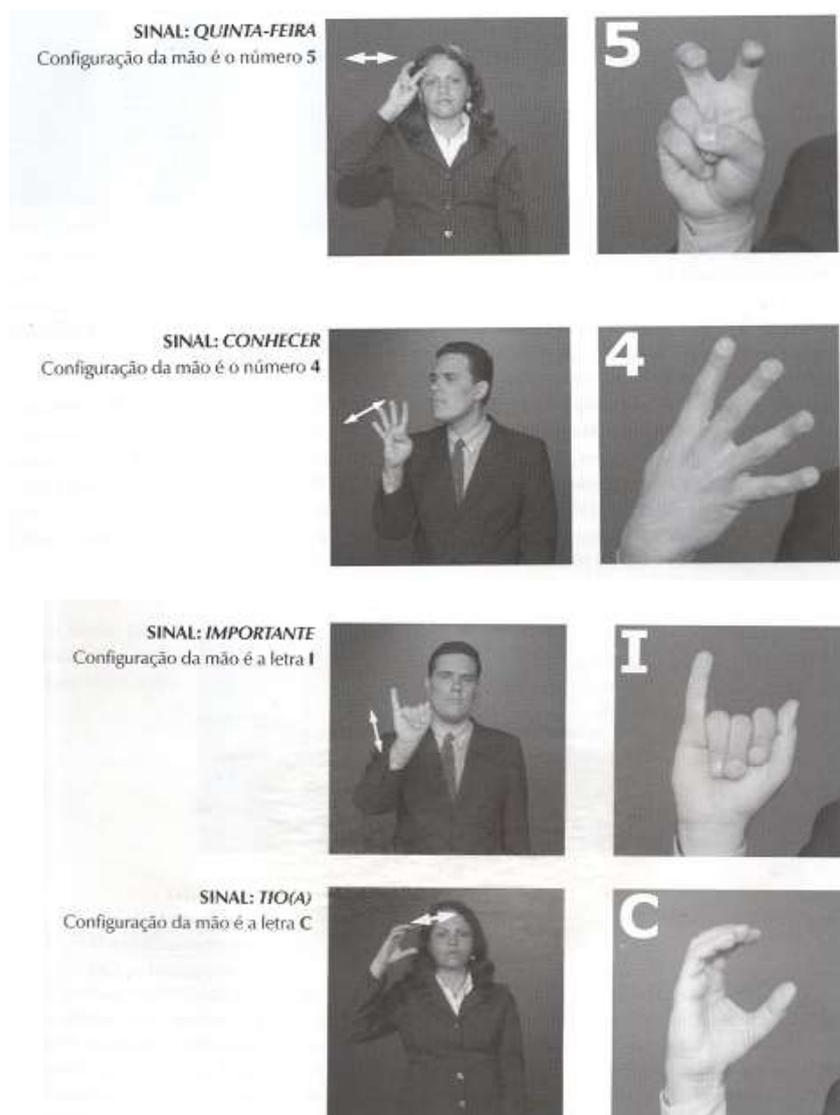
A tarefa do fonologista é identificar quais são as unidades mínimas do sistema, quais aspectos dessas unidades são contrastivos e como essas unidades são restringidas por diferenças e similaridades sensoriais entre língua de sinais e línguas orais (BRENDARI, 1995, p.615).

Ainda no que se refere à língua de sinais, Stokoe, em 1960, propôs o termo “quirema” às unidades formacionais dos sinais (configuração de mão, locação e movimento) e, ao estudo de suas combinações, propôs o termo “quirolgia” (do grego ‘mão’). Outros pesquisadores, incluindo Stokoe em edição posterior (1978), têm utilizado os termos “fonema” e “fonologia” estendendo seus significados de modo a abarcar a realização linguística visual-espacial. Quadros e Karnopp (2004, p.48) citam a afirmação de Klima e Bellugi (1979), Wilbur (1987) e Hulst (1993) que expõem que “o argumento para a utilização desses termos é o de que as línguas de sinais são línguas naturais que compartilham princípios linguísticos subjacentes com as línguas orais, apesar das diferenças de superfície entre fala e sinal”.

Os articuladores primários das línguas de sinais são as mãos, que se movimentam no espaço em frente ao corpo e articulam sinais em determinados pontos nesse espaço. Um sinal pode ser realizado com uma ou duas mãos, não interferindo no significado do mesmo se realizado com a mão direita ou esquerda. Apesar da fonologia da língua brasileira, assim como as outras línguas de sinais, ser basicamente produzida pelas mãos, os movimentos do corpo e da face desempenham funções fonológicas (QUADROS; KARNOPP, 2004). Por meio de cinco parâmetros bem definidos, os sinais são padronizados, o que caracteriza este nível fonológico, como descrito a seguir (FERNANDES, 2003; CASTRO; CARVALHO, 2005).

✓ *Configuração de mão (CM)*: para cada sinal feito, uma ou as duas mãos podem assumir uma forma específica. Muitas vezes, essa forma pode ser a mesma do alfabeto manual (de A até Z) ou dos números (de 0 até 9), embora haja outras formas diferentes usadas. Pode ocorrer apenas uma mão configurada, uma mão configurada sobre a outra que lhe serve de apoio e a configuração espelhada das duas mãos (figura 7). Coutinho (2000), por outro lado, menciona que se chama de configuração das mãos a forma que as mesmas adquirem no início da realização de cada sinal. Algumas

configurações vão sendo modificadas à medida que o sinal vai sendo realizado. Os sinais são associados a letras do alfabeto manual, ou a algarismos ou a formas genuínas.



**Figura 7: Configuração das mãos.**

**FONTE: CASTRO E CARVALHO, 2005.**

Um outro trabalho bem relevante neste contexto é o de Ferreira (2010), no qual a língua de sinais brasileira apresenta 46 CMs (ver quadro 02 a seguir), um sistema bastante similar àquele da ASL, embora nem todas as línguas de sinais partilhem o mesmo inventário de CMs.

Dessa forma, o conjunto de CMs refere-se apenas às manifestações de superfície, isto é, de nível fonético, encontradas na língua de sinais brasileira (QUADROS; KARNOPP, 2004).

1	2	3	4	5	6	
7	8	9	10	11	12	
13	14	15	16	17	18	19

**Quadro 02: As 46 CMs da língua de sinais brasileira.**

**FONTE: FERREIRA, 2010.**

Por fim, uma última classificação bem relevante é a de Tanya Felipe (2005), que apresenta-nos 64 configurações de mão, muito utilizada em diversas produções científicas nacionais, tal como exposto no quadro 03.

✓ *Ponto de Articulação ou Locação (L)*: é o local onde a mão já configurada é posicionada. A mão pode tocar, bater ou ser posicionada em um ponto inicial da qual deslizará para outro ponto do corpo. Pode, ainda, ser posicionada em um espaço neutro (espaço à frente ou ao lado do corpo, seja na direita, esquerda em cima, no meio ou em baixo). Assim, o sinal pode ser localizado na região superior (cabeça ou pescoço), média (tronco) ou inferior (da cintura ao meio da coxa), onde serão articulados (figura 8).

## Configurações de Mão da Libras



Quadro 03: As 64 CMs da língua de sinais brasileira.

FONTE: FELIPE, 2005.



**Figura 8: Ponto de articulação.**

**FONTE: CASTRO E CARVALHO, 2005.**

O quadro a seguir (quadro 04) descreve as locações adaptadas para a língua de sinais brasileira por Ferreira (2010). As locações dividem-se em quatro regiões principais: cabeça, mão, tronco e espaço neutro.

<b>Cabeça</b>	<b>Tronco</b>	<b>Mão</b>
Topo da cabeça	Pescoço	Palma
Testa	Ombro	Costas das mãos
Rosto	Busto	Lado do indicador
Parte superior do rosto	Estômago	Lado do dedo mínimo
Parte inferior do rosto	Cintura	Dedos
Orelha	Braços	Ponta dos dedos
Olhos	Braço	Dedo mínimo
Nariz	Antebraço	Anular
Boca	Cotovelo	Dedo médio
Bochechas	Pulso	Indicador
Queixo		Polegar
<b>Espaço neutro</b>		

#### **Quadro 04: Locações.**

**FONTE: FERREIRA-BRITO E LANGEVIN, 1995.**

✓ *Movimento (M)*: para que haja movimento, é preciso haver objeto e espaço. Nas línguas de sinais, a(s) mão(s) do enunciador representa(m) o objeto, enquanto o espaço em que o movimento se realiza (o espaço de enunciação) é a área em torno do corpo do enunciador (FERREIRA, 2010).

Alguns sinais precisam de um movimento específico para expressar, corretamente, o significado, podendo ser o bater, deslizar, apertar, girar, etc. Assim, uma mão pode aproximar-se, afastar-se ou mover-se em espaço fixo em relação ao corpo que lhe serve como ponto de referência; uma mão mover-se em direção à outra, que lhe serve de apoio; a mão de apoio permanece sem movimento ou acompanha o movimento imposto pela mão dominante ou as duas mãos apresentam movimento espelhado, aproximando-se ou mantendo-se no espaço fixo em relação ao corpo (figura 9).



**Figura 9: Movimento.**

**FONTE: CASTRO E CARVALHO, 2005.**

Os movimentos identificados por Ferreira (2010) referem-se ao tipo, direcionalidade, maneira e frequência do movimento. Assim, o movimento pode estar nas mãos, pulsos e antebraço; os movimentos direcionais podem ser uni, bi ou multidirecionais; a maneira é a categoria que descreve a qualidade, a tensão e a velocidade do movimento; a frequência refere-se ao número de repetições de um movimento. O quadro a seguir (quadro 05) mostra as categorias do movimento.

<b>Categorias do parâmetro <i>movimento</i> na língua de sinais brasileira</b>
<p><b>TIPO</b></p> <p><i>Contorno ou forma geométrica:</i> retilíneo, helicoidal, circular, semicircular, sinuoso, angular, pontual;  <i>Interação:</i> alternado, de aproximação, de separação, de inserção, cruzado;  <i>Contato:</i> de ligação, de agarrar, de deslizamento, de toque, de esfregar, de riscar, de escovar ou de pincelar;  <i>Torcedura do pulso:</i> rotação, com refreamento;  <i>Dobramento do pulso:</i> para cima, para baixo;  <i>Interno das mãos:</i> abertura, fechamento, curvamento e dobramento (simultâneo/gradativo).</p>
<p><b>DIRECIONALIDADE</b></p> <p><i>Direcional:</i></p> <p>- <i>Unidirecional:</i> para cima, para baixo, para a direita, para a esquerda, para dentro, para fora, para o</p>

centro, para a lateral inferior esquerda, para a lateral inferior direita, para a lateral superior esquerda, para a lateral superior direita, para específico ponto referencial;

- *Bidirecional*: para cima e para baixo, para a esquerda e para a direita, para dentro e para fora, para laterais opostas – superior direita e inferior esquerda;

*Não-direcional*

#### MANEIRA

*Qualidade, tensão e velocidade*

- *contínuo*;

- *de retenção*;

- *refreado*.

#### FREQUÊNCIA

*Repetição*

- *simples*;

- *repetido*.

### Quadro 05: Categorias do movimento.

**FONTE: FERREIRA-BRITO, 1995.**

Strobel e Fernandes (1998), por sua vez, fazem outras considerações a respeito deste Parâmetro. Consideram que o movimento pode ser: retilíneo, helicoidal, circular, semicircular, sinuoso e angular, conforme imagens a seguir (figuras 10 a 15).

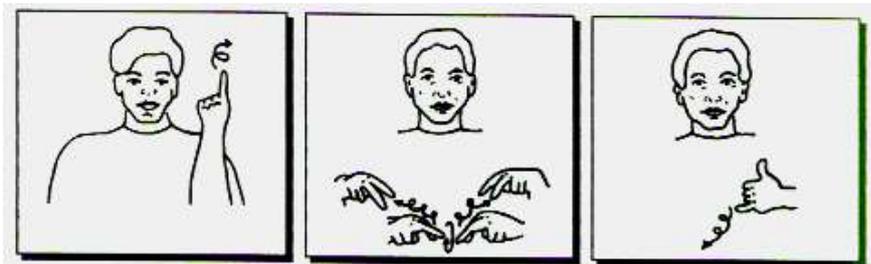
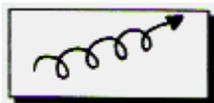
a) Movimento retilíneo



**Figura 10: Sinais de ENCONTRAR, ESTUDAR e PORQUE, respectivamente.**

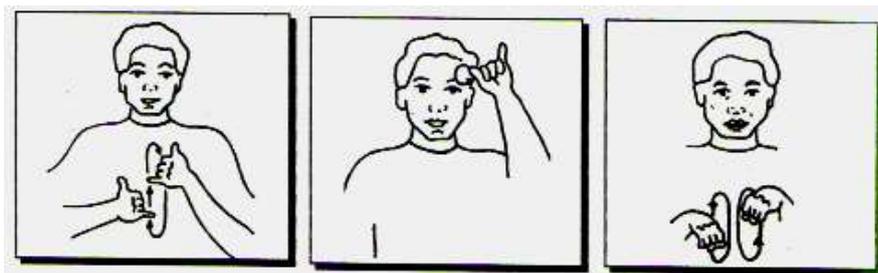
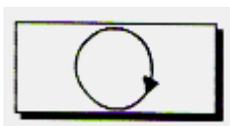
**FONTE: STROBEL; FERNANDES, 1998.**

b) Movimento helicoidal



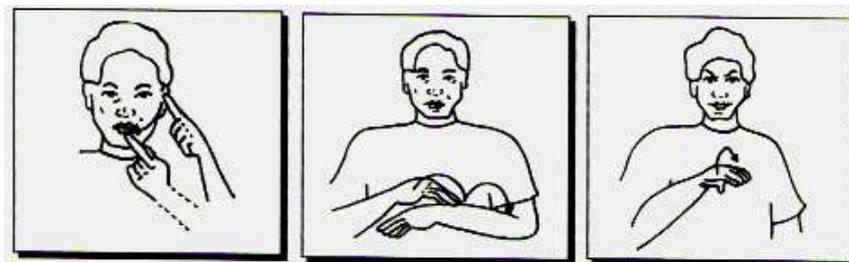
**Figura 11: Sinais de ALT@, MACARRÃO e AZEITE, respectivamente.  
FONTE: STROBEL; FERNANDES, 1998.**

c) Movimento circular



**Figura 12: Sinais de BRINCAR, IDIOTA e BICICLETA, respectivamente.  
FONTE: STROBEL; FERNANDES, 1998.**

d) Movimento semicircular



**Figura 13: Sinais de SURD@, SAP@ e CORAGEM, respectivamente.  
FONTE: STROBEL; FERNANDES, 1998.**

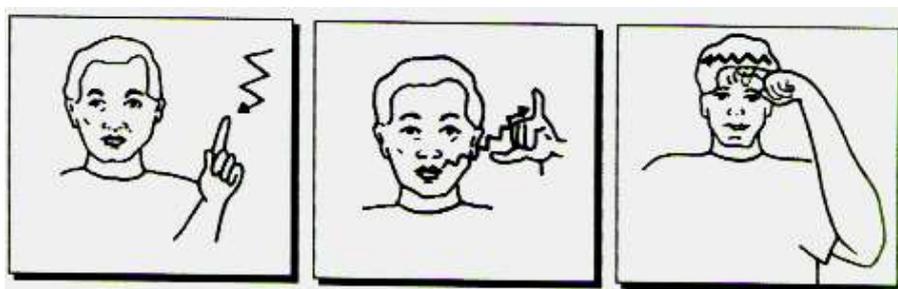
e) Movimento sinuoso



**Figura 14: Sinais de BRASIL, RIO e NAVIO, respectivamente.**

**FONTE: STROBEL; FERNANDES, 1998.**

f) Movimento angular



**Figura 15: Sinais de RAIO, ELÉTRICO e DIFÍCIL, respectivamente.**

**FONTE: STROBEL; FERNANDES, 1998.**

✓ *Orientação (Or):* é a direção na qual o sinal será feito (figura 16). A partir de qualquer parte do corpo ou do espaço neutro, os sinais podem ou não se movimentar da direita para esquerda ou da esquerda para direita, de cima para baixo ou de baixo para cima, girar em sentido horário ou anti-horário e até mesmo movimentos diagonais para cima, para baixo, à esquerda ou à direita. A direção que um sinal é realizado expressa um significado específico e sua inversão de direção pode, em muitos casos, expressar um significado inverso,

um outro significado ou, em alguns casos, pode não ter significado algum (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001).



**Figura 16: Orientação.**

**FONTE: CASTRO E CARVALHO, 2005.**

✓ *Expressões facial e corporal:* diversos sinais necessitam de uma expressão facial e/ou corporal para dar o sentido e a emoção correta. É natural para os ouvintes mudarem estas expressões de acordo com o que falam e com os seus sentimentos. Essas expressões evidenciam realismo, desconfiança, tristeza, alegria, depressão, ansiedade e muitos outros sentimentos, como observamos na figura 17 e no quadro 06, a seguir.



**Figura 17: Expressões facial e corporal.**

**FONTE: CASTRO E CARVALHO, 2005.**

#### Expressões não-manuais da LIBRAS

##### Rosto

##### *Parte superior*

Sobrancelhas franzidas

Olhos arregalados

Lance de olhos

Sobrancelhas levantadas

##### *Parte inferior*

Bochechas infladas

Bochechas contraídas

Lábios contraídos e projetados e sobrancelhas franzidas

Correr da língua contra a parte inferior interna da bochecha

Apenas bochecha direita inflada

Contração do lábio superior

Fransir do nariz
<p><b>Cabeça</b></p> <p>Balanceamento para frente e para trás (sim)</p> <p>Balanceamento para os lados (não)</p> <p>Inclinação para frente</p> <p>Inclinação para o lado</p> <p>Inclinação para trás</p>
<p><b>Rosto e cabeça</b></p> <p>Cabeça projetada para frente, olhos levemente cerrados, sobrancelhas franzidas</p> <p>Cabeça projetada para trás e olhos arregalados</p>
<p><b>Tronco</b></p> <p>Para frente</p> <p>Para trás</p> <p>Balanceamento alternado dos ombros</p> <p>Balanceamento simultâneo dos ombros</p> <p>Balanceamento de um único ombro</p>

**Quadro 06: Expressões não manuais da língua de sinais brasileira**

**FONTE: FERREIRA-BRITO E LANGEVIN, 1995.**

Para concluir essas discussões inerentes à Fonologia, cabe-nos fazer algumas considerações junto à Fonética, tais como abordam Quadros e Karnopp (2004).

A fonética e a fonologia das línguas de sinais são áreas da Linguística que estudam as unidades mínimas dos sinais que não apresentam significado isoladamente. Por terem o mesmo objeto de estudo, são áreas relacionadas. No entanto, esse mesmo objeto é tomado de pontos de vista diferentes. A principal preocupação da fonética é *descrever* as unidades mínimas dos sinais, isto é, as propriedades físicas, articulatórias e perceptivas de configuração e orientação de mão, movimento, locação, expressão corporal e facial. Pode-se, deste modo, considerar a fonética como a área que investiga o aspecto material das unidades mínimas das línguas de sinais. Ela estuda os aspectos físicos dos sinais, ou seja, as bases visuais relacionadas com a percepção e as bases fisiológicas relacionadas com a produção. Estuda, por fim, as unidades mínimas dos sinais independentemente da função que eles possam desempenhar numa língua determinada. Suas unidades básicas são transcritas entre colchetes (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Já a Fonologia das línguas de sinais, conforme mencionam essas autoras, é um ramo da Linguística que objetiva identificar a estrutura e a organização dos constituintes fonológicos, propondo modelos descritivos e explanatórios. A primeira tarefa da fonologia para as línguas de sinais é determinar quais são as unidades mínimas que formam os sinais. A segunda tarefa é estabelecer quais são os padrões possíveis de combinação entre essas unidades e as variações permitidas / possíveis no ambiente fonológico. A fonologia estuda, assim, as diferenças percebidas e produzidas relacionadas com as diferenças de significado. Por isso, considera os parâmetros descritos anteriormente (configuração de mão, locação, movimento, expressões não-manuais e orientação de mão) segundo a função que eles cumprem numa língua específica, as unidades relacionadas às diferenças de significado e a sua interrelação significativa para formar sílabas, morfemas e sinais.

A fonética e a fonologia são áreas diferentes que operam com seus próprios métodos; porém, elas se condicionam mutuamente em seu valor e desenvolvimento. Por exemplo, descrever a fonologia de uma língua de sinais sem considerar o aspecto fonético seria absurdo. Do mesmo modo, o estudo da fonética de uma língua de sinais resulta pouco proveitoso se não se considerar a função que os elementos fônicos desempenham no sistema dessa língua (QUADROS; KARNOPP, p. 84).

Partindo do que foi exposto, vamos, então, entender os princípios que regem a Morfologia das línguas de sinais, como descrito a seguir.

## **2.2.2 PLANO MORFOLÓGICO**

O plano morfológico “caracteriza-se pelo estudo da forma e divide-se em dois subplanos: o das classes de palavras propriamente dito e aquele que estuda a estrutura e a formação das palavras” (FERNANDES, 2003, p. 41). Uma das principais funções da morfologia é a mudança de classe, isto é, a utilização da ideia de uma palavra em outra classe gramatical. Forma-se, assim, um novo sinal a partir da ideia de um sinal já existente num contexto que requer uma classe gramatical diferente. Na língua de sinais encontramos esse tipo de processo morfológico na derivação de nomes em verbos e verbos em nomes (QUADROS; KARNOPP, 2004), como exemplificados na figura 18.



**Figura 18: Morfologia em LIBRAS.**

**FONTE: CASTRO E CARVALHO, 2005.**

O classificador é um elemento muito importante da comunicação em LIBRAS. Significa adaptar os sinais de acordo com o contexto, com o objetivo dessa configuração das mãos dar concordância de gênero (figura 19). Essa adaptação é feita com base na imagem do pensamento visando refletir, por meio dos sinais, a realidade dos objetos, dos animais, dos verbos, das pessoas e das demais coisas. Em outras palavras, se falarmos em LIBRAS sobre algum animal, sobre algum objeto qualquer ou, ainda, sobre certo fato, devemos lembrar das características dessas coisas e fazer os sinais ou adaptá-los para refletir a forma, o movimento e os demais hábitos observados no mundo real (CASTRO; CARVALHO, 2005).



**Figura 19: Concordância em LIBRAS, de acordo com o contexto.**

**FONTE: CASTRO E CARVALHO, 2005.**

Morfologia é o estudo da estrutura interna das palavras ou dos sinais, assim como das regras que determinam a formação das palavras. A palavra morfema deriva do grego *morphé*, que significa forma. Os *morfemas* são as unidades mínimas de significado. Alguns morfemas por si só constituem palavras, outros nunca formam palavras, apenas constituindo partes de palavras. Desta forma, tem-se os morfemas presos que, em geral, são os sufixos e os prefixos, uma vez que não podem ocorrer isoladamente, e os morfemas livres que constituem palavras (QUADROS; KARNOPP, 2004, p.86).

As línguas de sinais são sintéticas, e por isso não têm artigo, como ocorre em determinadas línguas orais-auditivas como o latim clássico, assim como não possui uma lista grande de preposições e artigos, como encontramos na Língua Portuguesa.

Quando as palavras não possuem sinais próprios utilizamos a datilologia, porém esse recurso é utilizado por influência das línguas orais-auditivas; contudo, não é um traço gramatical das línguas de sinais.

São pelas razões descritas que o plano morfológico correlaciona-se diretamente aos planos sintático e semântico-pragmático, como abordados a seguir.

### **2.2.3 PLANO SINTÁTICO**

O plano sintático “é o estudo das inter-relações dos elementos estruturais da frase e das regras que regem a combinação das sentenças” (FERNANDES, 2003, p. 42). Como foi mencionado, tem como característica principal o *sinteticismo*. Caracteriza-se como língua pela combinação de sinais (figura 20).



**Figura 20: Modelo de frases em LIBRAS.**

**FONTE: CASTRO E CARVALHO, 2005.**

No espaço em que são realizados os sinais, o estabelecimento nominal e o uso do sistema pronominal são essenciais para tais relações sintáticas. O discurso requer o estabelecimento de um local no espaço de sinalização, qualquer que seja a referência usada (QUADROS; KARNOPP, p. 127).

Esse local pode ser citado através de vários mecanismos espaciais, tais como: fazer o sinal em um lugar específico; direcionar a cabeça e os olhos e, às vezes, o corpo em direção a uma localização particular simultaneamente com o sinal de um substantivo ou apontando este; usar a apontação ostensiva

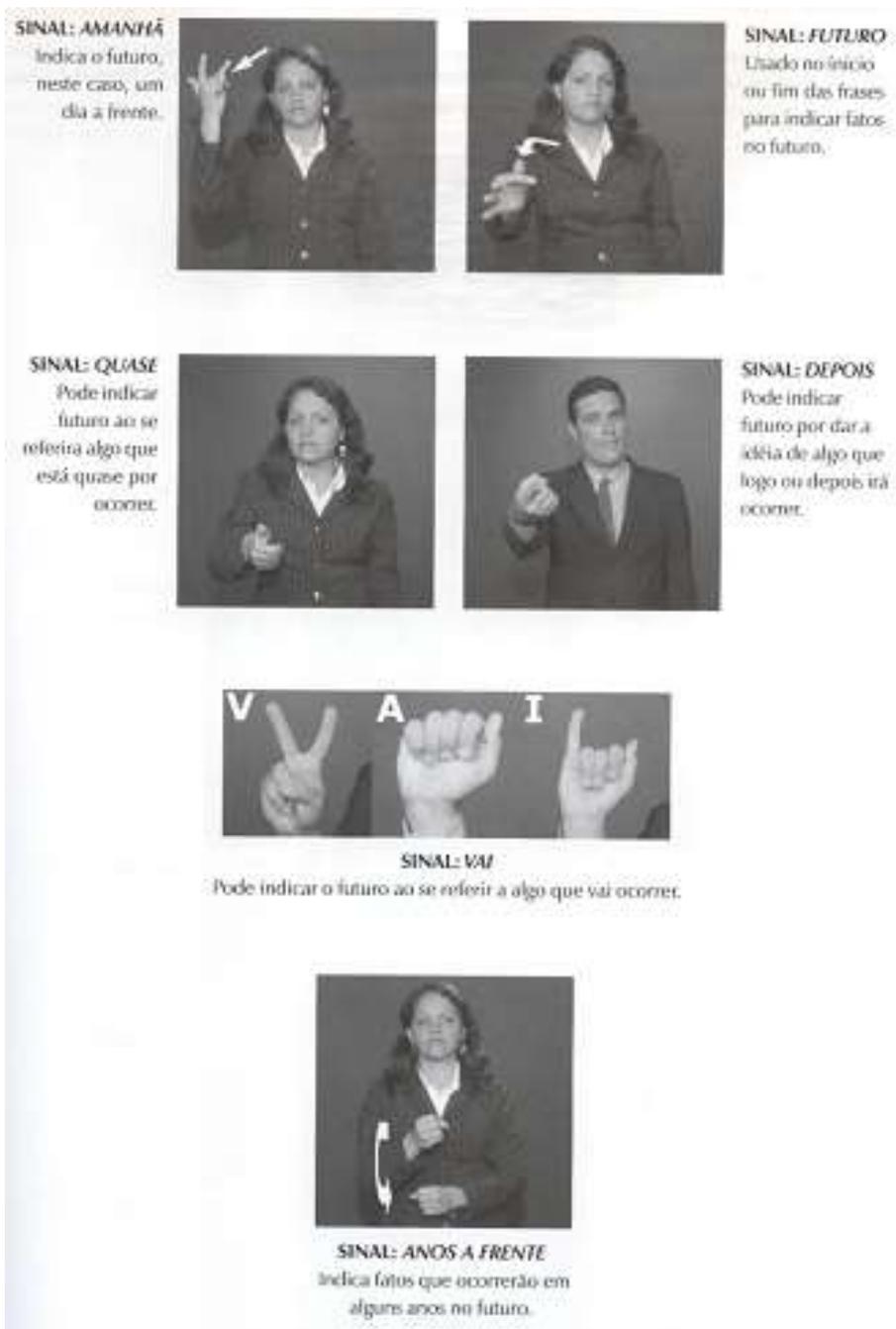
do sinal de um referente específico; usar pronome (com a apontação ostensiva) numa localização particular quando a referência for óbvia; usar um classificador que representa aquele referente em uma localização particular; usar um verbo direcional (com concordância) incorporando os referentes antecipadamente introduzidos no espaço (QUADROS, KARNOPP, 2004).

Além disso, Castro e Carvalho (2005) abordam o uso de alguns advérbios no começo da frase ou mesmo no final, sem que haja alterado o sentido, para darmos o devido tempo verbal em LIBRAS, na transmissão da mensagem. Não há mudança alguma nos verbos, todos permanecem no infinitivo. É interessante que alguns outros sinais, quando combinados, também podem passar a ideia de passado ou futuro (figuras 21 e 22).

Rodrigues (2012) complementa essas discussões afirmando que a sintaxe busca analisar a organização espacial da LIBRAS, tendo em vista o estabelecimento nominal e o uso do sistema pronominal – fundamentais para as relações sintáticas. Assim, verificou-se que o espaço de sinalização é a referência utilizada para a construção do discurso, por esta razão, a direção da cabeça, dos olhos, do corpo, as apontações, os classificadores, os verbos direcionais ou de concordância são importantíssimos para o entendimento da língua de sinais, especialmente porque os sinalizadores estabelecem os referentes associados à localização no espaço, estando ou não o referente presente.



**Figura 21: Tempo verbal no passado e presente, em LIBRAS.**  
**FONTE: CASTRO E CARVALHO, 2005.**



**Figura 22: Tempo verbal no futuro, em LIBRAS.**

**FONTE: CASTRO E CARVALHO, 2005.**

## 2.2.4 PLANO SEMÂNTICO-PRAGMÁTICO

Segundo Fernandes (2003), esse plano é determinado pelo contexto, assim como qualquer língua. As relações interferem na relação de significados e uso. Podem ser representados pelas expressões faciais (sorriso, musculatura facial, de modo geral); manuais (lentidão ou rapidez, suavidade ou rigidez da mão ao mover-se, para produzir uma expressão) ou corporais.

Quadros e Karnopp (2004), por sua vez, afirmam que os sinais manuais são frequentemente acompanhados por expressões faciais que podem ser consideradas gramaticais. Tais expressões são chamadas de marcações não-manuais.

Almeida (2000), por sua vez, afirma que a LIBRAS não dispõe de sinais para artigos, para a maior parte das preposições e das conjugações do português, pois o significado expresso está contido no próprio sinal. Klima e Bellugi (2005) afirmam que a LIBRAS apresenta uma organização própria dos itens lexicais, e os parâmetros que as compõem (como configuração, movimentos e localização das mãos em relação ao corpo do sujeito) podem ser combinados de várias maneiras com o intuito de expressar diferentes significados, como descritos nos planos gramaticais anteriores.

Di Donato (2011), por fim, menciona que com a semântica e a pragmática poderemos vislumbrar a língua em seu uso, uma vez que todos os planos abordados anteriormente encontram-se inseridos na língua em interação comunicacional.

Esta autora afirma, ainda, que a semântica e a pragmática são áreas da Linguística que estudam os aspectos mais exteriores das línguas humanas. Há diversos modos de conceituá-las, portanto, tomemos as conceituações mais tradicionais e abrangentes: (a) a semântica investiga os aspectos conceituais, isto é, o(s) significado(s) das palavras e sentenças, relacionando-os com seus usos em diversos contextos dos discursos de seus enunciadores e; (b) a pragmática estuda o uso da língua em sua produção social, analisando-a a partir dos conceitos de sociedade e comunicação. Nos fenômenos da linguagem considera aspectos da criatividade e da inovação comunicacionais (OLIVEIRA, 2006; PINTO, 2006; QUADROS;KARNOPP, 2004).

Partindo de tudo o que foi exposto, iremos, a partir de então, apresentar algumas discussões inerentes ao estilo da LIBRAS no contexto da Sociolinguística.

### **3. A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTEXTO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS SOB O APORTE DA SOCIOLINGUÍSTICA**

Discutir aspectos sociolinguísticos em uma abordagem com foco no estilo de uma língua resulta-nos compreender que o social e o individual se aliam à condição grandiosa de comunicar que é única do ser humano. Considerar que na língua há aspectos que tornam diferente sua ocorrência a depender do sujeito e do contexto, faz-nos valorizar o foco desta tese, em especial por considerarmos o contexto da língua de sinais, o qual necessita de um crescimento na área da Sociolinguística e do Estilo.

Discutimos anteriormente que toda e qualquer língua tem suas possibilidades de variação<sup>3</sup> e mudança e, assim, indicarem um uso distinto a depender do contexto, do interlocutor e da informação a ser transmitida. Dessa forma, à Língua de Sinais também oferecemos esta condição. Enquanto sujeitos capazes de usá-la como língua propriamente dita, precisamos garantir o estatuto que lhe é merecido e, além disso, de entender que as variações que estão ligadas ao seu uso são admissíveis, isto é, socialmente esperadas.

Graças à Língua de Sinais, uma comunicação pode ser mantida, comunicação esta que envolve aspectos sociais e anseios individuais, o que nos mostra que esta língua não é universal e, tampouco, pode ser vista como uma língua imutável. Ao contrário, nela visualizamos aspectos estilísticos e variacionistas, em contexto atrelado à Sociolinguística, tais como serão discutidos a seguir.

---

<sup>3</sup> Pode parecer estranho falar de variação fonológica, ou mesmo usar termos como fonética, fonologia, pronúncia, entre outros, para tratar de línguas que não se manifestam através de sons. Entretanto, tais termos vêm sendo empregados na literatura sobre as línguas de sinais, em primeiro lugar porque se entende que os conceitos expressos por eles não estão necessariamente atrelados ao som e, em segundo lugar, porque se defende que o uso de uma terminologia diferente para tratar de fenômenos nas línguas de sinais semelhantes aos das línguas orais obscureceria a observação de paralelos entre esses dois tipos de línguas (XAVIER, 2011).

A sociolinguística superou a concepção estática da normatividade linguística e do objetivismo abstrato ao conceber a língua no seio da interação social, que muda e se transforma em função do contexto sócio histórico, trazendo para a ordem do dia a questão da variação linguística. Ou seja, para a teoria da variação, a língua sofre influência de fatores sociais e históricos que ocasionam a heterogeneidade linguística, seja dentro de um mesmo idioma ou entre diferentes línguas (MOURA, 2011).

A heterogeneidade linguística decorre em função da existência de muitas modalidades escritas ou faladas e pressupõe a ocorrência da diversidade da língua e de variantes linguísticas distintas dentro das comunidades de usuários da língua (LABOV, 2008). Tanto maior será a diversidade quanto maior for a ocorrência de registros, estilos e variedades de emprego da língua.

Reis, Machado e Barbosa (2011) mencionam que a Sociolinguística é uma área de estudo e investigação do fenômeno linguístico em seu contexto social e cultural, em situações reais de uso dentro da comunidade linguística. A teoria Sociolinguística surge em meados da década de 60 como uma espécie de reação às teorias estruturalista e gerativista transformacional, uma vez que veio propor a consolidação de uma concepção de linguagem essencialmente social, correlacionando sistematicamente a língua à história social dos falantes e considerando como ponto inicial de análise a diversidade própria de uma comunidade linguística.

Desse modo, o objeto de estudo da Sociolinguística é, justamente, a diversidade linguística, passível de ser observada, descrita e analisada em seu contexto social, conforme afirmam Mollica e Braga (2003, p. 47) “À Sociolinguística interessa a importância social da linguagem, desde pequenos grupos socioculturais a grandes comunidades”.

Lopes (2012, p.26), em seu estudo, refere que:

A sociolinguística, de modo geral, está preocupada com a forma como o comportamento linguístico se relaciona com outros aspectos do comportamento social. A variação linguística não só reflete as diferenças sociais, mas é também usada pelos falantes para se posicionarem dentro do mundo social e, através desse posicionamento, construir e reconstruir o mundo (ECKERT, 2005; CAMPBELL-KIBLER, 2009).

É esta construção e reconstrução que são tão importantes para a formação da identidade e da cultura surda, considerando o comportamento social e a comunicação por meio da língua de sinais. Eis, a partir de então, a relevância em demonstrar o quanto a **Teoria da Acomodação** pode contribuir, conforme demonstra o estudo de Lopes (2012), uma vez que os indivíduos se engajam em comportamento de acomodação para alcançar determinados objetivos sociais, incluindo a aprovação social ou aceitação, a afirmação da identidade de grupo ou individual, e para facilitar a regulação do discurso (NAMY *et al*, 2002).

Se, de acordo com a teoria da acomodação o falante acomoda o estilo de fala aos seus ouvintes, a fim de obter aprovação, podemos inferir que no caso da língua de sinais também há o mesmo processo, na ocasião em que o uso da LIBRAS é tomado como veículo ou instrumento comunicativo em uma determinada comunidade ou contexto sociocultural. Podemos dizer que, aqui, a LIBRAS é que regula ou “dá forma” às práticas e usos comunicativos; é ela que determina como, quando e até que ponto as interações podem se manter ou, simplesmente, serem extintas.

Assim, considerando a comunidade de surdos, ou até mesmo, de usuários da LIBRAS, é esta língua que deve ser valorizada e incorporada neste grupo, a fim de que os objetivos socioculturais sejam alcançados com eficácia. E este vem a ser um dos intuitos para a realização desta pesquisa, uma vez que se pretende demonstrar como a LIBRAS circula nos municípios de João Pessoa e Recife, e como ela vem sendo responsável para a formação da identidade da cultura surda nestes meios.

A Teoria da Variação e Mudança Linguística (também chamada Sociolinguística Quantitativa ou Laboviana) tem como objeto de estudo a variação e mudança da língua no contexto social da comunidade de fala. A língua é vista pelos sociolinguistas como dotada de “heterogeneidade sistemática”, fator importante na identificação de grupos e na demarcação de diferenças sociais na comunidade (WEINREICH; LABOV; HERZOG [1968] 2006, p.101).

A Sociolinguística que Labov propõe é aquela com o propósito de estudar a estrutura e evolução da língua no contexto social da comunidade, cobrindo a área usualmente chamada de Linguística Geral, a qual lida com Fonologia, Morfologia, Sintaxe e Semântica (LABOV [1972] 2008). Segundo Figueroa (1996), quando se diz que a Sociolinguística é o estudo da língua em seu contexto social, isso não deve ser mal interpretado. A Sociolinguística laboviana não é uma teoria da fala, nem o estudo do uso da língua com o propósito exclusivo de descrevê-la, mas o estudo do uso da língua no sentido de verificar o que ela revela sobre a estrutura linguística (COAN; FREITAG, 2010).

Quando Labov fala em heterogeneidade, refere-se à variação, mas está interessado na variação que pode ser sistematicamente explicada. A variação sistemática é um caso de modos alternativos de dizer a mesma coisa, sendo esses modos portadores do mesmo significado referencial (LABOV [1972] 2008, p. 78). A linguística laboviana tornou-se sinônimo do estudo de variação e mudança linguísticas. Conforme Labov (1978), dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas com o mesmo valor de verdade constituem-se como variantes de uma mesma variável (regra variável).

Assumimos a perspectiva de que é impossível entender o desenvolvimento de variação e mudança linguísticas fora da vida social da comunidade (COAN; FREITAG, 2010).

Assim, observamos que a interface entre a Sociolinguística – especialmente a de cunho variacionista – e o ensino de língua materna tem sido objeto de pesquisadores e de obras de divulgação no cenário nacional (BORTONI-RICARDO, 2004; GORSKI; COELHO, 2006; BAGNO, 2007; 2009), conforme mencionam Coan e Freitag (2010). Entretanto, apesar dos avanços significativos, faz-se necessário estudar a aplicabilidade desta interface no âmbito da LIBRAS, em especial ao considerarmos aspectos de variação e estilo.

Os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, [1972] 2008; 1978; 1994; 2001; 2003; 2010) desencadearam propostas de ensino assentadas: i) na correlação entre língua e sociedade; ii) na análise linguística de regras variáveis condicionadas por fatores linguísticos e extralinguísticos; e iii) na minimização de preconceitos vigentes na sociedade. Insistindo na

correlação entre língua e sociedade, William Labov crê que o *novo modo de fazer linguística é estudar empiricamente as comunidades de fala* (COAN; FREITAG, 2010, p.174, grifo nosso).

Assim, ao tecermos estudos sobre as comunidades de fala, neles estão inclusos as comunidades de surdos, que “falam” por meio da língua de sinais. Ao considerarmos a relação entre língua e sociedade, estamos valorizando o *status* linguístico da LIBRAS, inserida em um dado contexto sociocultural e a partir do qual se estabelecem os vínculos interativos/comunicativos.

Do ponto de vista da sociolinguística, Gesser (2009) menciona que o fato de a comunidade surda ser a única comunidade que, em qualquer país, está inserida na e cercada pela comunidade majoritária ouvinte faz com que as línguas de sinais estejam em contato direto com as línguas orais locais. Nessa “coabitação” linguística, é natural ocorrerem empréstimos, mesclas e hibridismos. A relação entre as línguas, entretanto, não é, nem nunca foi neutra ou simétrica. Como no caso de quaisquer outras línguas que estão em contato, há sempre em jogo questões de poder e as decorrentes situações de conflito.

Em estudos sobre as comunidades indígenas, Maher (1997, p.22) observa que a relação entre línguas com *status* distintos funciona como um “jogo de ocupação linguística onde a língua dominante tenta ‘abocanhar’ a língua dominada”. A metáfora ilustra bem como o português acaba se sobrepondo à língua de sinais nas interações entre surdos e ouvintes, por exemplo. É facilmente demonstrável que há marcas de imposição da estrutura do português em alguns “falares” sinalizados, especialmente nas mãos dos ouvintes (GESSER, 2006). Nesse sentido, vale ressaltar que em todas as línguas humanas há variedade e diversidade, inclusive na língua de sinais.

De acordo com Bagno (1999), o “mito da unidade linguística do Brasil” é o maior e mais sério de todos, pois está presente no discurso não somente da população, mas de muitos intelectuais. Uma vez naturalizado, deixa de ser crença e passa a funcionar como um princípio normalizador, impondo:

Sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização, etc. (BAGNO, 1999, p.15)

Considerando esta citação, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), a língua portuguesa é “uma unidade que se constitui de muitas variedades”. Portanto, dizer que todos os brasileiros falam o mesmo português é uma inverdade, na mesma proporção em que é inverdade dizer que todos os surdos usam a mesma língua de sinais. Afirmar essa unidade, de acordo com Gesser (2009), é negar a variedade das línguas, quando de fato nenhuma língua é uniforme, homogênea. A variação pode ocorrer nos níveis fonológico, morfológico e sintático e estão ligadas aos fatores sociais de idade, gênero, raça, educação e situação geográfica.

De acordo com Severo (2009, p.274), “Labov acredita que a língua se modifica sob a influência de variáveis de natureza externa ou interna ao sistema, sendo a primeira concernente a fatos sociais e estilísticos, e a segunda, a fatos linguísticos”. Complementa esta ideia ao mencionar que:

O estudo da variação/mudança se pauta, em grande parte, na análise de micro-estruturas da língua, como aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais (...) Labov não é categórico quanto à determinação social da mudança na língua, apesar de sê-lo na visão de que a mudança é própria da língua. Para Labov não é sempre que a língua varia devido a forças sociais, cabendo também à própria estrutura da língua a possibilidade de modificações (*op.cit.*, p.275).

Severo (2009) coloca que é importante destacar o lugar conferido às estratificações na garantia da diversidade (e mudança) linguística. Para Labov (1972, 1974, 1982, 1994), há uma correlação entre as estratificações sociais (gênero, escolaridade, idade...) e o uso da língua. As motivações para a mudança da língua incluem, para este autor, aspectos sociais e estruturais. Aliado a esse aspecto está o fato de que os fenômenos estudados dentro deste enfoque tendem a se ater a microestruturas da língua e, além disso, esse autor reconhece o papel da identidade no processo de funcionamento da língua.

São esses aspectos que iremos considerar na análise deste trabalho, isto é, como a língua, efetivamente, funciona em um contexto sociointerativo e, ao mesmo tempo, tão particular de comunicação. Assim, revelaremos o *status* que a LIBRAS alcançou nos municípios de João Pessoa e Recife, frente à amostra pesquisada e como podemos considerar as propriedades de uso da

mesma, quando utilizada para fins comunicativos e expressivos de uma identidade surda.

A língua está em constante evolução, é dinâmica, um produto social em permanente inconclusão, “(...) é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução” (BAGNO, 2007, p.35). Devido a este caráter de ordem heterogênea, nas línguas naturais pode ser identificado um fenômeno linguístico denominado variação. As línguas de sinais, por serem naturais, apresentam tais manifestações.

Bagno (2007) menciona, em sua obra, que existem fatores sociais ou extralinguísticos que podem proporcionar a identificação do fenômeno de variação linguística. São eles:

a) Origem geográfica: a língua varia de um lugar para o outro; assim, podemos investigar, por exemplo, a fala característica das diferentes regiões brasileiras, dos diferentes estados, de diferentes áreas geográficas dentro de um mesmo estado etc.; outro fator importante também é a origem rural ou urbana da pessoa;

b) Status socioeconômico: as pessoas que tem um nível de renda muito baixo não falam do mesmo modo das que tem um nível de renda médio ou muito alto, e vice-versa;

c) Grau de escolarização: o acesso maior ou menor à educação formal e, com ele, à cultura letrada, à prática da leitura e aos usos da escrita, é um fator muito importante na configuração dos usos linguísticos dos diferentes indivíduos;

d) Idade: os adolescentes não falam do mesmo modo como seus pais, nem estes pais falam do mesmo modo como as pessoas das gerações anteriores;

e) Sexo: homens e mulheres fazem usos diferenciados dos recursos que a língua oferece;

f) Mercado de trabalho: o vínculo da pessoa com determinadas profissões e ofícios incide na sua atividade linguística: uma advogada não usa os mesmos recursos linguísticos de um encanador, nem este os mesmos de um cortador de cana;

g) Redes sociais: cada pessoa adota comportamentos semelhantes aos das pessoas com quem convive em sua rede social; entre esses comportamentos está também o comportamento linguístico.

Sobre as variações linguísticas, Strobel e Fernandes (1998) e Castro Júnior (2011) consideram as variações regionais e sociais e as mudanças históricas como fenômenos identificáveis na Língua Brasileira de Sinais, o que lhe confirma, mais uma vez, o caráter natural. A **variação regional** refere-se às variações de sinais e de expressão que acontecem em uma determinada região ou nas diferentes regiões do mesmo país; já a do **contexto social** representa as variações na configuração de mão e/ou movimento, sem alterar o sentido do sinal, assim como diz respeito às expressões diferentes atribuídas a um referente, por pessoas de uma mesma sociedade, e fatores como o grau de escolaridade, o nível socioeconômico, idade, sexo que são determinantes para distinguir grupos em fala verbal dentro de uma classe, em que uns gozam de uma língua de maior 'prestígio' e outros não e as **mudanças históricas** estão relacionadas com as modificações que o sinal pode sofrer, devido aos costumes da geração que utiliza o sinal, ou seja, a transformação da língua acompanhada com as mudanças sociais, em que alguns padrões são deixados e outros são criados e em que gerações mais velhas e mais novas entram em conflitos. Partindo dessas conceituações, alguns exemplos podem ser vistos a seguir (figuras 23 a 25).

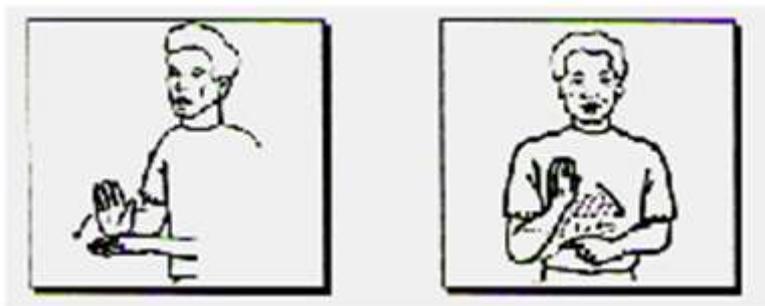
a) Variação regional



Figura 23: Variação regional do sinal que significa “MAS”

FONTE: SOUSA, 2010.

## b) Variação social



**Figura 24: Variação social do sinal que significa “AJUDAR”**

**FONTE: SOUSA, 2010.**

## c) Mudança histórica



**Figura 25: Mudança histórica do sinal que significa “AZUL”**

**FONTE: SOUSA, 2010.**

Podemos, por fim, pensar na variação estilística, que se apresenta quando uma mesma pessoa utiliza várias formas da língua, que se configura de acordo com o contexto de fala (CASTRO JÚNIOR, 2011).

A ocorrência de variação, vista principalmente por fatores geográficos ou regionais, é desmistificada por Schermer e Harder (1986) e por Timerman e Mans (1990), pois apontam para outras formas variantes como as relacionadas às produções de indivíduos com diferentes formações acadêmicas, indicando, inclusive, possíveis diferenças em relação a status linguístico, e as relacionadas a grupos que pertencem a grupos minoritários que compartilham determinados sinais, como grupos de indivíduos pertencentes a diferentes religiões (Católicos, Judeus, Muçulmanos, Protestantes) e de diferentes identidades sexuais. As variações são esperadas entre jovens e idosos de uma

comunidade e, até mesmo, em relação ao período de início de exposição à língua de sinais, pois, havendo muitos surdos filhos de pais ouvintes, o início de aquisição da língua de sinais pode ocorrer logo após o nascimento (nativo na língua de sinais), precoce ou tardiamente.

A discussão sobre a variação linguística em Língua de Sinais Brasileira (LSB) não pode se resumir a apenas utilizar uma comparação dos processos de variação linguística que promove uma diversidade linguística e o enriquecimento do vocabulário. A organização de estudos da variação linguística em LSB está relacionada à percepção do mundo e à construção de significados. Podemos dizer que, na LSB, encontramos uma condição linguística de grande complexidade, em decorrência dos processos de aquisição de língua, dos aspectos culturais e do impacto político e social desses aspectos na vida dos Surdos. E esses fatores dependem ainda de outras variáveis: usos da língua, interlocutores proficientes, possibilidades de adquirir uma segunda língua, métodos formais ou informais de aprendizagem de segunda língua e a relação de cada sujeito com a LSB e a Língua Portuguesa (CASTRO JÚNIOR, 2011, p.58).

Assim como a pesquisa em variação linguística em LSB possibilita várias formas de percepção de um mesmo objeto de estudo, as experiências linguísticas podem ser diversas, embora a constituição desse estudo se dê a partir dos próprios Surdos (homogeneidade que esta pesquisa demonstra ser aparente e arbitrária). Percebemos que as mudanças nas interações, na linguagem, provocam mudanças de ordem linguística e enriquecimento do vocabulário, caso o sujeito Surdo já tenha uma noção de que a variação existe (*op.cit.*).

Alguns estudos são bem importantes, capazes de nos auxiliar no entendimento de como o processo de variação e mudança ocorre no contexto específico da língua de sinais. Xavier (2011) mostra-nos um caso de variação fonológica ocorrente na LIBRAS, indicando a alternância no número de articuladores manuais envolvidos na realização de alguns sinais, ou itens lexicais, dessa língua.

De acordo com Xavier (2011), essa variação, por sua vez, assim como nas línguas orais, pode se manifestar por meio das diferentes realizações de uma (ou mais de uma) das unidades que constituem os seus itens lexicais. Mais concretamente, a variação na pronúncia dos sinais pode decorrer das diferentes manifestações que a configuração de mão e/ou a localização e/ou o

movimento e/ou a orientação e/ou o número de mãos e/ou as marcações não-manuais de um dado sinal pode(m) apresentar, sem que isso altere o seu significado. Somando-se a isso, semelhantemente às línguas orais, a variação fonológica nas línguas de sinais também pode ser de dois grandes tipos, a saber: **(1) não-motivada pelo contexto** em que uma dada unidade fonológica está inserida ou **(2) motivada por ele**.

Nos casos de **variação fonologicamente não-condicionada**, Xavier (2011) indica que a observação de seu uso em sinalização espontânea aponta que a “escolha” entre uma das formas alternativas do sinal não resulta de influências do contexto fonético-fonológico em que ela se encontra. Em outras palavras, ao que parece, esses casos representam exemplos de variação motivada por fatores extralinguísticos, tais como a procedência do falante, a sua idade, ou mesmo o contato com o português, entre outros.

Abaixo, esse autor nos traz alguns exemplos deste tipo de variação. Vale ressaltar que tais exemplos demonstram variação de apenas um dos parâmetros da língua de sinais, ou seja, variação na Configuração de mão ou Locação ou Orientação ou Movimento ou nas suas marcações não-manuais.

Podemos mencionar uma variação em que uma dada *configuração de mão* alterna com uma outra que representa a letra inicial da glosa em português que mais comumente eles recebem. Um exemplo de variação fonológica desse tipo pode ser observada no sinal PESSOA, ilustrado pelas imagens (figura 26) a seguir (XAVIER, 2011, p.11):



**Figura 26: Sinal PESSOA**

**FONTE: XAVIER, 2011.**

Conforme mostram as imagens acima, o sinal PESSOA da LIBRAS pode ser realizado de duas formas no que concerne à sua configuração de mão: (1)

com todos os dedos espalmados e abertos, com exceção do dedo médio, que se dobra na junta proximal, ou (2) com a mão configurada em P. Quando realizado com a configuração de mão em P, o sinal PESSOA pode ser tratado como um sinal inicializado. Sinais inicializados são aqueles cuja configuração de mão remete à primeira letra da glosa na língua oral majoritária que mais comumente recebem.

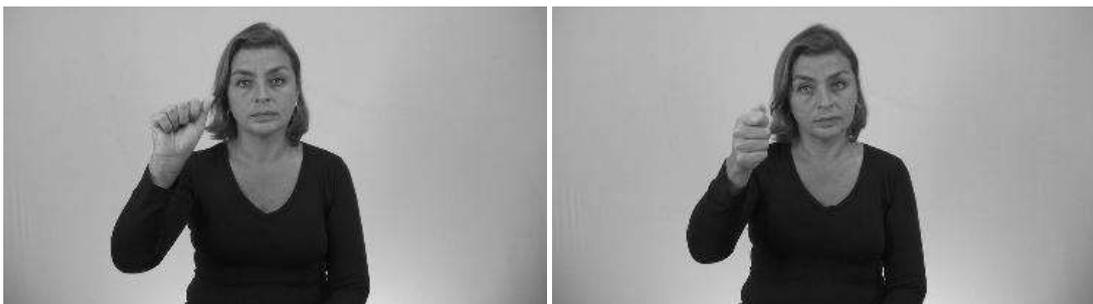
Uma outra variação consiste em produzir o contorno de *movimento* de forma diferente. É isso que acontece, por exemplo, com o sinal TRABALHAR, no exemplo abaixo (figura 27). Como indicam as setas acrescentadas às imagens, embora em ambas as formas o movimento seja alternado, na primeira forma do sinal, o movimento descrito pelas mãos é reto, enquanto que na outra realização possível desse mesmo sinal o movimento é circular.



**Figura 27: Sinal TRABALHAR**

**FONTE: XAVIER, 2011.**

A variação na pronúncia de certos sinais pode decorrer também das diferentes realizações que o parâmetro *orientação* da palma pode apresentar. Isso é evidenciado através das diferentes formas que o sinal para a letra pode assumir. Como mostram as imagens abaixo (figura 28), na primeira delas, a palma da mão está voltada para frente, ao passo que, na segunda, ela se encontra voltada para a esquerda.



**Figura 28: Sinal A**

**FONTE: XAVIER, 2011.**

Os sinais podem variar também quanto à sua *localização*. Como mostram as imagens a seguir (figura 29), o sinal ENTENDER pode ser realizado na região ipsilateral da testa, mas também pode ser produzido em um ponto mais baixo, ou seja, na lateral da bochecha.



**Figura 29: Sinal ENTENDER**

**FONTE: XAVIER, 2011.**

Por fim, há também casos em que um mesmo sinal apresenta variação em sua pronúncia em relação ao parâmetro *marcações não-manuais*. Os casos coletados até o presente, entretanto, sugerem que a variação na pronúncia de sinais em relação a esse parâmetro consiste na realização ou não de uma dada atividade não-manual. Tal fato pode ser ilustrado pelas duas formas possíveis do sinal ESTADOS-UNIDOS, representadas pelas imagens abaixo (figura 30), na qual é possível articular o sinal inflando a bochecha na qual a lateral do dedo indicador faz contato, ou não a inflando.



**Figura 30: Sinal ESTADOS UNIDOS**

**FONTE: XAVIER, 2011.**

Já nos casos de **variação fonologicamente condicionada**, Xavier (2011) aborda que os sinais parecem ser decorrentes da influência exercida pelo contexto fonético-fonológico em que estão inseridos. À luz da fonologia articulatória, esses casos podem ser caracterizados como sendo resultantes da coarticulação, isto é, da sobreposição dos gestos articulatórios.

Observações de sinalizações espontâneas da LIBRAS apontam que tal processo também ocorre nessa língua com o pronome de primeira pessoa singular, eu, representado pela imagem abaixo (figura 31) e glosado como PRO-1.



**Figura 31: Sinal PRO-1.**

**FONTE: XAVIER, 2011.**

Conforme se pode depreender da imagem acima, tal pronome, em sua forma de citação e em certos contextos, é realizado com a mão configurada em 1, ou seja, com o dedo indicador distendido e os demais fechados. Entretanto, é bastante comum observar, na sinalização corrente, a configuração de mão desse pronome variar em função do sinal que o sucede. Isso acontece, por exemplo, quando o sinal PRO-1 é seguido do sinal AJUDAR, como mostra a imagem (figura 32) a seguir.



**Figura 32: Sinais PRO-1 e AJUDAR.**

**FONTE: XAVIER, 2011.**

Nesse caso, tal como se vê na imagem anterior, o sinal PRO-1 é realizado com a mão configurada de forma que todos os dedos se encontram distendidos e unidos pelas laterais, semelhantemente a como eles aparecem no sinal AJUDAR.

Assim, tal como foi abordado até então, Xavier (2011) apresentou grande contribuição para o entendimento de como os processos de variação linguística podem acontecer no caso da LIBRAS.

Cabe-nos, agora, considerar os aspectos inerentes ao estilo da língua de sinais, partindo de ideias que a legitimam enquanto língua, quer seja em um âmbito social ou individual, contribuindo na formação da identidade de um sujeito.

#### **4. COMPREENDEDO A PERSPECTIVA DE ESTILO**

Antes de abordarmos algumas discussões voltadas ao estilo da LIBRAS, faz-se necessário contextualizarmos esta temática no campo da Língua propriamente dita, para que, assim, possamos compreender a natureza e a aplicabilidade deste conceito e suas funções.

Guiraud (1970) afirma que a estilística não é mais que o estudo da expressão linguística; e a palavra *estilo*, reduzida à sua definição básica, nada mais que uma maneira de exprimir o pensamento por intermédio da linguagem. “No sentido mais restrito, a expressão do pensamento é a utilização do léxico e das estruturas gramaticais. Mas também pode ser entendida como colaboração, desenvolvimento e exposição do pensamento e, finalmente, como a obra inteira, na totalidade das circunstâncias que a motivam e a informam” (*op.cit.*, p.12).

A estilística é vista como uma das disciplinas voltadas para os fenômenos da linguagem, tendo por objetivo o *estilo*, conforme menciona Martins (2000). Embora a palavra *estilística* já fosse usada no século XIX, é no século XX que ela passa a designar uma nova disciplina ligada à Linguística, graças a duas correntes de grande importância, que trataremos mais adiante: a de Charles Bally (1865-1947), doutrinador da Estilística da Língua, e Leo Spitzer (1887-1960), figura exponencial da Estilística literária. Assim sendo, a

palavra *estilo*, que hoje se volta a tudo que possa apresentar características particulares, das coisas mais banais e concretas às mais altas criações artísticas, tem uma origem moderna.

Já podemos observar uma evolução desta nomenclatura: “designava em latim – *stilus* – um instrumento pontiagudo usado pelos antigos para escrever sobre tabuinhas enceradas e daí passou a designar a própria escrita e o modo de escrever” (MARTINS, 2000, p.01).

No domínio da linguagem têm sido numerosas as conceituações de estilo e, nesse sentido, vários linguistas tem procurado classificá-las de acordo com os critérios em que elas se fundamentam. Assim, Georges Moinin (1967) reúne as definições de estilo em três grupos: as que consideram estilo como desvio da norma; as que o julgam como elaboração e as que entendem como conotação. Nils Erik Enkvist (1925-2009) as distribui em seis grupos: estilo como adição, envoltório do pensamento; estilo como escolha entre alternativas de expressão; estilo como conjunto de características individuais; estilo como desvio da norma; estilo como conjunto de características coletivas (estilos de época) e estilo como resultado de relações entre entidades linguísticas formuláveis em termos de textos mais extensos que o período (MARTINS, 2000).

Esse autor menciona, ainda, que podemos observar que os critérios dos diversos grupos não são excludentes. Assim, por exemplo, as características individuais podem incluir escolha, desvio da norma, elaboração, conotação, o que mostra a dificuldade de tais classificações.

No quadro abaixo (quadro 07), observamos as tentativas de definição e explicação do fenômeno do estilo:

<b>Autor</b>	<b>Definição</b>
Middleton Murray	Estilo é a expressão inevitável e orgânica de um modo individual de experiência.
Marouzeau	Estilo é a qualidade do enunciado, resultante de uma escolha que faz, entre os elementos constitutivos de uma dada língua, aquele que a emprega em uma circunstância determinada.
Riffaterre	O estilo é compreendido como uma ênfase (expressiva, afetiva ou

	estética) acrescentada à informação veiculada pela estrutura linguística sem alteração de sentido. O que quer dizer que a língua exprime e o estilo realça.
Guiraud	Estilo é o aspecto do enunciado que resulta de uma escolha dos meios de expressão, determinada pela natureza e pelas intenções do indivíduo que fala ou escreve.

**Quadro 07: Algumas definições de estilo.**

**FONTE: MARTINS, 2000.**

É inegável que o estilo é um aspecto inerente a toda atividade comunicativa. Faz parte da nossa competência social, a capacidade de identificar e entender os marcadores indexicais, e a forma como eles se combinam para caracterizar diferentes estilos. O reconhecimento de um estilo acontece por mecanismos contrastivos, quando comparamos diferentes marcadores, em situações distintas, conseguimos delinear, de modo consciente ou não, que estamos diante de um estilo específico (LOPES, 2012, p.30).

Possenti (1993) coloca que os gramáticos e os linguistas, em geral, definem o estilo de forma mais ou menos vaga, conforme o caso, tendo como ponto de referência, alternativamente, a oposição língua-fala ou a oposição ou complementariedade entre as diversas funções da linguagem, isto é, pode-se dizer que se coloca de um lado a gramática e de outro o estilo.

Abordando, então, as duas correntes mencionadas anteriormente, a primeira delas, intitulada **Estilística da Língua**, de Charles Bally (1865-1947), pressupõe o estudo dos aspectos afetivos da língua falada, da língua a serviço da vida humana, língua viva, espontânea, porém, gramaticalizada, lexicalizada, e possuidora de um sistema expressivo cuja descrição deve ser a tarefa da Estilística. Bally critica o ensino da língua tomando-se como suporte apenas a gramática normativa e os textos literários, o qual revela uma visão parcial da língua, um tipo que não corresponde ao que as pessoas usam nas múltiplas atividades de sua vida social e psíquica (MARTINS, 2000).

Bally distingue duas faces da linguagem – a intelectual ou lógica e a afetiva; estuda os efeitos da afetividade no uso da língua; examina os

meios pelos quais o sistema impessoal da língua é convertido na matéria viva da fala humana (...). Inicia, assim, a *Estilística da língua ou da expressão linguística*, que se ocupa da descrição do equipamento expressivo da língua como um todo, opondo a sua Estilística ao estudo dos estilos individuais e afastando-se, portanto, da literatura (MARTINS, 2000, p.4).

Em suma, podemos considerar que o estilo, para Bally, significa a possibilidade (se não a necessidade) de expressão do indivíduo, considerado tanto do ponto de vista psicológico como sociológico, ou seja, “estudo do conteúdo afetivo dos fatos de expressão na linguagem organizada” (BALLY, 1951, p.155) ou, mais claramente, “a estilística estuda, pois, os fatos de expressão da linguagem organizada do ponto de vista de seu conteúdo afetivo, isto é, a expressão dos fatos da sensibilidade pela linguagem e a ação dos fatos de linguagem sobre a sensibilidade” (*op.cit.*, p.16).

Seu método, de acordo com Possenti (1993), compreende três partes: a delimitação, a identificação e a procura dos fatos estilísticos. A delimitação ou definição é a determinação de um sentido lógico e exato de um fato de linguagem; a identificação tem como objetivo ligar um fato de linguagem a um equivalente lógico, assimilando-o a uma noção simples (que não conteria nada de emotivo); e, por fim, a procura do caráter estilístico consiste em separar o(s) elemento(s) afetivo (s) que o fato de linguagem contém e em lhe(s) atribuir um lugar no sistema expressivo da língua (BALLY, 1951).

Há dois aspectos mencionados, então, como efeitos estilísticos: *provocar* (ou expressar) emoção e *evocar* um meio específico onde determinada palavra é utilizada. Esta segunda dimensão lembra os estudos de sociolinguística, segundo os quais se pode identificar o contexto de utilização. Principalmente porque Bally, como outros na mesma tradição, não deixa de levar em conta léxicos regionais e de grupos. O grande problema, contudo, é a oposição de Bally, no estilo, a uma função primeira da língua, a de representar uma ideia geral. Neste caso, não se tem estilo, mas apenas a língua na sua função ideacional ou representativa. A representação é neutra do ponto de vista do indivíduo, portanto não traz consigo nenhuma marca emotiva (POSSENTI, 1993).

Dando continuidade às correntes citadas anteriormente por Martins (2000), a segunda delas, intitulada **Estilística Literária**, de Leo Spitzer (1887-

1960), parte da reflexão, de cunho psicologista, sobre os desvios da linguagem em relação ao uso comum; uma emoção, uma alteração do estado psíquico normal provoca um afastamento do uso linguístico normal; um desvio da linguagem usual é, então, indício de um estado de espírito não-habitual. O estilo do escritor – a sua maneira individual de expressar-se – reflete o seu mundo interior, sua vivência.

“Uma marca dos trabalhos de Spitzer foi o pensamento de que a intenção do autor é algo específico, definido e, em princípio, encontrável” (MARTINS, 2000, p.7).

Uma terceira descrição é chamada de **Estilística como Sociolinguística**, defendida pelos linguistas ingleses David Crystal (1985) e Derek Davy (1978), que, embora não se prendam à corrente iniciada por Bally, apresentam alguns pontos comuns.

Segundo esses autores (*Investigating English Style, 1969*), a Linguística é a disciplina acadêmica que estuda cientificamente a linguagem, e a Estilística é uma parte dessa disciplina que estuda certos aspectos da variação linguística. A língua não é um todo homogêneo, pois nas diferentes situações que nos apresentam em nossa vida social, usamos diferentes variedades de linguagem (...). Cabe à Estilística estudar as variedades, quer da língua falada, quer da língua escrita, adequadas às diferentes situações e próprias de diferentes classes sociais (MARTINS, 2000, p.6).

Sendo assim, esse autor finaliza esta classificação afirmando que as várias teorias estilísticas, cada qual com sua contribuição, podem ser compreendidas em dois grupos: as que consideram o fenômeno estilístico como objeto de pesquisa em si mesmo – a Estilística da Expressão ou Linguística – e as que o consideram como meio privilegiado de acesso à interioridade do escritor – a Estilística do Indivíduo ou Literária.

Nesse contexto da Estilística como Sociolinguística podemos, ainda, mencionar as ricas contribuições de Penelope Eckert (2002, 2003, 2005), que, diferente dos dois modelos anteriores, desenvolve uma abordagem onde a variação é vista como um recurso para a construção do significado social da linguagem, pois as pessoas combinam uma série de recursos existentes para a construção de novos significados, o que varia de acordo com o falante, com o interlocutor e com o contexto (LOPES, 2012).

Esse autor expõe, ainda, que de acordo com Eckert (2003), o campo da variação sociolinguística ainda não havia desenvolvido uma teoria coerente do significado social das variáveis, porque também não havia desenvolvido uma teoria coerente de estilo. Nos estudos, as variáveis eram selecionadas com base no seu *status* como parte de um dialeto específico, ou na medida em que refletiam uma mudança em progresso, e não na construção de um significado social. Para essa autora, os estudos variacionistas, ao longo dos anos, podem ser vistos como verdadeiras ondas, tal como exposto a seguir:

A primeira onda da sociolinguística corresponde ao estudo da distribuição das variáveis nas grandes populações urbanas, observando-se um padrão regular e replicável de estratificação socioeconômica. Assim, as variáveis eram consideradas marcadores de categorias sociais primárias, associadas ao prestígio ou estigma. O estilo, nesse contexto, era visto como a *atenção prestada à fala*. A segunda onda concentrou-se em estudos etnográficos, focados em comunidades menores, delimitadas geograficamente, por períodos de tempo relativamente longos, com o objetivo de descobrir a categoria social mais saliente. Nesse caso, as variáveis eram vistas como categorias de indexação localmente definidas, e o estilo, visto como *um ato de afiliação*. Quanto à terceira onda, a linguagem foi vista como uma prática que se desdobre em relação a uma instituição. A conexão entre a competência do falante individual e seu estilo e a instituição de outro falante, encontra-se na estratificação da comunidade, e no mais íntimo contato do indivíduo com a comunidade (LOPES, 2012, p.35/36, grifo nosso).

Esse autor coloca que, assim, a abordagem tradicional do estilo relacionado à variação (primeira e segunda onda), concentrou-se em um *continuum* de informalidade e formalidade, além de uma visão do estilo atrelada ao alinhamento do falante com posições sociais pré-determinadas. Prestígio e estigma passaram a ser os significados sociais primários associados às variáveis. A formalidade traria um foco no prestígio e uma tentativa de evitar o estigma.

Para Eckert (2003), a variação sociolinguística é um meio central pelo qual o social é incorporado à linguagem. Por isso, os estudos devem preocupar-se com a natureza do significado social e com os mecanismos pelos quais a variação passa a ser dotada de significado. (...) Eckert (2003, 2005) examina a variação como prática estilística, onde o desempenho linguístico do falante participa da construção contínua de uma “*persona*”. (...) A teoria da variação deve justamente trabalhar com o significado e com o estilo, considerando-os como objetos que não são estáticos, pois toda mudança se

desenrola no decorrer das trocas diárias, do intercâmbio, que envolve reinterpretação constante e locais de reposicionamento (LOPES, 2012, p. 36-38).

Sendo assim, Penelope Eckert (2002, 2003, 2005) traz contribuições para a compreensão do nosso objeto de estudo e como este é dotado de sentido em sua relação com as comunidades de prática. Tal interação revela-nos as possibilidades de variação inerentes a esse contexto, assim como o(s) estilo(s) presente(s) em cada um desses vínculos.

Possenti (1993, p.187, grifo nosso), por outro lado, complementa essas discussões afirmando que:

A sociolinguística tem, como condição de sua existência, a admissão de uma estreita relação entre linguagem e sociedade. A manifestação mais óbvia dessa relação é que *a língua manifesta no seu sistema a variedade da sociedade que a fala*. (...) A única uniformidade em relação à língua é a usual coincidência de avaliação sobre qual seja a forma correta, isto é, uma atitude uniforme, ou pelo menos indicativa, em moldes estatísticos, de uma mesma orientação, em relação ao valor social das formas alternativas. Sendo assim, a sociolinguística traz no seu bojo a possibilidade de se pensar na questão do estilo sem traumas para a concepção da linguagem.

É exatamente nesta relação entre linguagem e sociedade que este trabalho se fundamenta, no sentido de que contempla a análise de uma língua em uso em uma determinada comunidade. Além disso, possibilita o entendimento de que a língua (incluindo a LIBRAS) carrega, em sua manifestação, as características e as variações da sociedade que dela faz uso. É por isso que observamos que toda e qualquer língua tem suas possibilidades de variação e mudança, a depender do contexto sociocultural onde a língua circula e dos usuários que, por meio dela, mantem um vínculo interativo.

Lefebvre (1983, p.307) menciona, ainda, que:

As noções de estilo que encontramos em nossa leitura da literatura sobre o assunto revelam duas tendências. Num caso, os estilos são considerados como códigos dentre os quais os locutores de uma comunidade linguística podem operar uma escolha apropriada à situação, tanto do ponto de vista social quanto cultural, situação definida por uma lista de fatores cujo número e configuração variam de uma comunidade a outra. Estas escolhas estão igualmente disponíveis aos locutores. No segundo caso, os diferentes estilos utilizados por uma mesma pessoa são considerados como

distanciamentos em relação a seu estilo de base, o vernáculo. A noção de estilo é aqui definida numa só dimensão, a do grau de atenção dispensado à linguagem. Para ter um estilo adequado a uma situação dada, o locutor deverá, nesse modelo, prestar mais atenção à linguagem do que em outra situação.

Nessa perspectiva, autores como Fishman (1968, p.27) abordam que “quem fala (ou escreve) que língua (ou que variedade linguística) a quem, quando e para que fim?”. Gumperz (1982) responde a este questionamento mencionando que o falante é considerado capaz de variar não só segundo o contexto, o que é relevante, mas segundo seus objetivos, embora não necessariamente esteja consciente desse fato. A segunda formulação, baseada no distanciamento, é típica da sociolinguística de estilo laboviano, preocupada em estabelecer uma correlação o mais exata possível entre contexto e forma linguística.

Os objetivos de Labov (1973) são principalmente dois: a) mostrar que estrutura não é sinônimo de homogeneidade, de onde se depreende que ele quer colocar em destaque a organização social da variação, mais do que procurar depreender os efeitos de sentido desta mesma variação; b) mostrar que, embora haja uma variação estilística de grande envergadura, é falsa a impressão de que não importa quem possa dizer não importa o quê. Seu trabalho é tentar precisar ao máximo as condições contextuais em que alguém diz o quê e de que forma (POSSENTI, 1993).

Considerando, dessa forma, o estilo em uma perspectiva voltada à Sociolinguística, Rezende (2009) afirma que o estilo é um dos elementos centrais no estudo da variação.

A variação linguística consiste num fenômeno comumente caracterizado a partir de três componentes principais. São eles os (i) componentes internos ao próprio sistema sob análise (fatores imanentes, portanto); ou ainda, os (ii) componentes sociais dos falantes, sua classe social, gênero, grau de escolaridade (os denominados fatores inter-falantes); ou, e por fim, os (iii) fatores de ordem individual (intra-falantes), também denominados de componentes estilísticos. São estes os três *loci* privilegiados para a observação da natureza dinâmica da fala dos atores sociais (BELL, 1984, p. 145).

Segundo avaliação de Rickford e Eckert (2001, p. 2), comparado aos domínios de fatores imanentes e fatores inter-falantes, o domínio dos componentes estilísticos tem recebido menos atenção no paradigma variacionista. A razão para tanto consiste no fato de que a variação estilística não é atribuída diretamente a fatores performativos ou mesmo a fatores inerentes ao sistema linguístico dado, mas segundo duas categorias, a saber, prestígio e o grau de atenção do falante à sua própria fala.

Podemos considerar que enquanto a noção de prestígio desempenha um importante papel no trabalho de Labov sobre estilo, é a *atenção prestada à fala* que ele coloca como foco, presumivelmente porque a atenção é o mecanismo cognitivo que liga o social aos fatores linguísticos (HORA; WETZELS, 2011).

Na teoria de Labov (1972, 1974, 1982, 1994), na qual o estilo é visto como atenção prestada à fala, suas observações e as amostras gravadas indicaram que no extremo do “prestígio” o discurso dos sujeitos resultava de uma fala mais formal e cuidada, ao passo que, no extremo do “estigma”, os sujeitos falavam de maneira casual, não monitorando sua própria fala. Como se nota, as noções de prestígio e de atenção à fala estão inextricavelmente relacionadas em Labov (1966). É sobretudo a partir da “atenção à fala” que será formulado o conceito laboviano de “vernáculo” (a fala mais natural possível do sujeito, não monitorada por ele) e será pensada a “entrevista sociolinguística” laboviana como método para coleta de dados. A ideia de atenção à fala – mecanismo cognitivo que liga fatores sociais a fatores linguísticos – é habilmente elaborada por Labov enquanto procedimento analítico para medição e quantificação de variáveis linguísticas num excerto de entrevista sociolinguística. De forma que o resultado dessa medição é construído sobre relações de proporcionalidade direta: quanto menor a atenção do sujeito à sua própria fala, quanto menor o monitoramento e a correção, mais natural será o discurso, mais próximo do vernáculo. E é o vernáculo, especificamente, fonte de evidências do processo de mudança linguística (REZENDE, 2009).

Gorski (2011) menciona que, em outro trabalho, Labov (2003 [1969], ao tratar de estilo, afirma que (i) um dos princípios fundamentais da investigação sociolinguística é o de que “não existe falante de estilo único”; (ii) cada falante

varia “de acordo com o contexto imediato em que está falando”, sendo as mudanças de estilo determinadas a) pelas relações do falante com o ouvinte ou a audiência, e particularmente pelas relações de poder e solidariedade entre eles; b) pelo contexto social mais amplo, os domínios da escola, emprego, casa, vizinhança, igreja; c) pelo tópico (p. 234).

Não obstante Labov reconhecer o papel desempenhado pelo contexto imediato do ato de fala, no decorrer do trabalho o que ganha destaque é a estratificação social da linguagem baseada em características do falante e a mudança de estilo é atestada em variáveis sociais bem estabelecidas. Percebem-se aparentes forças em competição no dizer/fazer laboviano: o social dividindo-se entre (i) o contexto do ato de fala e seus componentes constitutivos (falante/ouvinte, domínio, tópico), nesse caso, associados à variação estilística; e (ii) os fatores sociais que estratificam o falante, associados à variação social propriamente dita.

Percebe-se também que a variação estilística vinculada às relações sociais mantidas entre os participantes de um evento comunicativo acaba sendo relegada a um segundo plano. Isso se deve, pelo menos em parte, à preocupação de Labov com o estabelecimento de padrões regulares de uso, estatisticamente verificados, que possam ser abstraídos de manifestações linguísticas individuais. E, segundo o autor, as medidas bem estabelecidas para a captação desses padrões são aquelas assentadas no falante (GORSKI, 2011).

Na abordagem laboviana, a variação estilística se vincula ao monitoramento da fala, que implica um certo apagamento do vernáculo – estilo casual, procurado pelo sociolinguista. Nesse caso, a variação estilística poderia mostrar apenas uma variação momentânea da língua, em decorrência de o falante monitorar a sua fala conforme a posição social que ocupa, o seu destinatário ou o tema que aborda. Com isso, a variação estilística acaba provocando no pesquisador uma certa suspeita, conferindo àquela um potencial menor para explicar os fenômenos da mudança (SEVERO, 2009, p.277).

De acordo com Teixeira (2003, p.43), Labov define *estilo* como a frequência relativa de traços ou marcas estilísticas. Para ele, “o maior ou o menor grau de atenção dispensado à fala produz padrões estilísticos mais ou

menos formais. Desse modo, a questão da identificação do estilo começa com a distinção dos contextos ou situações em que a comunicação se estabelece”.

Assim, podemos inferir que o contexto ou situação comunicativa pode influenciar na qualidade da comunicação estabelecida por intermédio da LIBRAS, ao pensarmos em tudo o que rege e ampara esse sistema. Podemos inferir, também, que a LIBRAS – e todas as suas propriedades linguísticas – são responsáveis pela formação da identidade do sujeito, no sentido em que o seu uso em uma dada comunidade é capaz de revelar desejos, ideias, interesses, emoções e tudo aquilo que compete à condição humana de ser, pensar e agir. Certamente, tais posturas tendem a fortalecer o *status* que a LIBRAS vem alcançando com o passar dos anos e a realização desta pesquisa é uma intenção de colaborar neste desbravamento.

Ainda tecendo algumas discussões dos construtos teóricos relevantes para este trabalho, faz-se necessário considerar que a variação estilística envolve variação na fala de falantes individuais mais do que entre grupos de falantes, ou seja, ela está mais presente intrafalante do que entre falantes, muito embora saibamos que, para termos a primeira, necessariamente, teremos que ter a segunda (HORA; WETZELS, 2011, p. 149). Segundo Eckert e Rickford (2001, p. 3), o estudo de Labov (1966) estabelece uma forte ligação entre o indivíduo e a comunidade – entre o linguístico, o cognitivo e o social.

Ele demonstrou que o uso das variáveis sociolinguísticas é estratificado socioeconomicamente, e que a variedade estilística de cada falante cobre um contínuo do uso na matriz socioeconômica. Ao colocar o prestígio na parte mais alta da hierarquia socioeconômica e o estigma na parte mais baixa, Labov caracterizou cada *continuum* estilístico do falante em relação a esses dois polos. Ele viu o prestígio da variedade do falante como o resultado da fala formal, cuidada, e o estigma como o resultado da fala casual, não monitorada. Portanto, *a atividade estilística do falante estava diretamente ligada a sua posição na hierarquia socioeconômica e nas estratégias utilizadas* (HORA; WETZELS, 2011, p.155, grifo nosso).

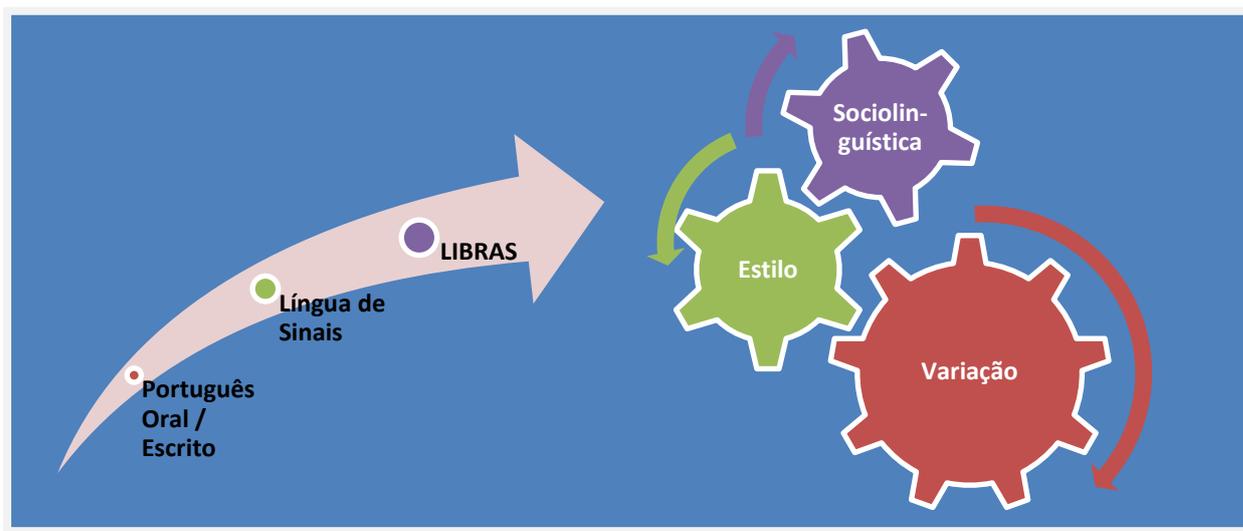
Partindo das ideias expostas, é interessante levantarmos algumas reflexões acerca do estilo e a LIBRAS. Assim, que tipo de atividade estilística o usuário da LIBRAS desenvolve, considerando sua posição socioeconômica e as estratégias por ele utilizadas em um contexto sociointerativo? Estas

respostas mostram-se como uma contribuição a mais que este trabalho tenta trazer.

Além disso, Massone (1993) coloca que ao descrever e comentar os caminhos escolhidos pelos linguistas interessados no conhecimento das línguas de sinais, criticou-se a tendência de permanência destes estudos à sombra daqueles tradicionalmente desenvolvidos e pensados para as línguas orais:

Até que ponto as línguas de sinais podem ser entendidas dentro do marco convencional da linguística, quer dizer, tomando como pontos de referências teóricos modelos que foram projetados para línguas baseadas nos sons e derivados de formas linguísticas formalizadas? (...) Os modelos que provêm da linguística tradicional e ocidental são suficientes para a análise das línguas de sinais? Podem as línguas de sinais ser descritas nos mesmos termos das línguas faladas? (*op.cit.*, p. 81-82).

Assim, nos é mostrada a grande relevância do estudo ligado aos aspectos de estilo da língua, em especial da Língua Brasileira de Sinais, assim como será feito no presente estudo, ao estudarmos *como* a língua funciona em meio a seus usuários. Dessa maneira, construímos o esquema a seguir (quadro 08), o qual demonstra a influência do Português Oral/Escrito na língua de sinais e como tal aspecto incide sobre a LIBRAS, considerando a particularidade referente ao estilo da língua, visto como centro no aspecto da variação no contexto da Sociolinguística.



**Quadro 08: Esquema representativo da LIBRAS no seu contexto de uso**

**FONTE: DADOS PESQUISADOS, 2012.**

Aliando tais conhecimentos à variação estilística esperada na LIBRAS, iremos traçar alguns aspectos de análise e discussão dos dados de tal maneira a corroborar, ou não, os achados teóricos ligados a esta temática. Antes, contudo, iremos traçar as condutas e estratégias lançadas para a realização desta pesquisa, tal como será exposto na Metodologia a seguir.

## 5. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

---

### *Tipo e Local da Pesquisa*

Esta tese contempla dados de uma pesquisa desenvolvida junto ao IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), do tipo quali-quantitativa, de caráter exploratório e analítico, na qual foram coletados dados acerca do uso da Língua Brasileira de Sinais, bem como da variação existente entre as comunidades surda e ouvinte nos municípios de João Pessoa e de Recife, considerando os estudos variacionistas da Língua em tais localidades. Tal pesquisa (chamada aqui de pesquisa raiz) teve como principal objetivo desenvolver o projeto piloto que visa à aplicabilidade do Inventário Nacional da Diversidade Linguística em LIBRAS como instrumento de valorização e reconhecimento da diversidade linguística no Brasil. A mesma foi intitulada *Estudos Preliminares para o Inventário Nacional da Diversidade Linguística – A Língua Brasileira de Sinais no Nordeste: as variantes de João Pessoa e Recife*.

Tal pesquisa se justificou pela necessidade de salvaguardar o patrimônio linguístico e cultural dos usuários de LIBRAS nas capitais de João Pessoa e Recife, procurando destacar: variedades linguísticas, modos de uso, perfil dos usuários, status de bilinguismo presente entre as comunidades surdas, zonas de circulação dessa língua, que, oficialmente, constitui-se como uma língua nova, necessitando assim de um inventário, de descrição para a sua preservação.

Além de dados coletados sobre os falantes e o uso da Língua Brasileira de Sinais, nas duas capitais, foi feito um Inventário de 200 palavras da lista de SWADESH (apêndice 01), com um surdo de João Pessoa e de Recife, evidenciando variedades linguísticas existentes nas duas cidades.

Partindo dessa proposta, esta tese de Doutorado tem como objetivo geral analisar os aspectos de estilo da Língua Brasileira de Sinais em uso nos municípios de João Pessoa e Recife, considerando seu aspecto variacionista em um contexto sociolinguístico. Enquanto objetivos específicos, podemos elencar: traçar os locais de circulação da Língua Brasileira de Sinais; apresentar o perfil dos usuários desta língua; revelar a finalidade de uso da

Língua Brasileira de Sinais em seus diversos contextos socioculturais e identificar os aspectos de variação e estilo da Língua Brasileira de Sinais, por meio da lista de SWADESH e de uma entrevista informal em ambas as cidades.

Tais objetivos serão alcançados levando-se em consideração alguns recortes de dados da pesquisa raiz, revelando-se, dessa forma, como um estudo *documental*<sup>4</sup>.

#### *Critérios de inclusão e exclusão para seleção da amostra*

- Sujeitos usuários da Língua Brasileira de Sinais, surdos ou ouvintes;
- Sujeitos entre 15 e 35 anos de idade;
- Sujeitos residentes nos municípios de João Pessoa ou Recife;
- Participante do sexo feminino;
- Participante com nível Superior.

#### *Número de participantes*

Esta pesquisa foi realizada com a documentação de cinquenta e quatro sujeitos residentes em João Pessoa e de quarenta e dois residentes em Recife, usuários da Língua Brasileira de Sinais, dentre surdos e ouvintes. Estes sujeitos foram, assim, distribuídos de acordo com o sexo, a faixa etária e o nível de escolarização. Vale ressaltar que não houve riscos prováveis para os participantes (visto que é uma pesquisa documental, na qual foram analisados os dados do Laboratório de Fala e Escrita da UFPB já contendo os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido dos sujeitos envolvidos) e os benefícios recebidos voltam-se ao conhecimento da língua enquanto variação e como a mesma funciona em determinados contextos socioculturais.

---

<sup>4</sup> Sendo um estudo documental, fará uso de um banco de dados. Este, por sua vez, faz parte do projeto raiz citado aqui, intitulado *Estudos Preliminares para o Inventário Nacional da Diversidade Linguística – A Língua Brasileira de Sinais no Nordeste: as variantes de João Pessoa e Recife*.

### *Variáveis*

- Variável dependente: variação entre e intra dialetais de cinco itens lexicais presentes na Lista de Swadesh.
- Variáveis independentes: participantes entre 15 e 35 anos de idade; sujeitos com nível superior; participantes residentes em João Pessoa ou Recife; sujeitos do sexo masculino ou feminino e usuários da Língua Brasileira de Sinais, bem como o contexto de realização da variante.

### *Instrumento (s) e técnica (s) para coleta de dados*

O instrumento de coleta de dados da pesquisa raiz foi a filmagem semanal dos sujeitos participantes, em que cada usuário da língua respondeu em LIBRAS a perguntas elaboradas antecipadamente pela pesquisadora sobre os três provocadores, a saber: Racismo, Futebol e H1N1 (apêndice 02).

Os provocadores, conforme citado anteriormente, eram imagens que remeteram a uma análise e a uma reflexão do sujeito da pesquisa sobre a temática exposta e foram, a partir delas, que este sujeito, usuário da LIBRAS, sinalizou aquilo que compreendeu.

Além disso, foi traçado um perfil dos usuários da LIBRAS, locais e possibilidades de uso da mesma, por meio da aplicação de um questionário, assim como a filmagem de 200 palavras da lista de SWADESH, a fim de que fosse analisada a possível variação estilística existente.

Partindo do que foi exposto, como a presente pesquisa é do tipo *Documental*, a mesma teve como base os documentos, filmagens e dados arquivados no Laboratório de Fala e Escrita (LAFE), coletados na ocasião da realização do trabalho *Estudos Preliminares para o Inventário Nacional da Diversidade Linguística – A Língua Brasileira de Sinais no Nordeste: as variantes de João Pessoa e Recife*, intitulado anteriormente como pesquisa raiz.

### *Tratamento e análise dos dados*

Para a coleta dos dados iniciais da pesquisa raiz, cada usuário teve um minuto para leitura de cada imagem, com a consequente sinalização em LIBRAS, representando sua compreensão. O tempo destinado a cada sujeito foi de vinte minutos, incluindo um minuto de leitura de cada imagem (provocador) e cinco minutos para suas respectivas sinalizações, com dois minutos de intervalo entre um sujeito e outro.

Os participantes também responderam, em LIBRAS, a um questionário previamente elaborado, contendo perguntas voltadas às temáticas de saúde, cultura e a própria Língua, os quais também foram filmados (apêndice 03).

Tal esclarecimento faz-se necessário uma vez que toda a documentação inerente ao projeto serviu de suporte indispensável à realização desta pesquisa atual, ou seja, do projeto raiz foram utilizados alguns dados que pudessem responder aos objetivos da nossa proposta atual.

Em um **primeiro momento**, foi feita uma análise sociointeracionista frente aos dados coletados de 96 (noventa e seis) usuários da LIBRAS, sendo 54 (cinquenta e quatro) residentes em João Pessoa e 42 (quarenta e dois) em Recife. Abordamos onde e como a língua circula em meio a seus usuários, bem como sua finalidade, relevância, idade e locais de aquisição/aprendizagem da LIBRAS, necessidade ou não de intérprete nos contextos sociais de interação, a (in) existência de material instrucional, grupos culturais e material cultural em LIBRAS, fluência desta no dia a dia e dificuldades como usuário desta língua. Tal interpretação foi exposta por meio de gráficos e discutida em seguida.

Em um **segundo momento**, dos 200 (duzentos) sinais registrados na Lista de Swadesh e, em média, 68 (sessenta e oito) que variam, elegemos cinco deles que evidenciam uma grande variação lexical: BRANCO, ESPOSO, ESPOSA, CRIANÇA e PESSOA para análise por meio do programa ELAN. Intitulamos os participantes sinalizadores desta etapa como sujeitos **E** e **F** – sujeito **E** surdo, do sexo masculino, Ensino Superior, idade entre 15 e 35 anos, residente no município de João Pessoa; sujeito **F** – apresentando as mesmas condições, exceto por residir no município de Recife. O objetivo desta etapa foi

analisar as variações entre e intra dialetais presentes entre esses dois municípios, tomando como referência os cinco sinais mencionados acima e, por fim, tecer algumas considerações acerca do perfil estilístico da LIBRAS, o qual remete a uma condição particular de expressão.

De acordo com Christmann, Domingos e Oliveira (2010), ELAN é a denominação mais conhecida de Eudico Linguistic Annotator, um software desenvolvido na Holanda pelo Instituto de Psicolinguística Max Planck que permite a criação, edição, visualização e busca de anotações através de dados de vídeo e áudio. Além do ELAN existem outros programas de transcrição de dados como BTS, File Make Pro e SignStream. A principal vantagem do ELAN é que ele é gratuito, pode ser baixado da internet e tem versões compatíveis com Windows, Linux e Mac.

O ELAN favorece a transcrição de vídeos, pois, permite modo de visualização de uma timeline (semelhante aos programas de edição de vídeo) na qual se pode realizar anotações em linhas, denominadas trilhas. Nas trilhas de anotações, os trechos transcritos estão associados a trechos dos vídeos, permitindo um número ilimitado de registros. As trilhas de anotações são criadas e nomeadas pelos pesquisadores em função dos objetivos de sua pesquisa. No caso da pesquisa com línguas de sinais podem ser utilizadas, por exemplo, linhas para anotações das glosas (anotações específicas de elementos isolados para fazer referência a outro texto), tradução para português ou outro idioma, marcações não-manuais, sons associados à produção de sinais, descrição do contexto de interação, comentários, entre outros. Cada anotação selecionada permite a localização e exibição do vídeo de maneira sincronizada. Com o ELAN, o transcritor pode rever e até mesmo alterar uma anotação específica sem ter que exibir todo o vídeo, basta selecionar o texto em um dos modos de visualização disponíveis (grade, texto, legenda). Além disso, é possível visualizar até quatro janelas com vídeos distintos destacando os trechos de interesse.

Esta ferramenta constitui-se em um grande avanço na investigação das Línguas de Sinais em geral, e em particular, nas pesquisas em Aquisição da Língua de Brasileira de Sinais – LIBRAS. No nosso caso, também tornou-se uma ferramenta importante para transcrição e análise da LIBRAS em meio a seus usuários.

O **terceiro momento** da análise e discussão dos resultados voltou-se ao estudo do dialeto na comunidade, isto é, como esses mesmos sinais (BRANCO, ESPOSO, ESPOSA, CRIANÇA e PESSOA) agora, são usados no contexto informal de interação e comunicação. Para que esta compreensão fosse possível, analisamos toda a sinalização na entrevista com os elementos provocadores e o questionário (citados no tópico anterior) de 04 (quatro) sujeitos, sendo 02 (dois) residentes no município de João Pessoa (sujeitos **A** e **B**) e 02 (dois) em Recife (sujeitos **C** e **D**). As condições dos sujeitos participantes desta etapa foram as mesmas da etapa anterior: sujeitos com idade entre 15 e 35 anos e com Ensino Superior. Além dessas condições, é válido mencionar que os participantes em João Pessoa foram um surdo e um ouvinte, do sexo feminino; em Recife, dois surdos do sexo feminino. O objetivo desta última etapa foi compreender como a LIBRAS é usada em contexto informal de comunicação, tomando-se como parâmetro os cinco sinais (variantes) já mencionados.

Dessa forma, no decorrer da entrevista com esses participantes, foram analisados todos os momentos em que essas variantes eram sinalizadas. Contextualizamos este uso e, por fim, tecemos algumas considerações acerca do estilo revelado nessas condições, valorizando o sujeito como aquele que usa a língua para fins comunicativos, mas, principalmente, a língua em si, dotada de variações e aspectos que lhe são particulares e que marcam seu estilo de uso.

### *Questões éticas*

A pesquisa foi enviada para apreciação junto ao Comitê de Ética em pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba-CCS/UFPB, aprovada sob o protoc. nº0386/12 CAAE: 06292512.1.000.5188. Apesar de ser uma pesquisa *documental*, os participantes do projeto raiz ou seus responsáveis (de onde recortamos os dados para análise) assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido conforme a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, na ocasião de sua realização (apêndice 04). Continuaremos mantendo em sigilo os nomes dos participantes e os dados

coletados serão utilizados apenas para fins acadêmicos (publicação em congressos, encontros e/ou revistas científicas).

## **6. APRESENTAÇÃO DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

---

Inicialmente, iremos discorrer a presente análise considerando o contexto da Sociolinguística atrelado à análise posterior dos aspectos de estilo da LIBRAS. O constructo teórico apresentado até então irá nos auxiliar no entendimento de como a LIBRAS vem evidenciando um status linguístico rico, em especial, ao considerarmos a comunidade surda que dela faz uso enquanto instrumento comunicativo.

A cultura surda, assim, tende a se fortalecer, uma vez que esta cultura é vista como “o jeito de o surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se tornar acessível e habitável (...). Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo” (STROBEL, 2008, p. 24).

Tais valores são revelados pelos recorrentes estudos que vem sendo desenvolvidos, os quais tomam a língua como ponto de partida para a compreensão do que rege uma comunidade surda e tudo aquilo que enriquece e consolida as trocas sociais inerentes à cultura surda.

Busca-se, com o presente trabalho, contribuir para o reconhecimento desta língua por meio da análise dos aspectos de estilo da LIBRAS nos municípios de João Pessoa e Recife, considerando seu aspecto variacionista em um contexto interativo.

Dessa maneira, os gráficos e as discussões a seguir contemplarão dados que privilegiam a LIBRAS e seus aspectos de variação e estilo, em um contexto vinculado à Sociolinguística.

### **6.1 DELIMITANDO O CAMPO DA SOCIOLINGUÍSTICA NO USO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**

Com o intuito de auxiliar na compreensão de como a LIBRAS circula nos municípios em questão, apresentamos, a seguir, uma breve descrição do nascimento desta língua, história contada por dois sujeitos surdos, residentes nos municípios de João Pessoa e Recife, de grande valor no contexto da Sociolinguística.

### 6.1.1 HISTÓRIA DA LÍNGUA DE SINAIS EM JOÃO PESSOA – PARAÍBA

Por volta de 1977, com idade de 13 anos Nilton Barbosa dos S. Filho, que residia em Recife e lá teve as primeiras experiências com a língua de sinais, vem para João Pessoa, quando começa a estudar na Escola de Audio-comunicação. Nesse período era proibido ao surdo sinalizar, sendo-lhe obrigado a oralizar, e assim, conhece Lêucio Mesquita que vem de Belo Horizonte para residir em João Pessoa. Lêucio trazia consigo um conhecimento bem evoluído da língua de sinais aprendida no INES-RJ e passa a melhorar a sinalização dos jovens surdos da cidade que até então era reduzida a sinais caseiros.

Por volta de 1984, segundo relato dos surdos mais experientes da cidade, o surdo Marcelo Lima, já falecido, chega do Rio de Janeiro onde aprendeu a língua de sinais no Instituto de Educação dos Surdos – INES-RJ. Aqui encontra Joca que também já conhecia a língua de sinais que aprendera em Recife. Sua cidade Pombal, no sertão da Paraíba, localiza-se próximo a Recife. Lá, Joca aprendia e tinha contato com a então língua de sinais ainda bem simplificada, mas bastante evoluída para a época.

Além dos surdos citados outros nomes são também relevantes para a divulgação da língua em João Pessoa, como o de Renan, Carlos (ambos falecidos) e Valdeci. Assim, através de Nilton, Lêucio, Marcelo e Joca., a língua de sinais passa a ser divulgada entre os surdos que, mesmo proibidos, fora do ambiente escolar e da presença da família, sinalizavam entre si. A LIBRAS, até então, não tinha nomenclatura definida.

Marcelo, que havia frequentado a primeira igreja evangélica do Rio de Janeiro e onde se fazia interpretação simultânea em língua de sinais para surdos, chega à cidade sob forte influência evangélica e passa a divulgar essa nova língua na Primeira Igreja Batista de João Pessoa, igreja essa, que permanece há 26 anos, realizando o mesmo trabalho de interpretação para surdos, e é reconhecida como a terceira igreja do Brasil a fazer interpretação simultânea de seus cultos para surdos. Enquanto isso, os demais surdos conhecedores da língua faziam a mesma divulgação da língua de sinais entre os surdos e ouvintes na cidade.

Outros nomes ganham importância na cidade como Daniel e Valdeci, este como o primeiro surdo a se converter ao evangelho na Primeira Igreja Batista de João Pessoa, através de Marcelo e aquele, o primeiro intérprete da mesma igreja e da cidade. Os nomes de Edilson, Francisco e Gerson também surgem como os multiplicadores da língua de sinais na cidade.

Em 1986, com a língua de sinais já bem expandida, os surdos citados acima passam a discutir a possibilidade da criação de uma associação de surdos. As discussões perduram, até que em 17 de julho de 1988, é criada a Associação de Surdos de João Pessoa – ASJP, que teve como primeiro presidente Lêucio Mesquita. O segundo, Francisco e o terceiro Nilton, que presidiu a associação por 03 anos consecutivos.

Atualmente, a LIBRAS continua em grande expansão e desenvolvimento, graças a todo o trabalho que se iniciou pelos sujeitos<sup>5</sup> aqui citados. Ela circula em locais como: Alpargatas, Assembleia de Deus Central, Assembleia Legislativa da Paraíba, Associação de Intérpretes da Paraíba, Associação de Surdos da Paraíba – ASP, Associação Evangélica de Pessoas com Deficiência – ASSEDEP, Banco Real de Cruz das Armas, Instituição Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFPB, Centro de Educação Permanente para Surdos – CEPES, Clínica-Escola de Fonoaudiologia do Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ, CODAPA / CAS – FUNAD, Coteminas, Escola Antônia Rangel de Farias, Escola Estadual Ana Paula, Escola Estadual de Audiocomunicação, Escola Frei Martinho, Escola Municipal Demerval Trigueiro, Escola Municipal Leonel Brizola, Escola Municipal Zulmira dos Novais, Faculdades Integradas de Patos – FIP, Fundação de Assistência a Pessoas com Deficiência – FUNAD, Igreja Cidade Viva, Igreja Santa Júlia (Pastoral dos Surdos), Escola José Vieira, Lojas Riachuelo, Escola Lyceu Paraibano, Escola Maria do Carmo de Miranda, Escola Maria Geni, NUPEL, 1ª Igreja Batista Bessamar (Cidade Viva), Salão do Reino das Testemunhas de Jeová, Empresa São Braz, Secretaria de Educação Municipal, Escola Sesquicentenário, Shopping Tambiá, SUVAG, Terminal de Integração de João

---

<sup>5</sup> Os nomes que são citados sem sobrenome devem-se ao fato de que não nos foi possível identificá-los, visto que os surdos não se identificam pelo nome, e sim, pelo Sinal Pessoal e, conseqüentemente, os entrevistados desconhecem os sobrenomes uns dos outros.

Pessoa, Fábrica Toália, Escola Índio Piragibe, Central de LIBRAS – CELIS, e Caixa Econômica Federal - Agência Eptácio Pessoa.

Vale ressaltar, por fim, que com base em um levantamento realizado nessas quarenta e duas instituições/entidades, há uma estimativa de 1.300 usuários de LIBRAS na cidade de João Pessoa. Sabe-se que este número possivelmente é maior. Este quantitativo se deu com base no cadastro fornecido pelas instituições/entidades.

### **6.1.2 HISTÓRIA DA LÍNGUA DE SINAIS EM RECIFE – PERNAMBUCO**

O trabalho com surdos na cidade foi formalizado nas décadas de 50/60, um dos primeiros do Nordeste, tendo como uma das pioneiras a Irmã Josefina (religiosa alemã radicada na cidade do Recife) que capacitou os primeiros profissionais para trabalhar com surdos. Nesta ocasião, os métodos orais representavam a única opção educacional dessas crianças e, principalmente sob a orientação desta religiosa procedente de um país precursor deste método, e, por isso, a proposta não poderia ser diferente.

Como em tantas outras regiões do mundo, mesmo com a prevalência da oralidade, os sinais nunca deixaram de existir, embora restritos a pequenos grupos, e, em ocasiões que congregavam apenas surdos.

Em 1981, após o Congresso Internacional da Pessoa Deficiente, realizado em Recife, a língua de sinais começou a tomar força e a ser objeto de defesa de grupos de surdos. Essa iniciativa foi tomando corpo até que no início do século XXI, foi legitimada, proporcionando novos rumos para sua adoção em todo o país.

Ainda no século XX, na década de 80 uma linguista chamada Lucinda Ferreira Brito, uma das maiores estudiosas de língua de sinais brasileira, peregrinando por todo o país, esteve alguns anos em Recife, influenciando uma pequena parte da comunidade científica local para essa língua. Os seus estudos serviram de base para as primeiras reflexões em torno da LIBRAS que circulava nesta cidade.

Podemos afirmar que a LIBRAS circulante em Recife teve forte influência da língua de sinais americana, uma vez que existiam publicações originárias daquele país: uma religiosa (Irmã Virginia) que apresentava

modelos de sinais que começaram a circular entre os surdos, embora saibamos que a origem da LIBRAS se fundamenta na língua de sinais francesa.

Com o passar do tempo, e os primeiros estudos realizados na comunidade recifense capitaneados por Celina Hultzer e, posteriormente, Tanya Amara Felipe, ambas na UFPE, foram oferecendo espaço para novas reflexões sobre o uso da língua de sinais nesse estado.

Os primeiros cursos foram oferecidos para ouvintes sempre ministrados por surdos adultos. “Rompendo a barreira do som” foi a primeira proposta gravada de um curso de língua de sinais, sugerido por Celina Hultzer. Com o passar do tempo, a metodologia de ensino de LIBRAS revisa sua proposta que sai do registro de imensas listas de vocabulário, para o “Libras em Contexto” proposto por Tanya Amara Felipe e adotado pela Ministério da Educação.

Aconteceram várias mudanças nas concepções de uso dessa língua, diante da valorização dos estudos linguísticos em torno do tema. A comunidade linguística pesquisada teve como origem especialmente os grupos nas Associações (ASSPE, FENEIS) e Igrejas (especialmente as evangélicas) que apresentam um trabalho mais intenso no que se refere à disseminação da LIBRAS.

Nas igrejas, o trabalho está inicialmente vinculado ao objetivo de levar a palavra de Cristo para os surdos. Observamos que embora com esta finalidade, todas desenvolvem um trabalho paralelo de esclarecimentos sobre diversos assuntos, dentre eles teatro, leitura, escrita e artes de modo geral.

Normalmente, essas instituições – principalmente as evangélicas – estavam interessadas, desde o início, na catequese da pessoa surda, e se empenhavam em aprender os sinais, para conseguir esse objetivo. O espaço de envolvimento com a comunidade surda foi sendo ampliado, pois apareceram outras necessidades que demandaram a presença de um intérprete.

Atualmente, em Recife, temos duas igrejas que são referências tanto quanto ao número de surdos envolvidos quanto ao ensino e instrução da Língua de Sinais para toda a comunidade (inclusive pessoas que não fazem parte das atividades da igreja). As igrejas pesquisadas contam com a presença de intérprete em todas as atividades executadas e oferecem curso de LIBRAS

para toda a comunidade (surdos e ouvintes) e com um ministério de surdos. É importante destacar que as igrejas se localizam em pontos principais da cidade de Recife.

As igrejas católicas também realizam um trabalho no tocante a reunir surdos para as celebrações ou qualquer outro tipo de trabalho. O número de surdos que frequentam a FENEIS/PE gira em torno de trinta e nas diferentes faixas etárias. Parece-nos que não mantêm um trabalho que congregue permanentemente os associados, acontecendo isso apenas em eventos e/ou ocasiões especiais. Observamos que os grupos de surdos mais velhos não parecem frequentar esses espaços. O grupo é constituído essencialmente de jovens a adultos, havendo prevalência do sexo masculino.

Antes de 1985, não existiam associações. Alguns surdos idosos e adultos sempre se encontram na casa de amigos surdos para conversarem. Em 17 de outubro de 1985 fundaram a Associação de Surdos de Pernambuco, a primeira associação de surdos de Pernambuco e o primeiro presidente foi D.M. Eles criaram o primeiro símbolo e também o sinal da ASSPE. O primeiro bairro da ASSPE ficava em Berberibe. Atletas da ASSPE fizeram uma primeira viagem para Fortaleza-CE, onde houve um campeonato de futsal e ASSPE foi campeã em 1986.

A primeira miss da ASSPE foi W.P. em 1986. O primeiro presidente feminino da ASSPE foi T.J. em 1991. Mais de 10 anos depois, mudou para o bairro da Torre, passou alguns anos em Casa Amarela, e em 2002 voltou para Torre, onde continua funcionando.

O objetivo da ASSPE é trabalhar com lazer, esportes, cursos, viagens e empregos na comunidade surda. Surdos sempre frequentam a ASSPE todos os sábados a partir de 17h. A ASSPE tem mais de 800 sócios desde 1985 e esta instituição congrega um número bastante elevado de participantes, diferentemente da FENEIS.

Existem espaços, como o Shopping Boa Vista (às sextas feiras, final de tarde, que congregam o maior número de surdos que em qualquer outro ambiente, mesmo considerando as Associações e Igrejas). Aí podemos obter informações de todos os grupos que circulam na cidade, suas principais reivindicações, encontros e comemorações. Este shopping se encontra em ponto central da cidade de Recife, com intensa circulação de transportes, o que

facilita o deslocamento. A estimativa de usuários de LIBRAS em Recife é de 1.400, também com base em um levantamento realizado nas instituições/entidades listadas abaixo. Assim como em João Pessoa, sabe-se que este número possivelmente é maior.

As instituições/entidades nas quais há a circulação da LIBRAS são: Escola Governador Barbosa Lima, Igreja de Santo Amaro, ASSPE, FENEIS, Escola Padre Henrique, Universidade Federal de Pernambuco, Shopping Center Boa Vista, Igreja Batista de Capuna e Assento de Deus.

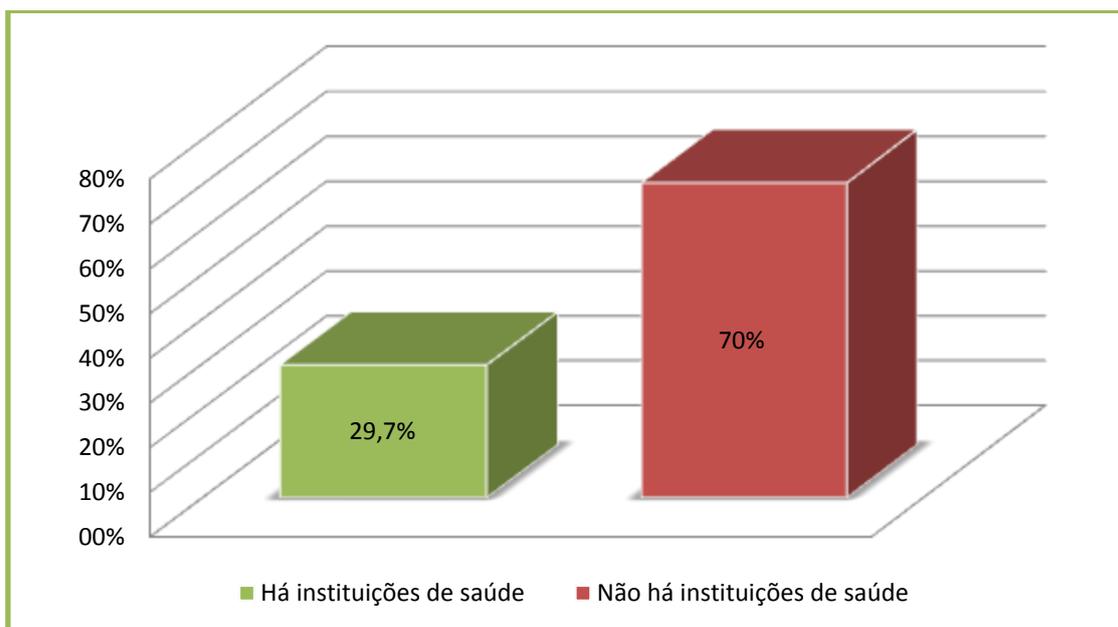
Visualizamos, a seguir, discussões nas quais consideramos os modos de uso da Língua Brasileira de Sinais, o perfil dos usuários, o status de Bilinguismo presente entre as comunidades surdas no município de João Pessoa e zonas de circulação dessa língua, que, oficialmente, constitui-se como uma língua nova, necessitando assim de um inventário, de uma descrição para a sua preservação.

### **6.1.3 ANÁLISE DO CONTEXTO SOCIOLINGÜÍSTICO DA LIBRAS EM JOÃO PESSOA E EM RECIFE**

Ao longo da análise descrita a seguir, iremos nos deparar com três temáticas principais, as quais fundamentam o questionário desenvolvido junto aos participantes da pesquisa, a saber: **Saúde, Cultura e Língua**. Ao longo dessas três temáticas, abordadas desde a pesquisa raiz, observaremos que em todas elas, a LIBRAS é vista enquanto instrumento crucial de comunicação e, por isso, privilegiaremos todas as questões que a envolvem, em todos os contextos.

Por este motivo, não foi excluída nenhuma temática, isto é, podemos inferir que qualquer dos contextos descritos a partir de então, são favoráveis à circulação da língua, acompanhada das suas possibilidades de variação. Analisemos, assim, como isto se revela, por meio dos gráficos e discussões a seguir.

## A) SAÚDE



**Gráfico 01: (In) existência de instituições de saúde que atendem ao usuário de LIBRAS em João Pessoa**

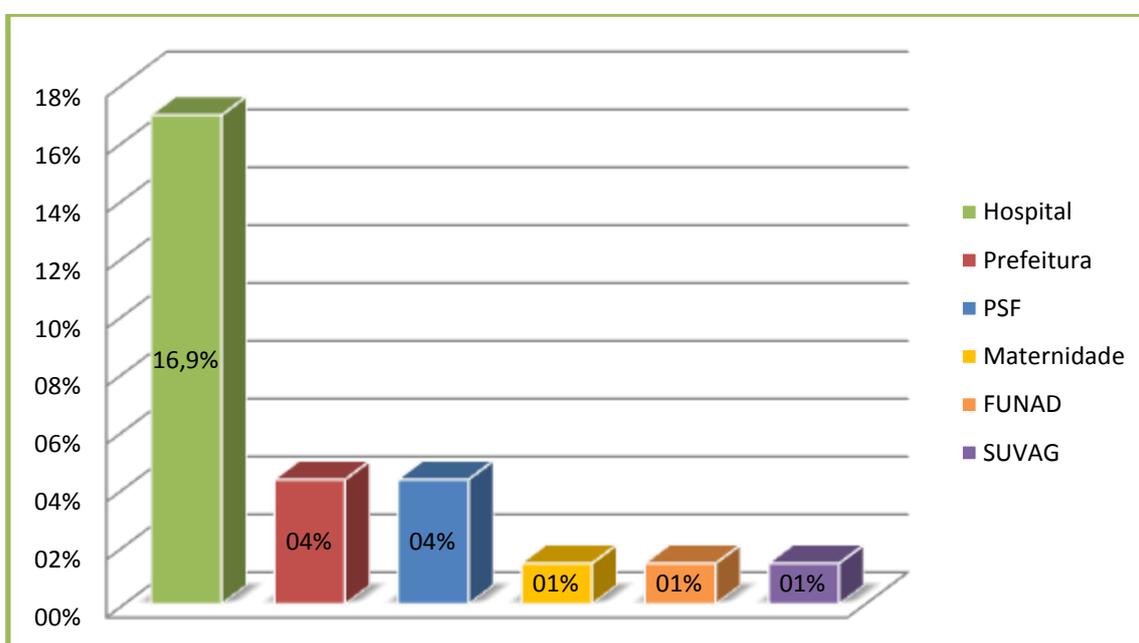
Iniciando as discussões acerca dos locais de circulação da LIBRAS no município de **João Pessoa** no âmbito da saúde, 38 sujeitos, o equivalente a 70,3%, mencionaram que não há instituições que privilegiem o acesso ao usuário da LIBRAS, em contrapartida a 16 indivíduos que referiram que há tais instituições, correspondendo a 29,7% da população pesquisada.

No município de **Recife**, essa realidade revela uma das maiores dificuldades encontradas pelos sujeitos. A consciência do direito linguístico do surdo alcançou uma parcela bastante reduzida da sociedade aqui representada pelos profissionais da saúde. Dificilmente, esses profissionais se habilitam a aprender a LIBRAS no seu ambiente de trabalho, salvo quando existem motivos familiares. Não foi identificado nenhum profissional de saúde que dominasse a LIBRAS, dentre aqueles com os quais os sujeitos interagem.

Tais dados faz-nos refletir acerca do papel social que a LIBRAS alcança ou, pelo menos, deveria alcançar em meio à comunidade de surdos e ouvintes. Uma vez que esta língua evidencia um mesmo valor linguístico, quando comparada às línguas orais, ela cumpre as mesmas funções, viabilizando a comunicação de todo e qualquer indivíduo. Mesmo com tais possibilidades de alcance social, entendemos que ela pode ser mais valorizada e suas práticas

podem, de fato, ser incorporadas na dinâmica de tais instituições frente ao usuário de língua brasileira de sinais. Uma vez que são indivíduos que, por direito, devem ter acesso a tais instituições, as mesmas devem suprir todas as necessidades vigentes, inclusive, comunicativas, uma vez que não há a possibilidade de se fornecer qualquer tipo de apoio à saúde de um indivíduo sem que com ele se estabeleça algum vínculo interativo por menor que seja.

Considerando a totalidade de sujeitos que mencionou a existência de instituições de saúde (em João Pessoa) que atendem o usuário de LIBRAS, podemos assim apresentá-las no gráfico a seguir.

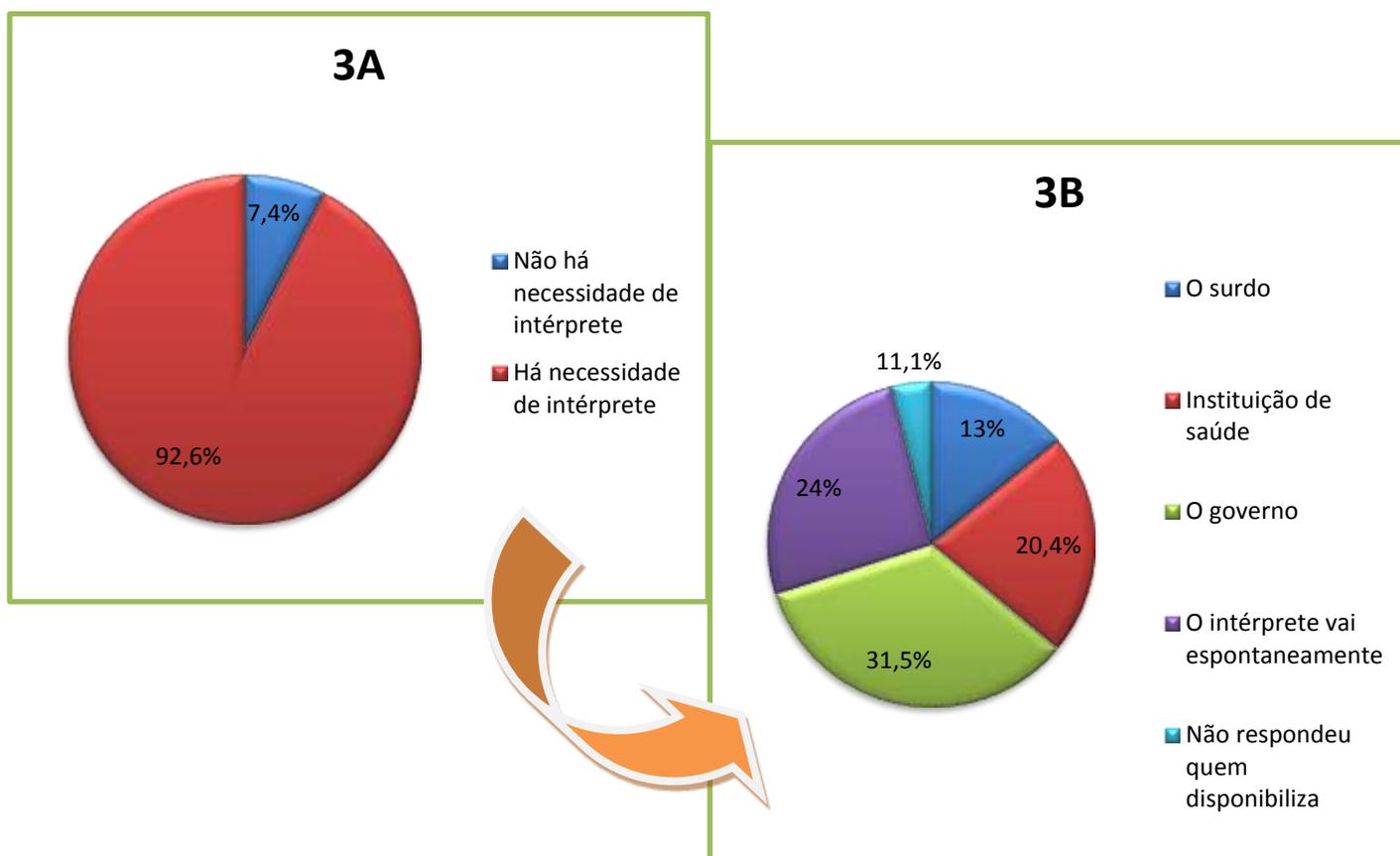


**Gráfico 02: Instituições de saúde que atendem ao usuário de LIBRAS em João Pessoa**

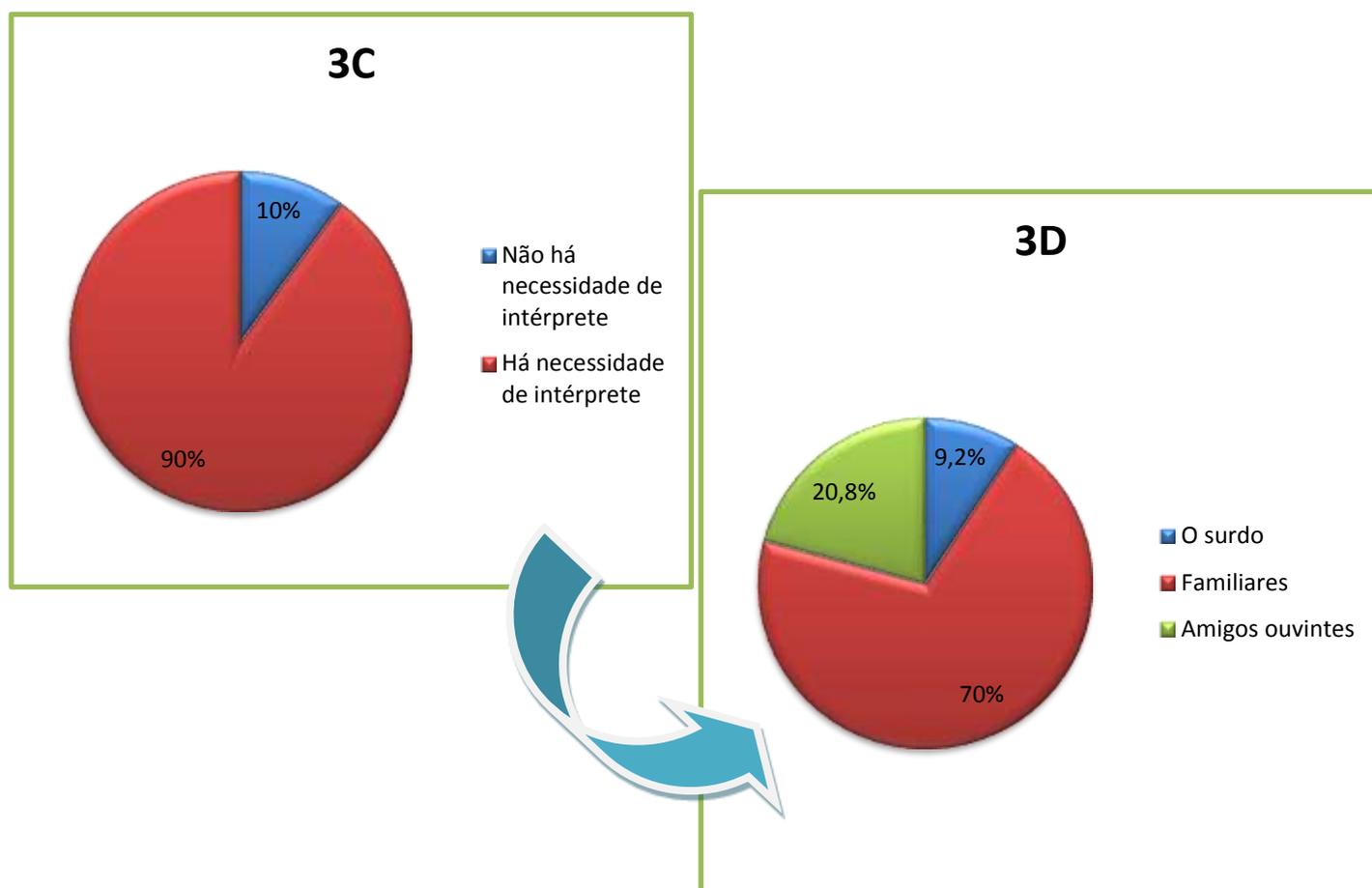
O gráfico acima demonstra quais as instituições de saúde que oferecem o serviço aos usuários de LIBRAS. Dos 29,7% dos sujeitos que responderam que há este apoio no gráfico anterior, 16,9%, isto é, 12 sujeitos, mencionaram que a conduta de apoio ao usuário de língua brasileira de sinais está presente em hospitais do município de **João Pessoa**. Em seguida, 03 indivíduos, o equivalente a 4,3%, citaram – cada um deles – a Prefeitura e o Programa de Saúde da Família como instituições que atendem o usuário de LIBRAS. Por fim, encontramos um percentual de 1,4%, ou seja, apenas 01 sujeito, afirmando que o usuário de LIBRAS é atendido em Maternidade, FUNAD (Fundação

Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência) e Centro SUVAG (Sistema Universal Verbotonal da Audição Guberina). Vale ressaltar que a resposta a este questionamento foi considerada de múltipla escolha, fato este que justifica o percentual final elevado. Como em **Recife** não houve respostas positivas no questionamento referente ao gráfico anterior, os participantes não puderam, conseqüentemente responder ao questionamento atual.

Partindo do que foi exposto, observamos que o usuário da LIBRAS tem acesso a alguns locais no município de João Pessoa quando necessita de determinadas intervenções na saúde. Tal fato é positivo, uma vez que esta língua precisa ser vista e analisada como uma atividade social, em que por meio dela sejam mantidas as interações e o fornecimento de serviços básicos, como atenção à saúde e à educação. Nesse contexto, o fornecimento de algum serviço de saúde está bem atrelado à presença de um intérprete naquele local, tal como será discutido no gráfico a seguir.



**Gráficos 03A e 3B: Necessidade ou não de intérprete / quem o disponibiliza em João Pessoa**



**Gráficos 03C e 3D: Necessidade ou não de intérprete / quem o disponibiliza em Recife**

No município de **João Pessoa**, o gráfico 3A representa a necessidade ou não de um intérprete que o usuário da LIBRAS demonstra ao comparecer a alguma instituição de saúde, em especial de usuários surdos. Da totalidade pesquisada, 7,4% dos sujeitos, o equivalente a 04 deles, afirmaram que não precisam do acompanhamento de um intérprete na ocasião de um atendimento na área da saúde. Por outro lado, 92,6% dos sujeitos afirmaram ter a necessidade de acompanhamento de um intérprete nessas ocasiões. Destes, observamos no gráfico 3B que 13% (07 indivíduos) mencionaram que o próprio surdo é quem habitualmente contrata a assistência de um intérprete; 20,4% (11 sujeitos) afirmaram que é a instituição de saúde que disponibiliza este intérprete; 31,5% (17 sujeitos) é o Governo; 24% (13 sujeitos) mencionaram que o intérprete acompanha o surdo espontaneamente e 11,1%, o que correspondeu a 06 sujeitos, não respondeu quem disponibiliza o intérprete para acompanhar o surdo em alguma situação que envolva assistência à saúde.

Em **Recife**, 90% dos sujeitos mencionou que necessita de intérprete e que, em contrapartida, 10% não necessitam, pois são oralizados. Tal informação está representada no gráfico 3C.

Por fim, no gráfico 3D, observamos que 9,2% dos entrevistados mencionam que é o próprio surdo o responsável para disponibilizar o intérprete; 70% colocam que os responsáveis são os familiares e 20,8% dos sujeitos entrevistados abordam que solicitam apoio dos amigos ouvintes para desempenhar tal função.

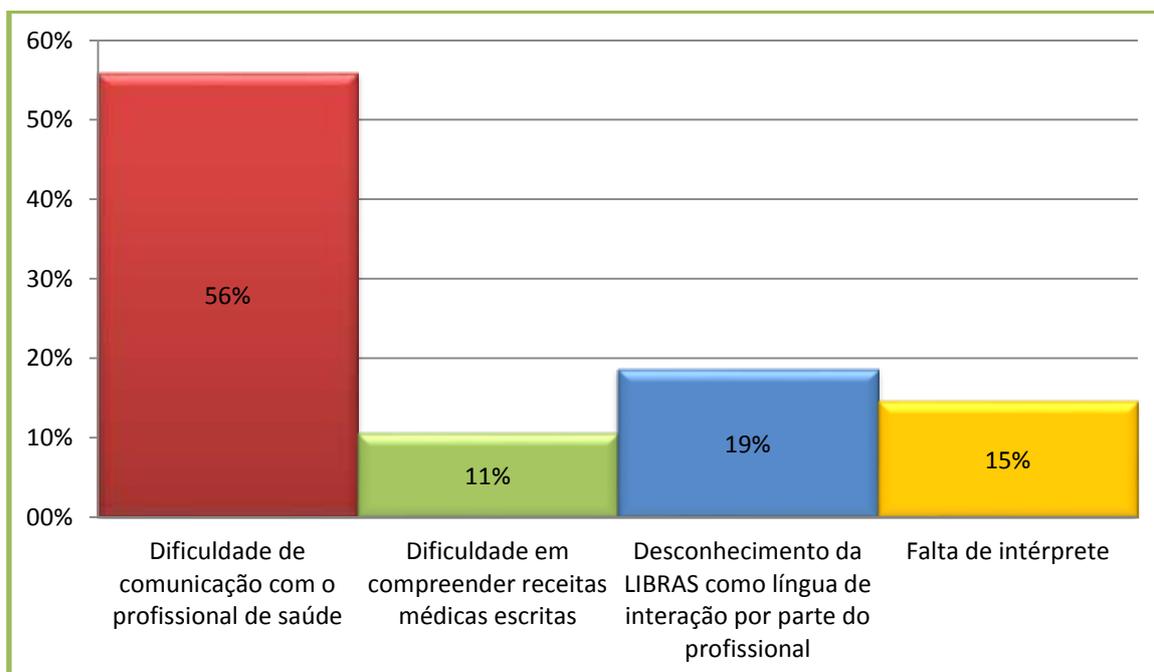
Visualizamos, então, a relevância que o intérprete em língua de sinais evidencia. Considerando a lei nº 12.319 de 01 de Setembro de 2010, que regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, em seu artigo 2º, o tradutor e intérprete terá competência para realizar interpretação das duas línguas de maneira simultânea ou consecutiva e proficiência em tradução e interpretação da LIBRAS e da Língua Portuguesa.

Em seu art. 6º há a discriminação das atribuições do tradutor e intérprete, no exercício de suas competências, a saber: I - efetuar **comunicação** entre surdos e ouvintes, surdos e surdos, surdos e surdos-cegos, surdos-cegos e ouvintes, por meio da LIBRAS para a língua oral e vice-versa; II - interpretar, em Língua Brasileira de Sinais - Língua Portuguesa, as atividades didático-pedagógicas e culturais desenvolvidas nas instituições de ensino nos níveis fundamental, médio e superior, de forma a viabilizar o acesso aos conteúdos curriculares; III - atuar nos processos seletivos para cursos na instituição de ensino e nos concursos públicos; IV - atuar no apoio à acessibilidade aos serviços e às atividades-fim das instituições de ensino e repartições públicas; e V - prestar seus serviços em depoimentos em juízo, em órgãos administrativos ou policiais.

Partindo desse pressuposto, podemos inferir que a presença do intérprete torna-se indispensável para a efetivação da comunicação do sujeito surdo com a comunidade surda ou ouvinte e que o mesmo apresenta funções cruciais nessa relação. Independente de quem o contrate, faz-se necessário desenvolver políticas públicas de incentivo à valorização deste profissional, uma vez que a sociedade pode se beneficiar significativamente do seu fazer.

Ao intérprete atribuímos a habilidade de efetivar a comunicação entre dois ou mais sujeitos e, nesse sentido, fazer com que ideias, pensamentos e

conceitos sejam transmitidos com eficácia. Faz-se necessário, ainda, discorrer sobre as possíveis dificuldades dos usuários de LIBRAS no âmbito da saúde e, assim, se há algum tipo de material instrucional em LIBRAS, que possa garantir a compreensão do leitor do conteúdo a ser transmitido, tal como será discutido no próximo gráfico.



**Gráfico 04: Dificuldades encontradas considerando o acesso à saúde em João Pessoa**

Em **João Pessoa**, os sujeitos pesquisados mencionaram, por vezes, mais de uma dificuldade em situações que envolvem o acesso à saúde, ou seja, duas ou mais das dificuldades relatadas acima se sobrepuseram, em especial quando mencionadas por usuários de LIBRAS surdos.

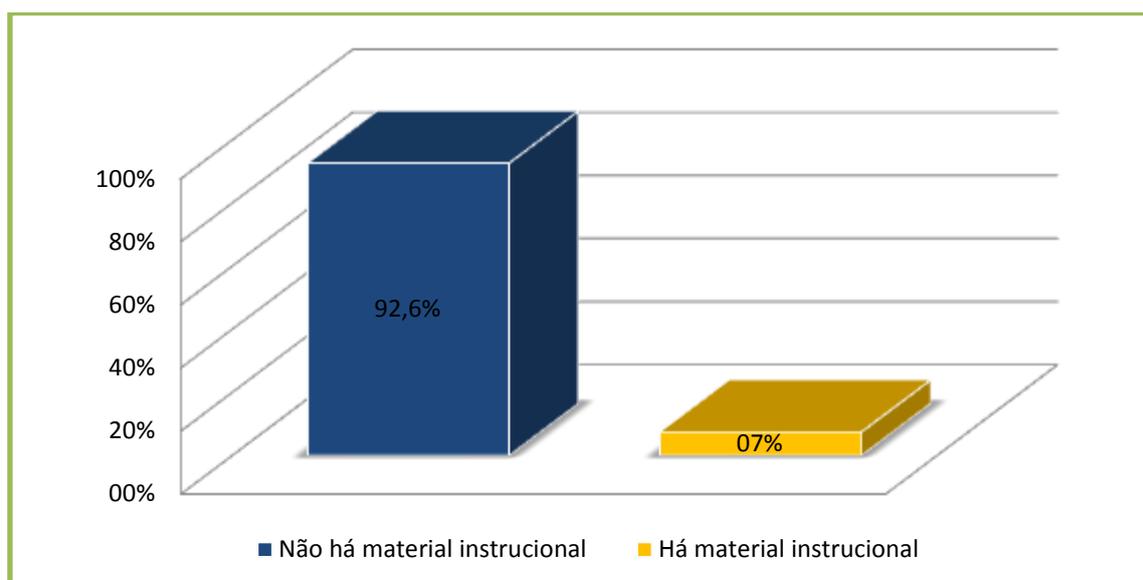
42 sujeitos, isto é, 56% mencionaram dificuldade de comunicação com o profissional de saúde; 08 sujeitos (10,6%) dificuldade em compreender receitas médicas escritas; 14 sujeitos (18,7%) relataram desconhecimento da LIBRAS como língua de interação por parte do profissional e, por fim, 11 indivíduos (14,7%) mencionaram falta de intérprete como uma dificuldade presente considerando o contexto voltado ao acesso à saúde.

Em **Recife**, ainda considerando o contexto voltado à saúde, 100% dos entrevistados mencionaram a falta de intérprete como a maior dificuldade.

Sabemos que é por meio da língua que uma interação se inicia e se consolida; de forma viva e dinâmica, é por meio da língua que o sujeito se apropria do conhecimento e o leva a outros usuários. Isso lhe garante uma condição ímpar. À língua, sinalizada ou não, devemos toda e qualquer condição humana de existir. Podemos, assim, levantar algumas reflexões quando esta interação não se faz possível em virtude de alguma dificuldade que tende a influenciar na consolidação de um vínculo interativo, tais como as mencionadas anteriormente.

Sabemos que em sua comunidade o surdo evidencia grande habilidade em se comunicar, uma vez que tais dificuldades não se encontram presentes nesse contexto. O que atrai o surdo a integrar-se em uma comunidade surda são as possibilidades comunicativas e a identificação de si, que lhe causam uma participação confortável de convívio. A comunidade dos surdos possibilita ao indivíduo significar-se como surdo, assim como faz com que ele se veja como sujeito pertencente a uma língua efetiva, que apresenta características próprias e que se configura como fonte de identidade (GÓES, 2000).

Assim sendo, quando há condições favoráveis para que uma comunicação se estabeleça, o conhecimento se propaga e se expande, da mesma forma que acontece no âmbito da modalidade oral. Sobre a existência ou não de material instrucional sobre saúde em LIBRAS, a análise pode ser assim apresentada:



**Gráfico 05: (In) Existência de material instrucional sobre saúde em LIBRAS em João Pessoa**

Com relação a material instrucional no âmbito da saúde em LIBRAS no município de **João Pessoa**, 92,6% dos sujeitos participantes, o que corresponde a 50 deles, afirmaram que não há quaisquer tipos de materiais instrucionais. Sendo assim, há uma grande dificuldade em entender muitas informações e esclarecimentos que deveriam ser expressos em língua de sinais.

A pequena parcela de participantes, o equivalente a 7,4% (04 sujeitos), já teve um contato com o material instrucional do tipo folheto informativo/explicativo de doenças sexualmente transmissíveis ou outros tipos de doenças, como Hepatite. Neste caso, tais folhetos – em LIBRAS – puderam explicar os cuidados que se deve ter para não se contrair essas doenças.

Já em **Recife**, todos os sujeitos pesquisados – o equivalente a 100% da amostra – relataram que nunca tiveram acesso a quaisquer tipos de materiais instrucionais em LIBRAS, tomando a temática de Saúde como referencial.

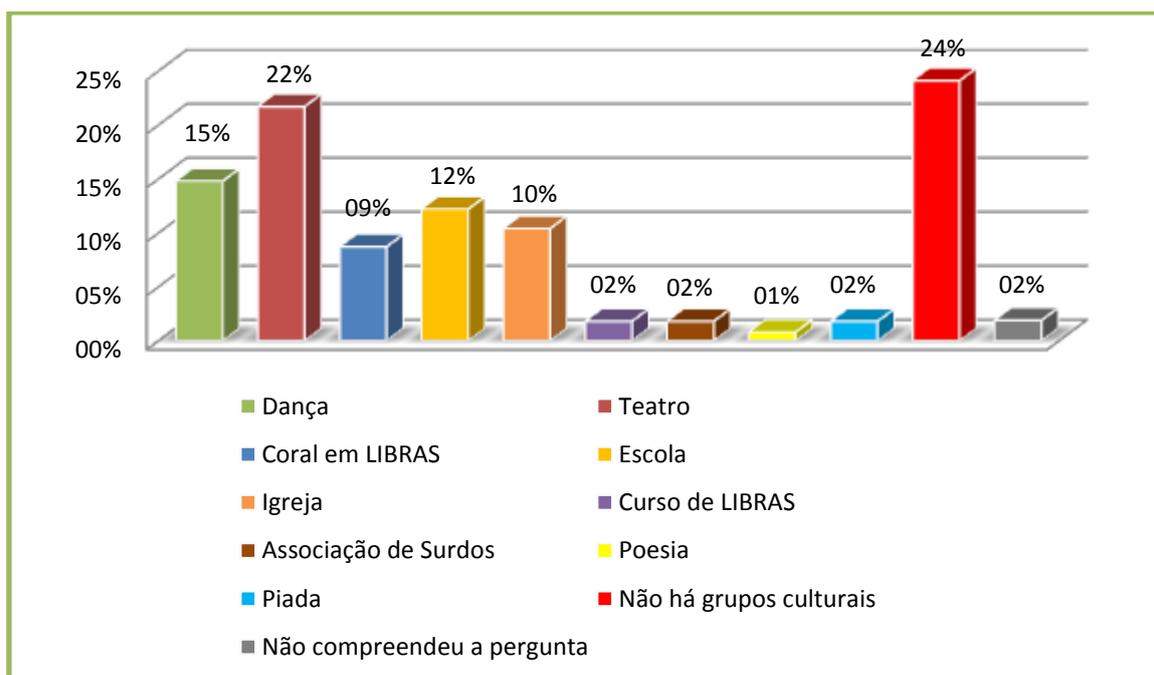
Esta conduta deveria, a nosso olhar, ser mais propagada e difundida, uma vez que a comunidade surda tem o direito de ter acesso à informação tanto quanto os ouvintes. Os surdos também tem o direito de serem incluídos em discussões que remetem a toda e qualquer temática, uma vez que a língua é compreendida como parte constitutiva da identidade individual e social dos seres humanos. Assim, somos a língua que falamos e não somente usuários da mesma, conforme afirma Bagno (2003).

Assim, é por meio da língua que todo e qualquer vínculo interativo pode ser mantido, uma vez que a própria língua é que rege e veicula as trocas sociais. Ela é que nos representa, a ela destinamos os nossos interesses, por meio dela o conhecimento se propaga e seus usuários tornam-se, de fato, grandes facilitadores e mediadores deste processo de contínua construção.

Encerrando-se, então, algumas discussões feitas no campo da saúde, passemos, assim, ao contexto da **cultura**.

## B) CULTURA

Ao serem questionados se a comunidade de LIBRAS na qual o usuário da língua interage dispõe de grupos culturais que se organizam tendo a LIBRAS como a língua de interação, os participantes da pesquisa no município de **João Pessoa** expressaram suas respostas por meio do gráfico a seguir.



**Gráfico 06: (In) Existência de grupos culturais em João Pessoa**

Ao considerarmos a disposição dos sujeitos participantes em grupos culturais onde o conhecimento perpassa, tendo a LIBRAS como língua de interação em **João Pessoa**, 24,1% deles, o equivalente a 13 sujeitos, mencionou que não há nenhum grupo cultural tendo a LIBRAS como língua de interação. 1,9% (01 sujeito) não compreendeu a pergunta, mesmo frente a várias tentativas de explanação da mesma, mas 74%, por outro lado, isto é, 40 sujeitos, mencionaram interagir com algum (ou vários) grupo (s) cultural (is), conforme está disposto no gráfico acima.

Assim, os dados significativos nos mostram que 25 indivíduos, isto é, 21,7% da amostra pesquisada, participam de um grupo de teatro, em que a língua que circula é a LIBRAS. Em seguida, visualizamos que 17 indivíduos (14,8%) participam de Dança, 14 deles (12,2%) frequentam uma Escola, onde

a LIBRAS circula com eficácia, 12 sujeitos (10,4%) frequentam uma Igreja onde a LIBRAS também é difundida e 10 deles (8,7%) participam do Coral em LIBRAS.

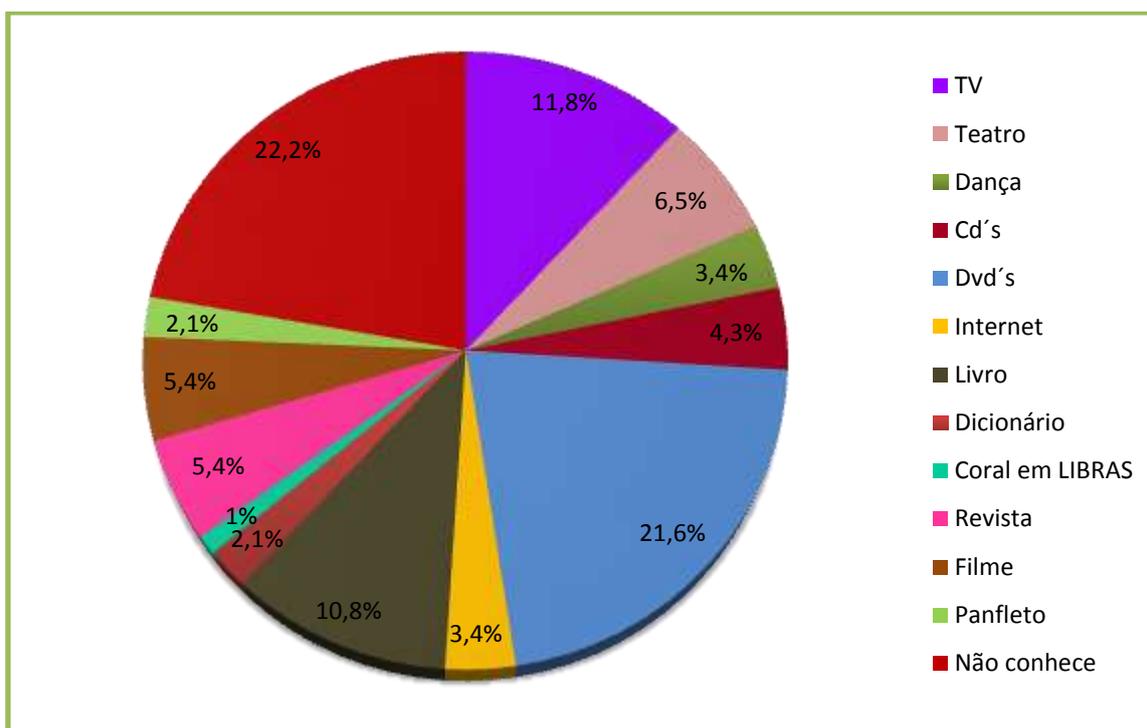
Já no município de **Recife**, em relação a grupos de dança e de teatro, cerca de 52% dos sujeitos participantes da pesquisa reconheceram a existência deles, embora não sejam muito frequentados.

As línguas de sinais são de modalidade gestual-visual, e o espaço é o canal de comunicação. Nele, frases, textos e discursos são produzidos e articulados através dos sinais. São consideradas línguas naturais, pois surgiram da interação espontânea entre indivíduos.

Elas possuem gramática própria, além dos níveis linguísticos, fonológico, morfológico, semântico, sintático e pragmático, o que possibilita aos seus usuários expressarem diferentes tipos de significados, dependendo da necessidade comunicativa e expressiva do indivíduo. Além disso, as línguas de sinais não descendem e nem dependem das línguas orais (SOUSA, 2010).

Nesse sentido, a LIBRAS veicula todo e qualquer processo interativo e, por meio dela, seus usuários podem participar de várias atividades culturais, como as mencionadas anteriormente. Tais condutas favorecem na transmissão de conhecimentos e ideias, relacionadas à intenção comunicativa dos sujeitos envolvidos nesse contexto.

Além disso, faz-se necessário visualizarmos se há material cultural em LIBRAS e quais materiais são esses, como os apresentados a seguir.



**Gráfico 07: Material cultural em LIBRAS em João Pessoa**

Interpretando os dados acima referentes ao município de **João Pessoa**, visualizamos que 12 indivíduos, o equivalente a 22,2% dos participantes, não tem acesso a nenhum tipo de material cultural em LIBRAS. Podemos inferir que tal fato acontece pela carência de circulação dos mesmos no meio social, o que, por sua vez, limita o acesso ao conhecimento por parte dos usuários desta língua, em especial, sujeitos surdos.

Em contrapartida, 42 indivíduos, o que equivale a 77,8% do grupo pesquisado, referiu que tem acesso a material cultural em LIBRAS. Dentre os dados significativos, observamos que 20 deles (21,6%) tem acesso a algum tipo de DVD em LIBRAS. Sabemos que há vários materiais que circulam neste tipo de mídia, como DVD's infantis e religiosos, por exemplo. 11 sujeitos (11,8%) referiram que tem acesso a algum programa de TV em LIBRAS e, nesse sentido, conhecemos canais religiosos, os quais fazem uso desta língua, bem como canais com transmissão de conteúdos políticos, fato este que favorece a transmissão dos conceitos em meio à comunidade surda, bem como favorece a valorização desta língua em meio aos ouvintes.

10 dos sujeitos investigados, o que equivale a 10,8% da população pesquisada, afirmaram que tem acesso a algum tipo de livro em LIBRAS e 06

deles (6,5%) tem contato com algum tipo de material em LIBRAS vinculado à temática de teatro. Esta acessibilidade favorece ao desenvolvimento pleno do sujeito surdo, em especial, já que amplia seu conhecimento de mundo e suas habilidades linguísticas.

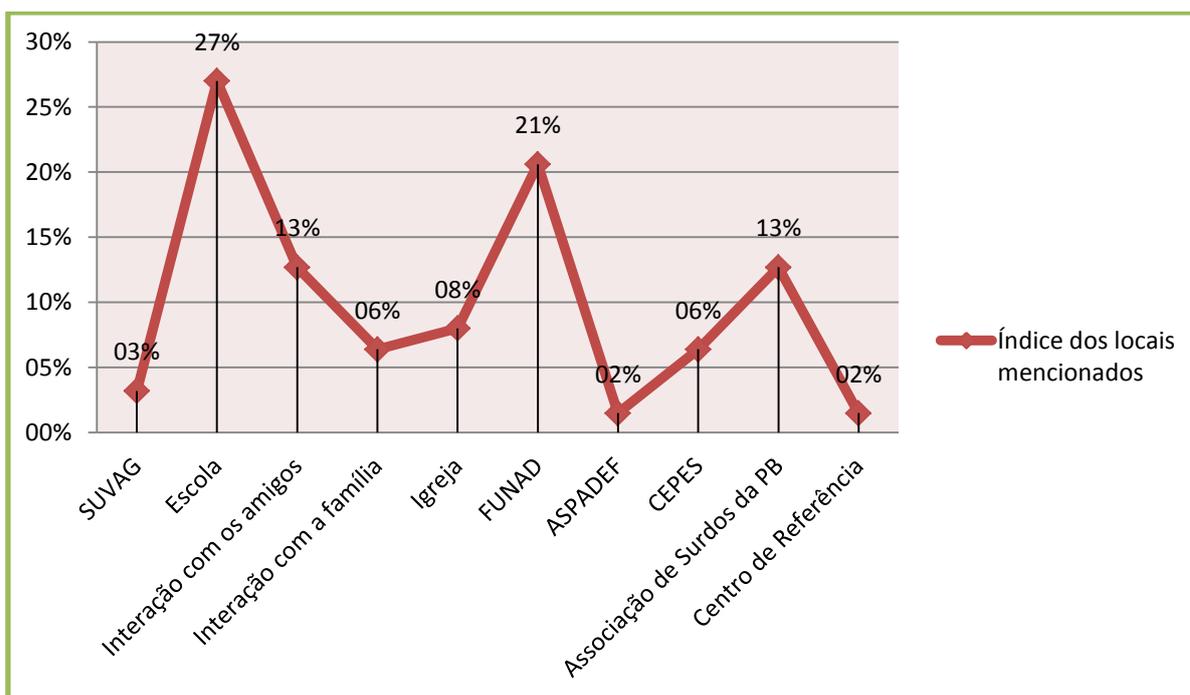
Na cidade de **Recife**, os participantes da pesquisa mencionaram que tem conhecimento da existência de grupos culturais onde se vivenciam a poesia, filmes, jornais, revistas e livros em LIBRAS, entretanto, não tem acesso a tais vivências.

Grande é a relevância da LIBRAS ser tomada como língua de acesso aos estímulos do meio ambiente, pois, como é considerada uma língua natural à comunidade surda, desempenha as mesmas funções significativas e primordiais que linguagem oral o é para o sujeito ouvinte. Inclusive no que diz respeito a materiais culturais diversos que circulam em nossa sociedade.

Além de tecermos algumas discussões acerca do funcionamento da LIBRAS na saúde e em aspectos que envolvem a cultura, faz-se necessário, por fim, apresentar algumas análises referentes à língua propriamente dita, como visualizado a seguir.

### **C) LÍNGUA**

Ao serem investigados onde e com qual idade os sujeitos participantes da pesquisa aprenderam/adquiriram a LIBRAS, podemos nos deparar com as respostas evidenciadas nos gráficos 08 e 09. Vale salientar que alguns deles a adquiriram em mais de um local, fato este que justifica o índice relativamente alto de algumas alternativas.



**Gráfico 08: Local (is) de aquisição / aprendizagem da LIBRAS em João Pessoa**

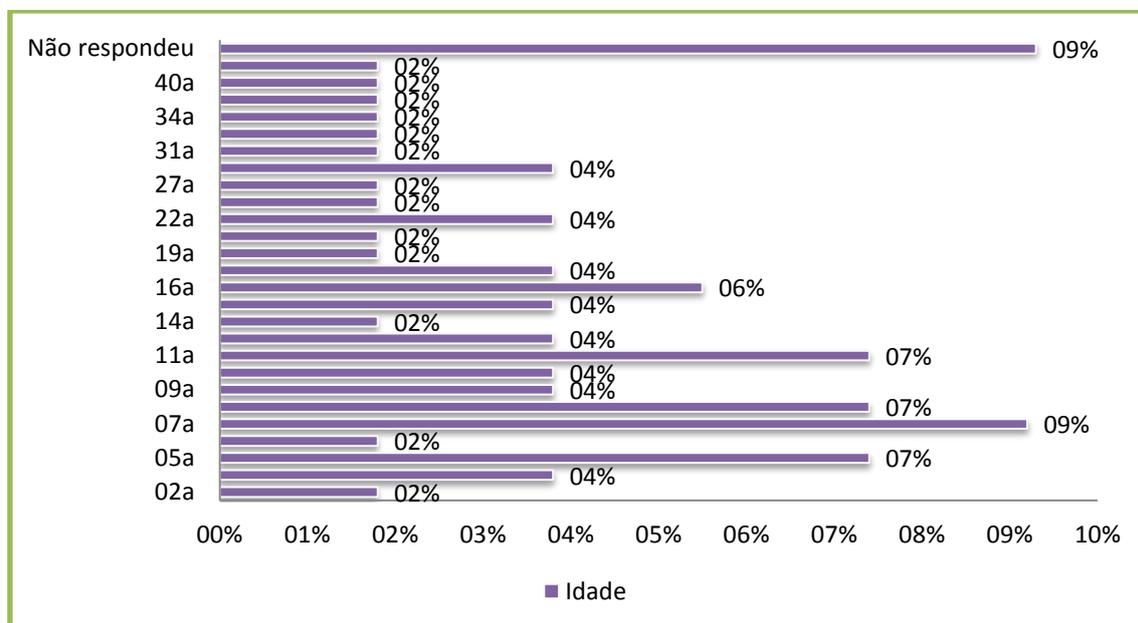
Visualizamos que a ampla maioria dos usuários da LIBRAS em **João Pessoa** a adquiriu na escola, o que corresponde a 27% da amostra pesquisada (17 sujeitos). Em seguida, identificamos que 13 deles (20,6%) aprendeu na FUNAD, 08 sujeitos (12,7%) aprenderam na Associação de Surdos da Paraíba, assim como na interação com os amigos e que 05 deles tiveram um primeiro contato de aprendizagem/aquisição da LIBRAS na Igreja.

Já no município de **Recife**, a grande maioria dos sujeitos participantes da pesquisa (87%) a adquiriu na escola e neste mesmo local se conquistou a proficiência nesta língua.

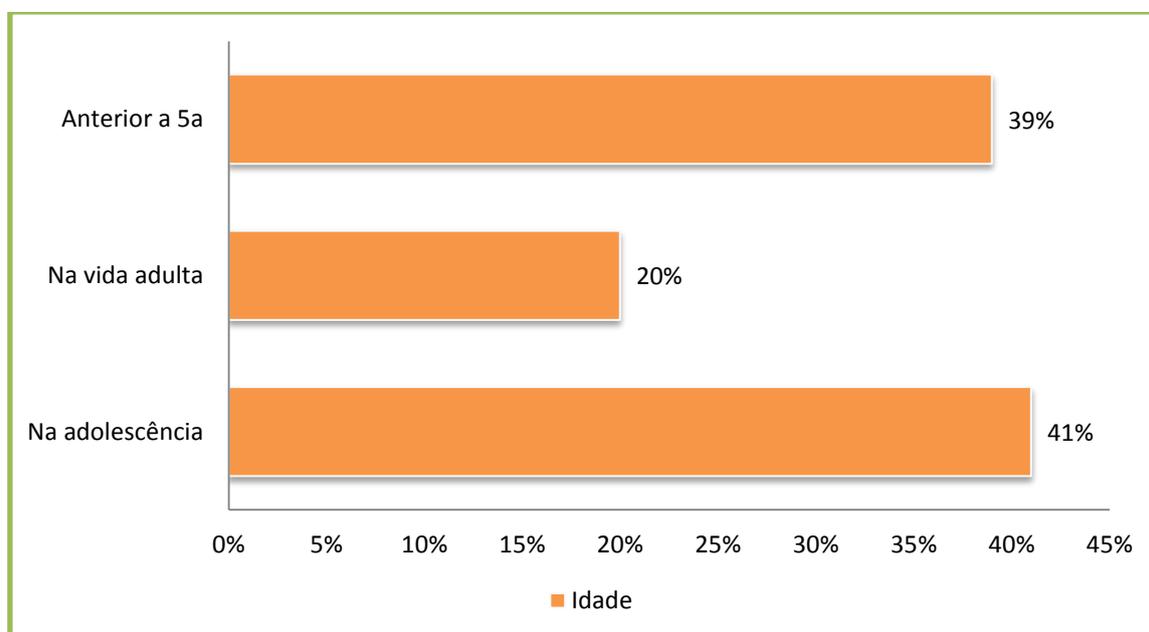
O *status* linguístico que a LIBRAS vem alcançando é graças, também, aos locais em que a mesma circula e é difundida enquanto língua materna para o surdo, não somente por ser língua natural, mas por estar veiculada a um canal que não é o oral-auditivo, pois esta modalidade não oferece ao surdo uma aquisição espontânea da língua, ao contrário da gestual-visual, que garante uma percepção e articulação mais fácil, coerente e confortável, além de contribuir para o desenvolvimento linguístico, cognitivo e social do surdo.

Sendo assim, a comunidade surda – e a ouvinte – muito tem a se beneficiar pela propagação desta língua. O conhecimento é transmitido com

eficácia e a entrada para uma nova gama de aprendizagens é possível. Por isso, o usuário da LIBRAS tem um contato positivo em habilidades como dança, teatro e coral em LIBRAS.



**Gráfico 09A: Idade de aquisição / aprendizagem da LIBRAS em João Pessoa**



**Gráfico 09B: Idade de aquisição / aprendizagem da LIBRAS em Recife**

Quanto à idade de aquisição/aprendizagem na cidade de **João Pessoa**, visualizamos que a maioria dos sujeitos investigados, isto é, 05 sujeitos (9,2%) adquiriu a LIBRAS com, em média, 07 anos de idade, fator este que configura um período eficaz para o uso da língua na instância sociocultural. O gráfico acima nos mostra que, de fato, a aquisição/aprendizagem se consolidou nas fases iniciais de desenvolvimento linguístico-cognitivo do sujeito.

A idade que aprenderam LIBRAS em **Recife** variou de 5 a 21 anos, sendo que, para a maioria, essa aprendizagem ocorreu na adolescência (41%) e a minoria na vida adulta (20%). Os demais (39%) aprenderam em idade anterior a 05 anos e alguns na velhice.

Partindo desse pressuposto, podemos inferir que tais indivíduos tendem a apresentar uma fluência maior no uso da LIBRAS e, por isso, consideramos essencial a interação do sujeito surdo em sua comunidade, quanto mais cedo possível, para que a língua de sinais se configure enquanto língua materna e fazendo com que sua aquisição seja consolidada nas etapas iniciais de desenvolvimento linguístico-cognitivo do surdo.

Consideramos, efetivamente, que a linguagem precisa ser vista, nesse contexto, como elemento constitutivo de uma língua viva, passível de variação. É exatamente por meio dessa língua que o surdo é capaz de garantir seu estatuto enquanto sujeito.

Vale ressaltar que quanto mais cedo o indivíduo adquire a LIBRAS, suas possibilidades de evidenciar uma fluência no uso desta língua são maiores e, certamente, os aspectos de estilo estarão presentes com uma maior eficácia. Fazemos esta inferência porque partimos do princípio de que a LIBRAS é vista como língua materna, graças a sua organização e complexidade em todos os níveis, permitindo a expressão de qualquer conceito – descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto ou abstrato – os quais resultam na expressividade de qualquer significado em virtude da necessidade comunicativa do ser humano.

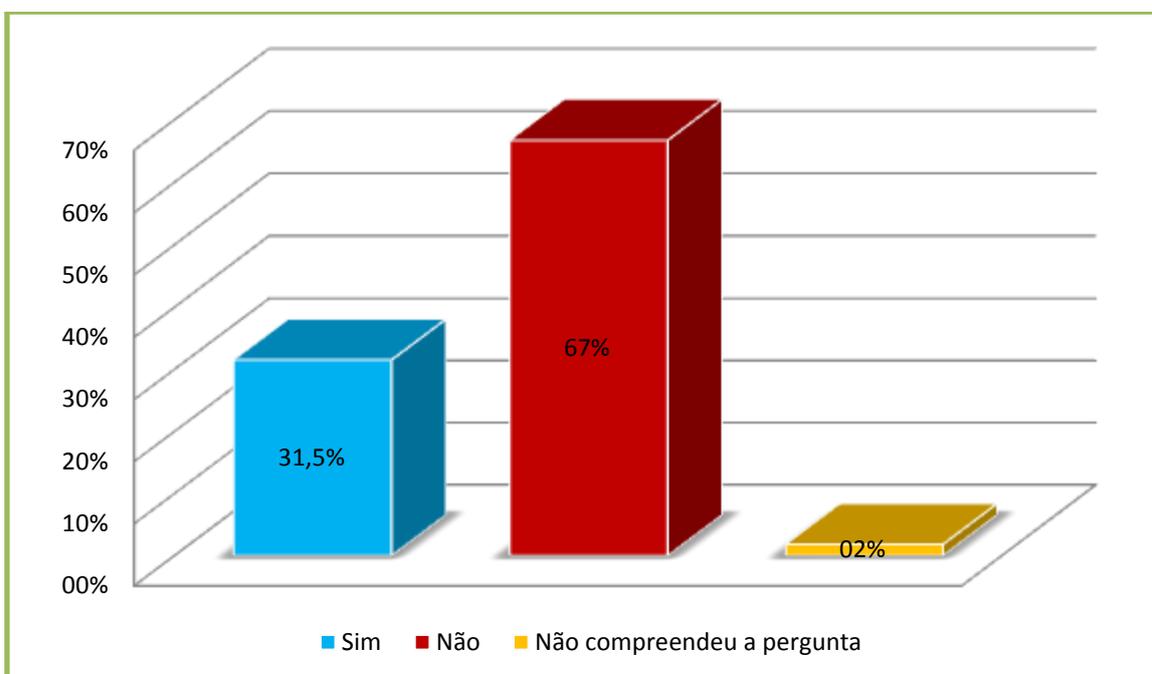
A sociolinguística superou a concepção estática da normatividade linguística e do objetivismo abstrato ao conceber a língua no seio da interação social, que muda e se transforma em função do contexto sócio-histórico, trazendo para a ordem do dia a questão da variação linguística. Ou seja, para a teoria da variação, a língua sofre influência de fatores sociais e históricos que

ocasionam a heterogeneidade linguística, seja dentro de um mesmo idioma ou entre diferentes línguas (MOURA, 2011).

Dessa forma, partimos também do princípio de que a LIBRAS, com seus aspectos de variação e mudança, evidencia traços estilísticos fortes, traços que lhe marcam como uma língua efetiva. Assim, o contexto ou situação comunicativa pode influenciar na qualidade da comunicação estabelecida por intermédio da LIBRAS, ao pensarmos em tudo o que rege e ampara esse sistema. Podemos inferir, também, que a LIBRAS – e todas as suas propriedades linguísticas – são responsáveis pela formação da identidade do sujeito, no sentido em que o seu uso em uma dada comunidade é capaz de revelar desejos, ideias, interesses, emoções e tudo aquilo que compete à condição humana de ser, pensar e agir.

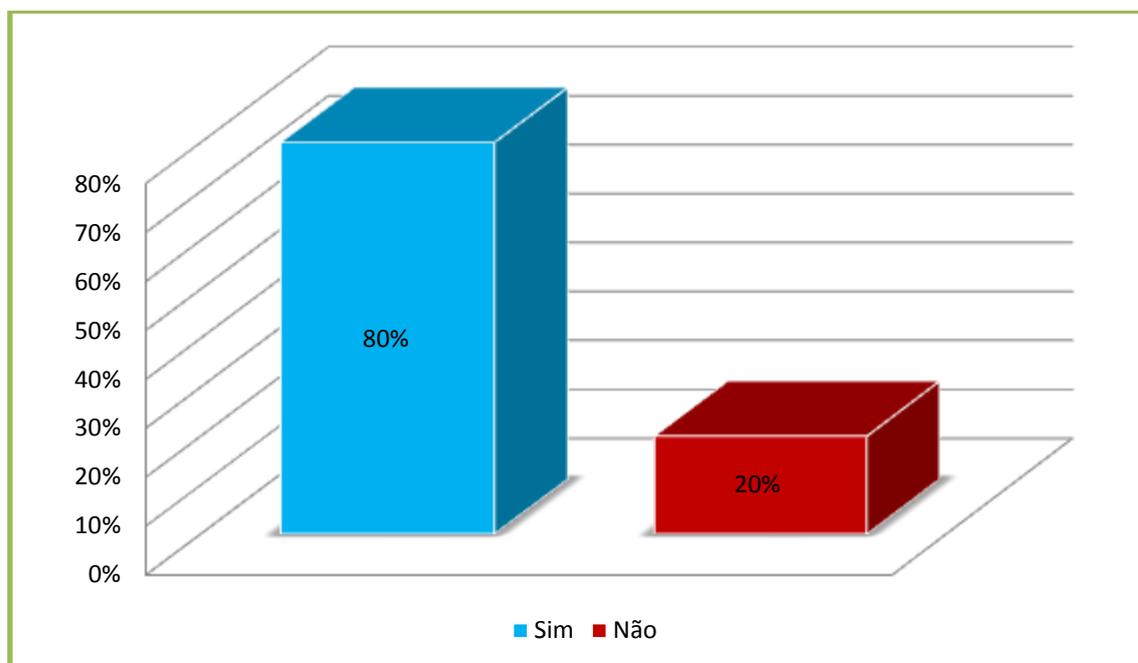
Certamente, tais posturas tendem a fortalecer o *status* que a LIBRAS vem alcançando com o passar dos anos e a realização desta pesquisa é uma intenção de colaborar neste desbravamento.

Quanto à fluência discutida aqui, tal aspecto será apresentado no gráfico a seguir.



**Gráfico 10A: Fluência da LIBRAS em João Pessoa**

Analisando o gráfico anterior (10A), referente ao município de **João Pessoa**, podemos visualizar que a ampla maioria dos sujeitos investigados, isto é, 36 sujeitos (66,7%) referiu que não é fluente em LIBRAS, em contrapartida a 17 indivíduos (31,5%), que referiu apresentar uma fluência na língua de sinais brasileira.



**Gráfico 10B: Fluência da LIBRAS em Recife**

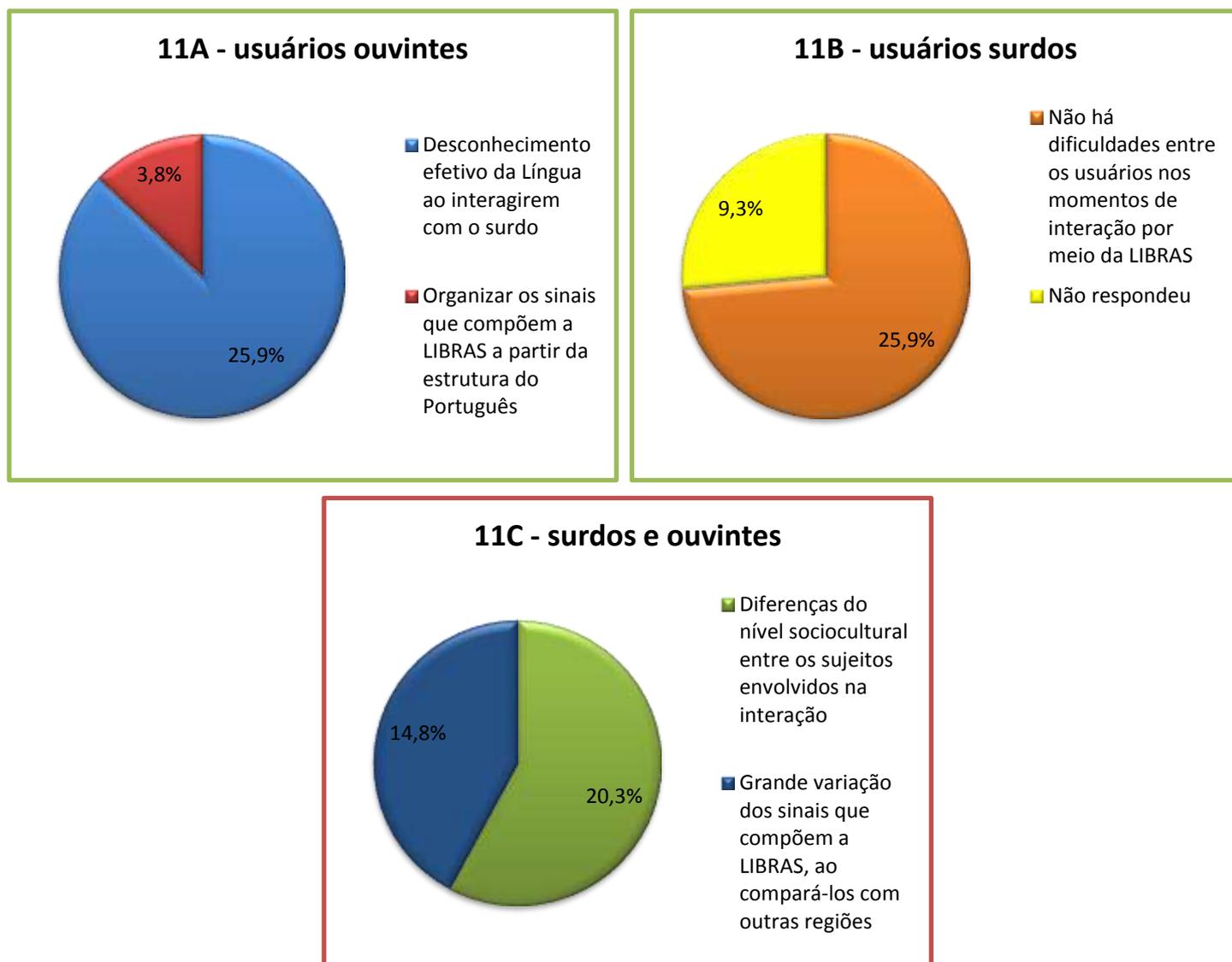
No município de **Recife** podemos visualizar acima, no gráfico 10B, que 80% dos entrevistados se intitulam como proficientes em LIBRAS, em oposição a 20% dos sujeitos pesquisados que não se consideram fluentes.

É neste sentido que entendemos que quanto mais cedo ocorre o processo aquisicional de uma língua, maiores são as chances de um sujeito dominá-la e ser fluente no uso da mesma.

Por isso, há, então, a necessidade de se colocar a criança surda próxima de seus pares o mais rápido possível, ou seja, em contato com um adulto surdo, fluente em LIBRAS, que será para essa criança o meio mais fácil de propiciar sua aquisição da língua. Nestas condições, adquirindo a LIBRAS, ela se tornará capaz de significar o mundo. As experiências mais promissoras indicam para a necessidade de atuação direta dos adultos surdos sinalizadores com os surdos que não têm acesso à língua de sinais, para que este se dê de

forma rápida e eficiente, além de isso contribuir para a formação da identidade de pessoa surda desses sujeitos.

Quanto mais a língua se propaga, mais ela alcança a condição singular que lhe compete – a de ser um grande instrumento comunicativo para o surdo em meio à comunidade de surdos e ouvintes.



**Gráfico 11: Dificuldades no dia a dia como usuário de LIBRAS em João Pessoa**

Ao serem questionados sobre as dificuldades que os sujeitos participantes tem no dia a dia como usuário de LIBRAS em **João Pessoa** interagindo com outros usuários de LIBRAS, observamos, no gráfico 11A –

referente a usuários ouvintes – de que eles evidenciam dificuldades voltadas ao desconhecimento efetivo da língua ao interagirem com o surdo em um percentual de 25,9% (14 sujeitos) e em organizar os sinais que compõem a LIBRAS a partir da estrutura do Português em um percentual de 3,8% (02 sujeitos).

No caso de usuários surdos, indicado no gráfico 11B, observamos de 14 deles, o que equivale a 25,9%, não evidenciam quaisquer dificuldades ao se comunicar com outros usuários. 05 sujeitos surdos (9,3%), entretanto, não souberam responder se apresentam ou não dificuldades ao se comunicar com outros usuários da LIBRAS.

No gráfico 11C observamos dificuldades que são comuns a ambos os usuários, surdos e ouvintes. 11 deles (20,3%) referiram que há diferenças no nível sociocultural entre os sujeitos envolvidos na interação e 08 sujeitos (14,8%) indicaram grande variação dos sinais que compõem a LIBRAS, ao compará-los com outras regiões do país.

No município de **Recife**, 100% dos indivíduos participantes da pesquisa mencionaram que apresentam dificuldades de comunicação em contextos diversos no dia a dia, independente de serem usuários surdos ou ouvintes.

Sabemos que o conhecimento crescente de uma língua faz com que o seu usuário a utilize com um bom grau de fluência e para que um sujeito a conheça e dela faça uso, precisa valorizá-la enquanto *língua* propriamente dita e acreditar que, por meio dela, vários sentimentos, conteúdos e ideias podem ser transmitidos. Nesse processo, contudo, algumas dificuldades podem surgir.

Um dos pontos relevantes levantados aqui é que os usuários de LIBRAS, tanto surdos quanto ouvintes, mencionaram uma dificuldade voltada à variação desta língua, quando comparada a outras regiões.

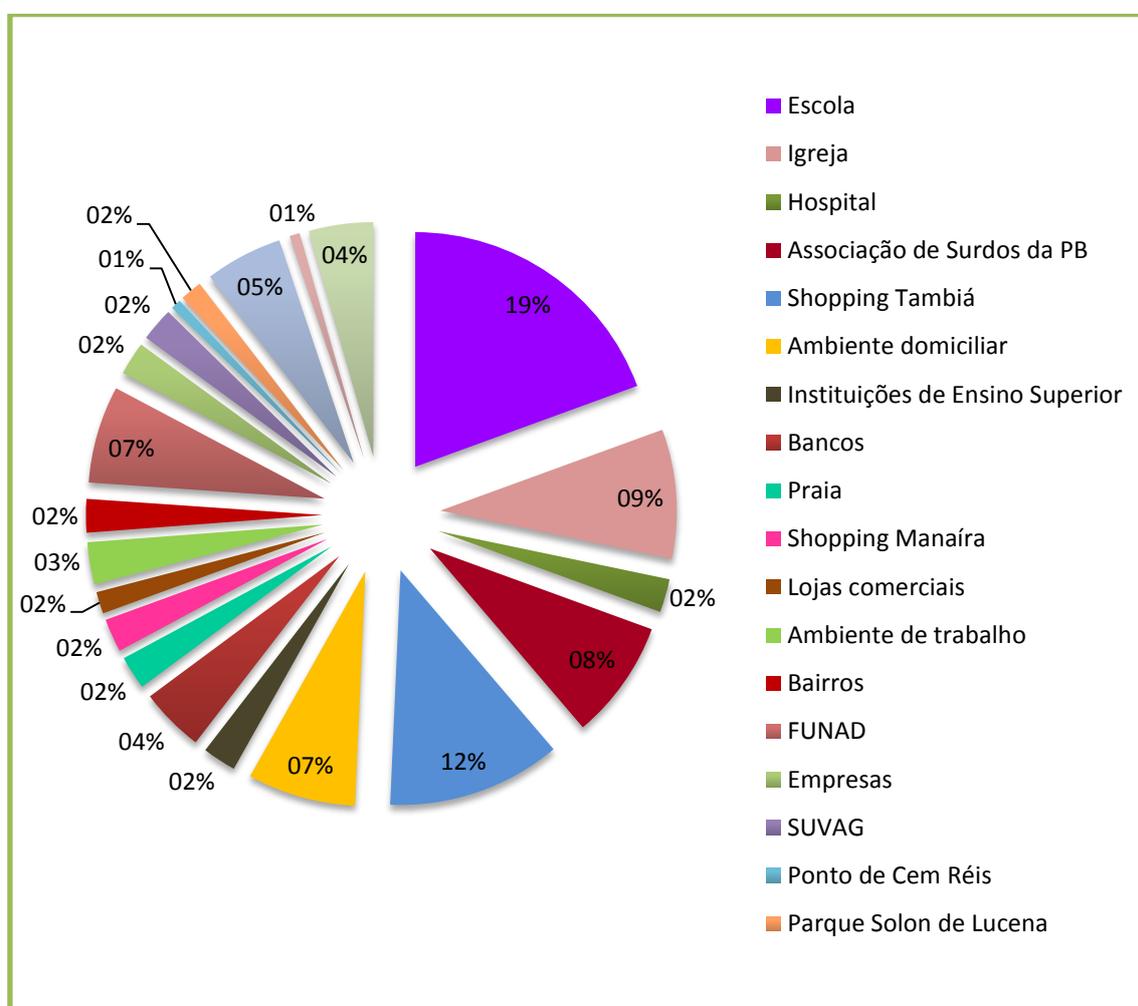
Todas as línguas, contudo, apresentam essa possibilidade de variação, inclusive a LIBRAS. Como discutido anteriormente, ela não pode ser vista como uma língua imutável, engessada, mas sim, em um contexto sociocultural, é uma língua com amplas possibilidades de crescimento e variação, na qual determinados aspectos estilísticos estão fortemente presentes e atrelados ao uso da mesma pelos seus usuários.

Observamos, também, que o conhecimento da língua pode ser mais efetivo por parte da comunidade de ouvintes, a fim de que seu uso junto aos

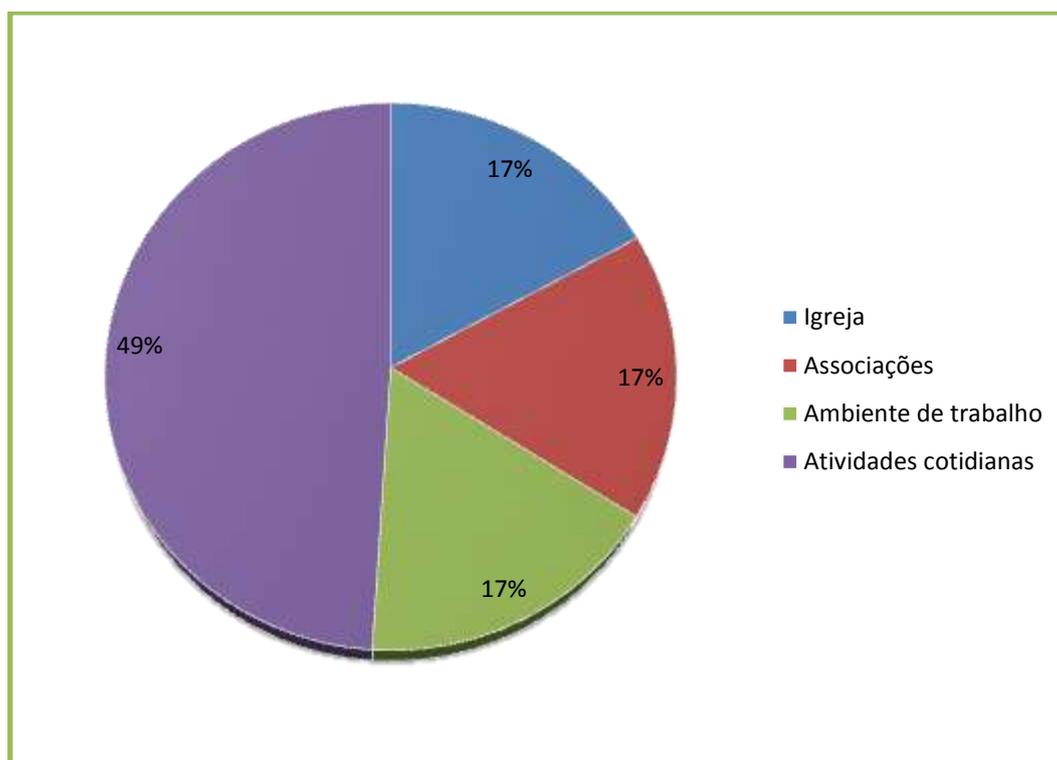
surdos seja, de fato, satisfatório. É interessante que ambas as comunidades, de surdos e ouvintes, valorize e reconheça a LIBRAS com todo o *status* linguístico que lhe compete. Entendemos, entretanto, que este reconhecimento é um processo, que demanda tempo e trabalho por parte de toda a sociedade.

Esperamos, dessa forma, que esta pesquisa venha a contribuir na sensibilização e divulgação dos princípios e estratégias que regem o uso da LIBRAS e favoreça, assim, na valorização da mesma no meio em que vivemos.

Apresentamos, a seguir, os locais onde os usuários usam a LIBRAS. Vale salientar que alguns usuários usam a LIBRAS em mais de um local, fato este que justifica o índice relativamente alto de algumas alternativas.



**Gráfico 12A: Locais de uso da LIBRAS em João Pessoa**



**Gráfico 12B: Locais de uso da LIBRAS em Recife**

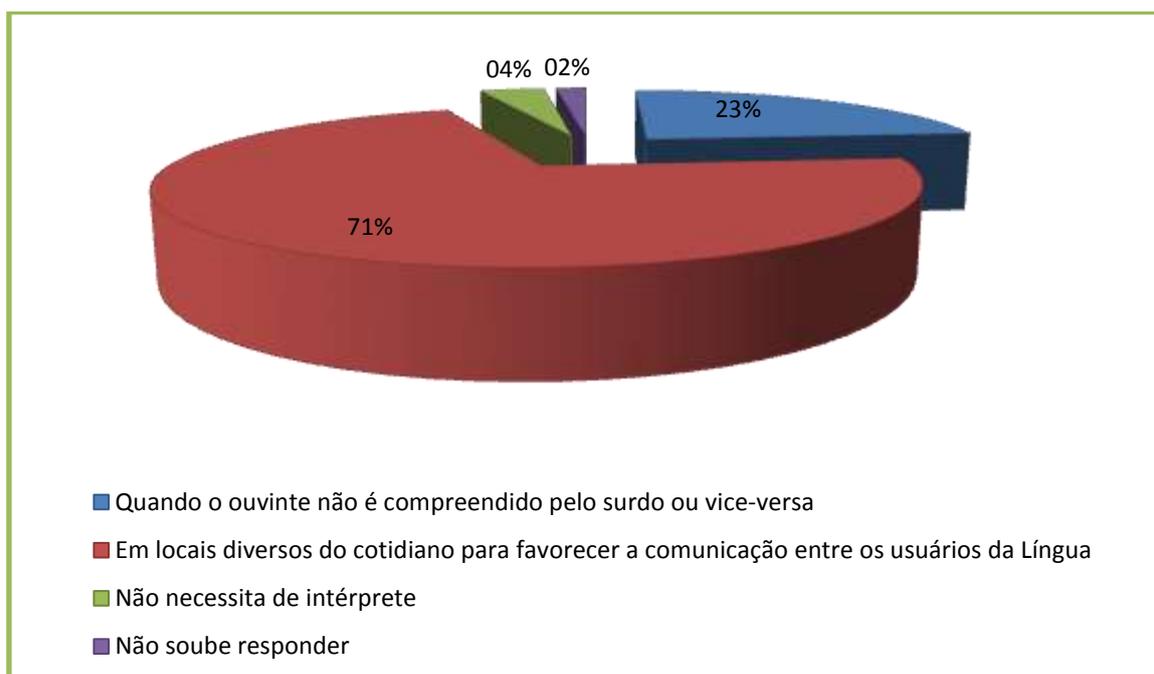
Analisando o gráfico 12A, referente ao município de **João Pessoa**, observamos que os dados mais significativos revelam que 26 sujeitos (19,4%) participantes da pesquisa usam a LIBRAS na escola, 16 (11,9%) no Shopping Tambiá, 12 (8,9%) na Igreja, 11 (8,2%) na Associação de Surdos da Paraíba, 10 (7,4%) no ambiente domiciliar, 09 (6,7%) na FUNAD, 07 (5,3%) no Terminal de Integração da Paraíba e 06 (4,4%) em Bancos deste município. São locais onde a LIBRAS pode circular livremente, onde encontramos, normalmente, grupos de usuários da LIBRAS se comunicando.

Quanto ao gráfico 12B, referente ao município de **Recife**, observamos que os usuários de LIBRAS a tomam como instrumento maior de uma comunicação. 17% dos sujeitos participantes a utilizam igualmente em diversos locais: ambiente de trabalho, Igreja e Associações. 49% deles a utilizam em todas as situações e atividades cotidianas.

Considerando, assim, a ideia de sócio-interacionismo que sustenta essa discussão, pensamos que nenhuma língua é universal, ou seja, toda língua é passível de variação e mudança. Acreditamos que tais fatores ocorrem em consonância com o contexto onde a língua circula, os atributos dos usuários, suas intenções comunicativas e o conteúdo da informação a ser compartilhada.

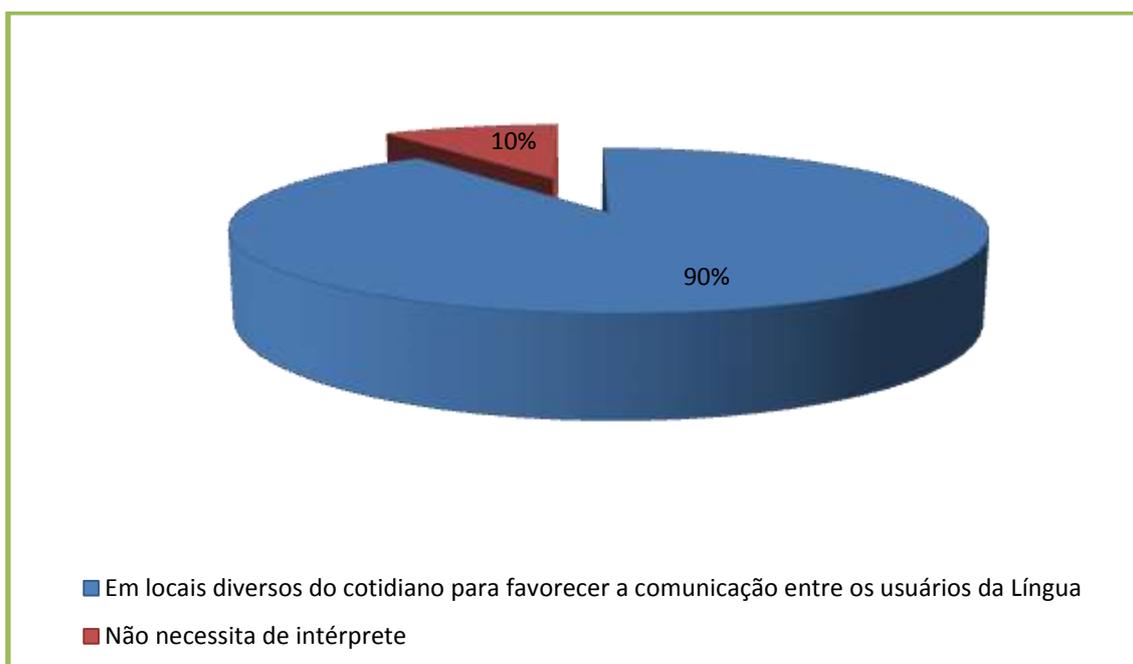
Assim, nesses locais onde a língua circula, há grandes possibilidades de variação e mudança inerentes ao uso da LIBRAS. Locais onde podemos estudar e analisar esta língua enquanto instrumento comunicativo indispensável às pessoas com Surdez.

Por fim, investigamos a necessidade ou não que o usuário da LIBRAS apresenta e quando isso ocorre, conforme descrito no gráfico a seguir.



**Gráfico 13A: Necessidade de intérprete em João Pessoa**

Observamos que a grande parcela dos usuários da LIBRAS em **João Pessoa**, ou seja, 38 (70,8%) deles, mencionaram que necessitam de um intérprete em locais diversos do cotidiano para favorecer a comunicação entre os usuários da língua e 26 deles (23,3%) quando o ouvinte não é compreendido pelo surdo ou vice-versa. Por outro lado, apenas 02 sujeitos (3,8%) referiram que não necessitam de intérprete em nenhuma situação do cotidiano.



**Gráfico 13B: Necessidade de intérprete em Recife**

No município de **Recife**, observamos que 90% dos entrevistados afirmaram que necessitam do intérprete em diversos locais do cotidiano para favorecer a comunicação entre os usuários da língua e 10% deles, por sua vez, mencionaram que não necessitam do intérprete, pois são surdos oralizados.

Podemos, assim, inferir que o intérprete tem uma importância crucial no processo de crescimento e valorização da LIBRAS enquanto língua materna da comunidade surda. São eles os responsáveis por viabilizar e aprimorar essa comunicação, fundamental aos sujeitos envolvidos em um vínculo interativo.

Aos intérpretes temos que destinar um grande reconhecimento, exatamente pelo seu fazer profissional e a grande função de dar sentido à toda e qualquer intenção comunicativa de um usuário de Língua Brasileira de Sinais.

Assim, concluímos a análise Sociolinguística desta tese. Uma análise que permeia o social, o viver em conjunto, em comunidade. Compreendemos que, dessa forma, toda e qualquer investigação desta área deve privilegiar a ideia de que nada comunicamos sozinhos, que todas as nossas possibilidades comunicativas só fazem sentido quando atingem o outro, quando se consegue transmitir algum significado àquele com quem iniciamos e mantemos um vínculo interativo.

A partir de então, será feita uma análise estilística da LIBRAS por meio do programa ELAN com um sujeito surdo, que teve esta língua como língua materna e que, por meio dela, comunica-se até os dias atuais.

## **6.2 AS EVIDÊNCIAS ESTILÍSTICAS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**

Gostaríamos de iniciar esta discussão retomando uma ideia central: a nossa intenção de privilegiar uma análise estilística da Língua Brasileira de Sinais. Mesmo sendo uma proposta incipiente e, até então, ainda descrita de forma breve na literatura, desenvolvemos este trabalho na tentativa de contribuir para que esta visão não seja única da língua oral, isto é, para que, gradativamente, possamos desenvolver estudos e pesquisas com o objetivo de investigar como tal processo pode acontecer com as línguas de sinais.

É exatamente por nos preocuparmos com ideias como as de Massone (1993), por exemplo, que necessitamos desenvolver uma análise crítica para outros tipos de língua, inclusive as sinalizadas. Para a autora, o fato de as línguas de sinais possuírem uma materialidade distinta e, portanto, uma organização diversa daquela das línguas orais deve, obrigatoriamente, promover um deslocamento na forma de estudá-la. A maioria dos linguistas que havia descrito línguas faladas, todos eram ouvintes (...). Quando aceitaram o desafio de analisar uma língua numa modalidade diferente, deveriam reestruturar sua forma de pensar já que estavam tratando com um objeto que, além de não ser a sua língua nativa, era uma língua transmitida numa modalidade visuo-gestual (MASSONE, 1993).

Assim, surge-nos este desafio: o de tentar enxergar os aspectos de variação e estilo sem sermos “contaminados” pelo mesmo olhar frente às línguas orais. Por isso, analisaremos aspectos que são particulares da LIBRAS, tais como os parâmetros de configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação e expressões facial e corporal, considerando a variação inter e intra dialetal entre dois municípios (João Pessoa e Recife), assim como o dialeto na comunidade, na prática, no contexto de uso pelos sujeitos, tais como serão descritos a seguir.

### 6.2.1 DESCRIÇÃO DA VARIANTE A PARTIR DA LISTA DE SWADESH

Tal como foi descrito na Metodologia do presente estudo, analisaremos, a partir de então, os aspectos de variação lexical e estilo presentes em cinco sinais, aqui denominados de **variantes**, em contexto **formal** de comunicação, isto é, a sinalização pura, descontextualizada, tal como o sinal se apresenta quando articulado fora de um contexto de interação.

Este fato já nos remete a um estilo particular, uma vez que analisamos a natureza da variante, sem quaisquer relações do seu uso na comunidade; estilo este diferente daquele que será apresentado no próximo tópico.

O primeiro sinal analisado é o BRANCO. A seguir, encontraremos imagens representativas do seu registro no ELAN e uma tabela, na qual será especificado, de forma sucinta, como os parâmetros de constituição da LIBRAS se revelam, de acordo com cada município aqui estudado. Esta organização irá compor a análise de todos os sinais deste tópico, presentes na lista de Swadesh: A) BRANCO; B) CRIANÇA; C) ESPOSA; D) ESPOSO; E) PESSOA.

## A) Sinal BRANCO

Sinal	BRANCO (João Pessoa)	BRANCO (Recife)
Configuração de mão	CM esquerda "2" e CM direita "63"	CM esquerda "63" e CM direita "7"
Ponto de Articulação	Dorso da mão	Dorso da mão
Movimento	Retilíneo para frente e repetido	Retilíneo para frente e simples
Orientação	Esquerda para baixo e direita para dentro	Esquerda para dentro e direita para baixo
Expressões facial e corporal	Neutra	Lábios levemente projetados para frente e para baixo

*Imagem e aspectos analisados no ELAN*

O primeiro sinal analisado é o BRANCO, que evidencia variação em 04 (de 05) parâmetros da LIBRAS aqui estudados e demonstrados neste último quadro, a saber:

- **Configuração de mão:** mão esquerda em configuração “2” e “63”, segundo a classificação proposta por Tanya Felipe, 2005, assim como mão direita em “63” e “7”, sinalização esta feita pelos sujeitos E e F, tal como explicado na Metodologia desta tese.
- **Movimento:** retilíneo para frente, entretanto, o sujeito E a realizou de forma repetida e o sujeito F de forma simples, isto é, sem repetições.
- **Orientação:** o sujeito E direcionou a mão esquerda para baixo e a direita para dentro, enquanto que o sujeito F direcionou a mão esquerda para dentro e a direita para baixo.
- **Expressões facial e corporal:** enquanto que em João Pessoa, o sujeito participante evidenciou uma expressão facial neutra, o sujeito participante de Recife projetou os lábios para frente e para baixo.

Este primeiro sinal evidencia um só significado, assim como os demais que aqui serão analisados, mas com variações lexicais claras. Partimos do pressuposto de que o estilo pode ser visto como um ajustamento situacional do falante no uso de variáveis individuais e a forma como o falante combina variáveis para criar modos distintos de falar.

Por isso, podemos, aqui, evidenciar que tais sujeitos revelam formas estilísticas particulares quanto à articulação da variante, isto é, os sinais apresentam o mesmo significado, porém, são articulados de formas diferentes – e todas corretamente. Como entendemos que toda e qualquer língua tem suas possibilidades de variação – e isso também acontece nos casos das línguas de sinais – podemos inferir que ambas as formas de sinalização da variante estão adequadas, até porque, de fato, a Sociolinguística se relaciona com a diversidade linguística, com a importância social que a linguagem assume. Eis, então, que aqui enxergamos uma rica diversidade e, assim, um padrão estilístico próprio desta língua, que se caracteriza enquanto LIBRAS.

## B) Sinal CRIANÇA

Sinal	CRIANÇA (João Pessoa)	CRIANÇA (Recife)
Configuração de mão	CM "63" e "64"	CM "63"
Ponto de Articulação	Queixo/espaco neutro	Espaco neutro
Movimento	Dedos tocando o queixo - repetido / movimento semicircular	Semicircular
Orientação	Palma para dentro/palma para baixo	Palma para baixo
Expressões facial e corporal	Sorriso	Sorriso

*Imagem e aspectos analisados no ELAN*

A partir da análise dos 04 parâmetros da LIBRAS que aqui revelam algum tipo de variação, podemos assim considerar:

- **Configuração de mão:** o sujeito E sinaliza CRIANÇA com CM assumindo “63” e “64”, enquanto que o sujeito F com CM apenas em “63”.
- **Ponto de articulação:** o sujeito E articula o sinal no queixo e, em seguida, no espaço neutro à sua frente, enquanto que o sujeito F o faz apenas no espaço neutro.
- **Movimento:** enquanto o sujeito residente em João Pessoa sinaliza CRIANÇA com os dedos tocando o queixo repetidamente e, em seguida, realiza um movimento semicircular, o sujeito residente em Recife assim o faz apenas com um movimento semicircular.
- **Orientação:** o sujeito E orienta a palma da mão para dentro e para baixo e o sujeito F apenas para baixo.

A partir das ricas contribuições de Labov para esta tese, podemos considerar que o estudo da variação se pauta, em grande parte, na análise de microestruturas da língua, como os aspectos lexicais e fonológicos, por exemplo. Sendo assim, este tipo de comportamento linguístico é bem relevante na busca incessante de conhecer o perfil estilístico da língua brasileira de sinais.

Aqui, a própria estrutura da língua demonstra parâmetros fonológicos (que são próprios da sua natureza e constituição) que variam e que isso a tornam uma língua rica, uma língua que varia e que, assim, todas as condições como origem geográfica, status socioeconômico, grau de escolarização, idade e sexo, por exemplo, podem ser determinantes no alcance de muitas respostas essenciais para o entendimento da variação linguística nos casos das línguas de sinais.

As variações são esperadas entre jovens e idosos de uma comunidade e, até mesmo, em relação ao período de início de exposição à língua de sinais, pois, havendo muitos surdos filhos de pais ouvintes, o início de aquisição da língua de sinais pode ocorrer logo após o nascimento (nativo na língua de

sinais), precoce ou tardiamente. Indivíduos com identidade sexual distinta também podem revelar um uso particular da língua.

Precisamos considerar tais condições para que, essencialmente, possamos manter uma análise da LIBRAS em sua integridade, isto é, precisamos preservar todas as condições sociais e linguísticas daqueles que dela fazem uso e que a tomam como ponto de partida para a manutenção de todo e qualquer processo interativo.

É este respeito à língua e aos sujeitos que a tomam como instrumento de apropriação linguística e uso em uma dada comunidade que precisamos ter. É preservando essas condições que chegaremos a um perfil natural de exposição à língua por parte de qualquer sujeito.

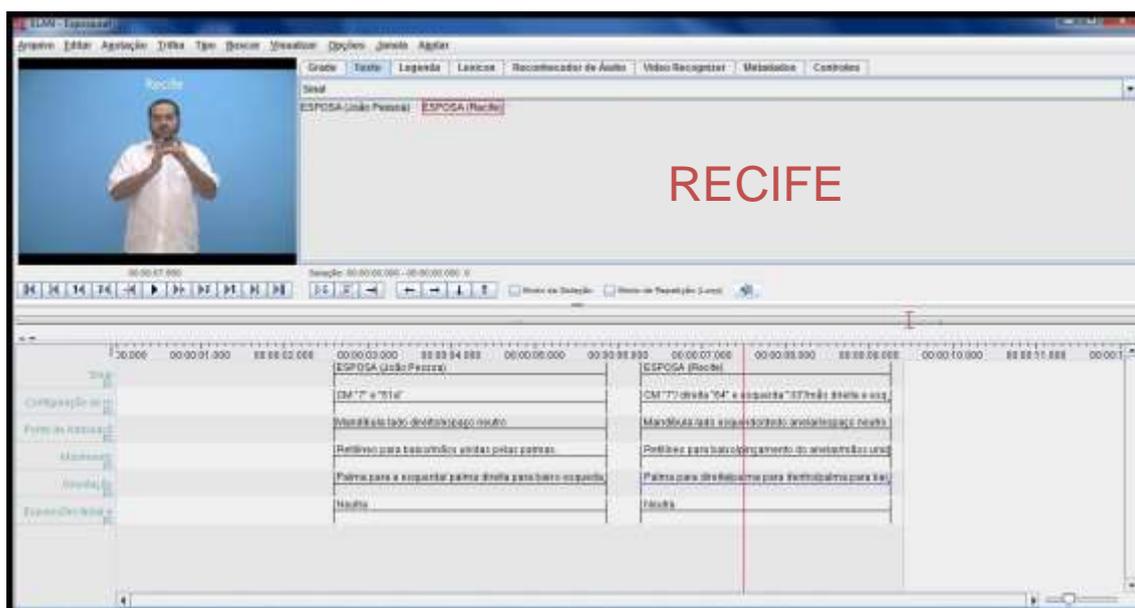
Enquanto pesquisadores, este é um papel fundamental e inerente à Sociolinguística, cerne principal desta pesquisa. Mesmo tendo conhecimento da particularidade frente aos parâmetros de ponto de articulação, configuração de mão, movimento e orientação – e é isto que revela os valores ligados ao estilo da língua – precisamos nos apropriar dessas características ao estudar a língua, para que, de fato, possamos compreender como o processo de variação se consolida.

Um outro sinal estudado foi o de ESPOSA, que, por sua vez, também revela-nos um estilo próprio de pronúncia, como veremos a seguir.

### C) Sinal ESPOSA

The screenshot displays the LAM - Linguagem software interface. At the top, there is a menu bar with options like 'Arquivo', 'Editar', 'Aplicação', 'Janela', 'Tela', 'Banco', 'Sintaxe', 'Opções', 'Janela', and 'Ajuda'. Below the menu is a toolbar with icons for 'Grado', 'Tela', 'Legenda', 'Lêxico', 'Reconstrutor de Áudio', 'Vídeo Registrar', 'Metatexto', and 'Controles'. The main window is divided into several sections:

- Video Window:** Shows a video of a sign language interpreter (João Pessoa) against a blue background. The name 'João Pessoa' is displayed above the video.
- Text Window:** Displays the sign 'ESPOSA' in large red letters.
- Timeline:** A horizontal timeline at the bottom shows the duration of the video from 00:00:00 to 00:00:10.000. It includes a play button and a 'Mostrar de Detalhes' checkbox.
- Analysis Table:** A table below the timeline provides a detailed linguistic analysis of the sign 'ESPOSA'. It is divided into two columns: 'ESPOSA (João Pessoa)' and 'ESPOSA (Rafael)'. The table includes fields for 'Cliqueção do', 'Forma da Mão', 'Movimento', 'Orientação', and 'Espaço do Sinal'. The 'ESPOSA (Rafael)' column contains specific linguistic notes and descriptions for each parameter.



Sinal	ESPOSA (João Pessoa)	ESPOSA (Recife)
<b>Configuração de mão</b>	CM "7" e "51a"	CM "7"/ direita "64" e esquerda "33"/mão direita e esquerda "51"
<b>Ponto de Articulação</b>	Mandíbula lado direito/espaço neutro	Mandíbula lado esquerdo/dedo anelar/espaço neutro
<b>Movimento</b>	Retilíneo para baixo/mãos unidas pelas palmas.	Retilíneo para baixo/pinçamento do anelar/mãos unidas pelas palmas
<b>Orientação</b>	Palma para a esquerda/ palma direita para baixo e esquerda para cima	Palma para direita/palma para dentro/palma para baixo
<b>Expressões facial e corporal</b>	Neutra	Neutra

*Imagem e aspectos analisados no ELAN*

Os parâmetros que variam, mostrando-nos, então, uma variação fonológica do sinal, encontram-se a seguir:

- **Configuração de mão:** o sujeito E sinalizou ESPOSA com uma CM em "7" e, em seguida, "51a". O sujeito F, por sua vez, iniciou a sinalização com CM em "7", em seguida, a mão direita em "64" e esquerda em "33", finalizando a sinalização com ambas as mãos em "51".
- **Ponto de articulação:** o sujeito E articulou o sinal no lado direito da mandíbula e, em seguida, no espaço neutro. O sujeito F, entretanto, articulou no lado esquerdo da mandíbula, em seguida, no dedo anelar e, por fim, no espaço neutro.

- **Movimento:** o movimento realizado pelo sujeito E, para o sinal ESPOSA, foi retilíneo para baixo e, em seguida, as mãos foram unidas pelas palmas. Já o sujeito F evidenciou um movimento retilíneo para baixo, dando continuidade com o pinçamento do anelar e concluindo o movimento do sinal com as mãos unidas pelas palmas.
- **Orientação:** para a sinalização deste sinal, o sujeito residente em João Pessoa, orientou a palma da mão para a esquerda, em seguida, a palma direita para baixo e a esquerda para cima. O sujeito residente em Recife, por sua vez, orientou a palma para direita e, em seguida, para dentro e para baixo.

Este foi um dos sinais que mais evidenciou variações lexicais e estilísticas entre os municípios de João Pessoa e Recife, tais como vistos acima. Tal como foi exposto no estudo de Lopes (2012), é inegável que o estilo é um aspecto inerente a toda atividade comunicativa. Faz parte da nossa competência social, a capacidade de identificar e entender os marcadores indexicais, e a forma como eles se combinam para caracterizar diferentes estilos. O reconhecimento de um estilo acontece por mecanismos contrastivos, quando comparamos diferentes marcadores, em situações distintas, conseguimos delinear, de modo consciente ou não, que estamos diante de um estilo específico.

Sendo assim, podemos identificar pelos parâmetros aqui descritos, que tais marcadores indexicais e sua consequente combinação caracterizam o estilo voltado à variação na pronúncia do sinal em ambos os municípios de forma particular.

São tais sinais contrastivos os responsáveis por esta identificação, isto é, eles mostram-se como sinais reveladores de um estilo específico nos terrenos que englobam a língua brasileira de sinais em João Pessoa e em Recife. E são, de fato, esses sinais que precisamos valorizar no campo da Sociolinguística.

## D) Sinal ESPOSO

The screenshot shows the ELAN software interface for the sign 'JOÃO PESSOA'. The video window displays a man in a dark shirt performing the sign. The sign name 'JOÃO PESSOA' is displayed in large red text. Below the video, there is a timeline with various parameters for the sign, including 'Configuração de mão', 'Ponto de Articulação', 'Movimento', 'Orientação', and 'Expressões facial e corporal'.

The screenshot shows the ELAN software interface for the sign 'RECIFE'. The video window displays a man in a white shirt performing the sign. The sign name 'RECIFE' is displayed in large red text. Below the video, there is a timeline with various parameters for the sign, including 'Configuração de mão', 'Ponto de Articulação', 'Movimento', 'Orientação', and 'Expressões facial e corporal'.

Sinal	ESPOSO (João Pessoa)	ESPOSO (Recife)
<b>Configuração de mão</b>	CM "50" e "44" / mão esquerda e direita "51a".	CM Direita "64" e esquerda em "33"/CM direita e esquerda "51a" / "50" e "44"
<b>Ponto de Articulação</b>	Queixo/espaco neutro	Dedo anelar/ espaco neutro/queixo
<b>Movimento</b>	Dedos tocando cada lado do queixo move a mão para baixo unindo as pontas dos dedos/Mãos unidas pelas palmas	Pinçamento do anelar/mãos unidas pelas palmas/dedos tocando cada lado do queixo e movimento da mão para baixo unindo as pontas dos dedos
<b>Orientação</b>	Palma para dentro/palma direita para baixo e esquerda para cima	Palma para dentro/palma direita para cima e palma esquerda para baixo/palma esquerda para cima
<b>Expressões facial e corporal</b>	Neutra	Neutra

*Imagem e aspectos analisados no ELAN*

Este sinal não revela, apenas, uma variação de gênero, já esperada na ocasião da pronúncia do mesmo, mas sim, apesar de demonstrarem de antemão tal distinção, podemos encontrar outras muito relevantes para o presente estudo, tais como serão abaixo descritas

- **Configuração de mão:** o sujeito E sinalizou ESPOSO com CM em “50” e, em seguida, em “44”, dando continuidade com mãos esquerda e direita em “51a”. O sujeito F, por sua vez, apresentou uma CM direita em “64” e esquerda em “33”, continuando com CM direita e esquerda em “51a” e finalizando com CM em “50” e “44”.
- **Ponto de articulação:** este parâmetro, para o sujeito E, evidenciou-se como articulação no queixo e, em seguida, no espaço neutro e o sujeito F articulou o sinal no dedo anelar, em seguida no espaço neutro e finalizando no queixo.
- **Movimento:** o sujeito E apresentou como movimento deste sinal os dedos tocando cada lado do queixo e movendo a mão para baixo, unindo as pontas dos dedos e, concluindo o movimento deste sinal, as mãos unidas pelas palmas. O sujeito F, por sua vez, pinçou o anelar e, em seguida, as mãos foram unidas pelas palmas, finalizando com o toque de cada lado do queixo e movimento da mão para baixo, unindo as pontas dos dedos.
- **Orientação:** feita, pelo sujeito E, por meio da palma para dentro e, em seguida, com a palma direita para baixo e a esquerda para cima. O sujeito F, por sua vez, sinalizou ESPOSO com a palma para dentro e a palma direita para cima e a esquerda para baixo, concluindo com a palma esquerda para cima.

Entendemos que, agora, a variação é vista como um recurso para a construção do significado social da linguagem, pois as pessoas combinam uma série de recursos existentes para a construção de novos significados, o que varia de acordo com o falante, com o interlocutor e com o contexto. Dessa maneira, as condições de falante, interlocutor e contexto, aqui, são

extremamente importantes não necessariamente na construção de um novo significado, mas sim, na construção de um novo estilo na pronúncia de um sinal, em especial, decorrente da variação lexical e fonológica do sinal.

Por isso, podemos inferir que sinais que trazem marcadores indexicais distintos são significativos para que encontremos uma variação que determine um estilo específico nas línguas de uma forma geral, incluindo a LIBRAS.

## E) Sinal PESSOA

The screenshot shows the LLI - PESSOA software interface. On the left, a video window displays a man in a dark shirt signing. The main area on the right features a large red text overlay that reads "JOÃO PESSOA". Below the video and text, there is a control bar with various icons and a timeline. At the bottom, a detailed table compares the signing configurations for "PESSOA (João Pessoa)" and "PESSOA (Recife)".

	PESSOA (João Pessoa)	PESSOA (Recife)
Sinal	CM "JSA"	CM "TJ"
Configuração do m	Tecla	Tecla
Posição da Amostragem	Redireção da mão direita para direita	Redireção da mão direita para esquerda
Movimento	Palma para dentro	Palma para dentro
Orientação	Teclado	Teclado
Expressões textuais		

The screenshot shows the LLI - PESSOA software interface. On the left, a video window displays a man in a white shirt signing. The main area on the right features a large red text overlay that reads "RECIFE". Below the video and text, there is a control bar with various icons and a timeline. At the bottom, a detailed table compares the signing configurations for "PESSOA (João Pessoa)" and "PESSOA (Recife)".

	PESSOA (João Pessoa)	PESSOA (Recife)
Sinal	CM "JSA"	CM "TJ"
Configuração do m	Tecla	Tecla
Posição da Amostragem	Redireção da mão direita para direita	Redireção da mão direita para esquerda
Movimento	Palma para dentro	Palma para dentro
Orientação	Teclado	Teclado
Expressões textuais		

Sinal	PESSOA (João Pessoa)	PESSOA (Recife)
Configuração de mão	CM "35a"	CM "11"
Ponto de Articulação	Testa	Testa
Movimento	Retilíneo da esquerda para direita	Retilíneo da direita para esquerda
Orientação	Palma para dentro	Palma para dentro
Expressões facial e corporal	Neutro	Neutro

*Imagem e aspectos analisados no ELAN*

O último sinal considerado aqui foi o de PESSOA, também presente na lista de Swadesh. Tal sinal nos revelou uma variação nos parâmetros descritos abaixo:

- **Configuração de mão:** o último sinal, PESSOA, foi sinalizado pelo sujeito E com a CM em “35a”, diferentemente do sujeito F, com a CM em “11”.
- **Movimento:** o sujeito E apresentou um movimento retilíneo da esquerda para direita, e o sujeito F um movimento retilíneo da direita para a esquerda.

Mais uma vez é válido ressaltar as grandes contribuições de Eckert para esse estudo, inclusive quando ela aborda a existência de uma terceira onda característica dos estudos variacionistas. Nesse contexto, a conexão entre a competência do falante individual e seu estilo e a instituição de outro falante, encontra-se na estratificação da comunidade, e no mais íntimo contato do indivíduo com a comunidade.

Assim, defendemos a ideia de que a língua que circula em meio a uma determinada comunidade, é uma língua viva, que varia e que tem condições de alcançar um estilo particular graças a esta variação.

A língua de sinais brasileira é dotada de regras e de uma gramática própria que a configuram e lhe atribuem o *status* de língua. Por isso, precisamos valorizá-la em toda e qualquer comunidade onde ela circule. Assim, aqui consideramos que, como defende Guiraud, *estilo* é o aspecto do enunciado que resulta de uma escolha dos meios de expressão, determinada pela natureza e pelas intenções do indivíduo que fala ou escreve.

Eis, por fim, a relevância da teoria e dos estudos Sociolinguísticos na compreensão de todo este processo, ou seja, de como o fenômeno de variação se revela em meio aos usuários da Língua Brasileira de Sinais.

### **6.2.2 ANÁLISE DO DIALETO NA COMUNIDADE EM UMA PERSPECTIVA ESTILÍSTICA**

Se defendemos a ideia de que o novo modo de fazer linguística é estudar empiricamente as comunidades de fala, é a comunidade de fala no contexto da surdez que defendemos e apoiamos como sendo aquela que é dotada de todas as condições naturais possíveis para o entendimento dos fenômenos de estilo e variação.

De fato, a língua é vista pelos sociolinguistas como dotada de “heterogeneidade sistemática”, fator importante na identificação de grupos e na demarcação de diferenças sociais na comunidade. Essas diferenças, não apenas sociais, mas também linguísticas, podem ser analisadas diretamente pelo estudo que remete à compreensão de como a língua circula em meio a seus usuários e quais recursos estes fazem uso para que ela possa corresponder a todas as necessidades sociais.

Na intenção de estudar como o dialeto circula na comunidade, apresentamos, a partir de então, como os usuários da língua, dentre surdos e ouvintes, a tomam como instrumento linguístico e comunicativo na busca de seus valores sociais.

Dessa maneira, apresentamos, a seguir, como os cinco sinais abordados até então, se apresentam em meio a uma entrevista espontânea pelos sujeitos participantes já descritos na Metodologia **(A, B, C e D)**. Uma primeira ressalva a ser feita é que os sinais de ESPOSO e ESPOSA aqui são tratados como ESPOS@. Uma segunda ressalva é que só apresentamos, em cada sinal, aqueles sujeitos que o articularam ao longo de toda a entrevista que fora direcionada. Se algum sujeito não foi mencionado para um determinado sinal, significa que este não foi articulado naquele contexto.

<b>Sinal</b>	BRANCO
<b>Sujeito A</b>	Mas, maioria <u>branco</u> , sempre preconceituosa, negro
<b>Sujeito C</b>	Negro <u>branco</u> americano igual

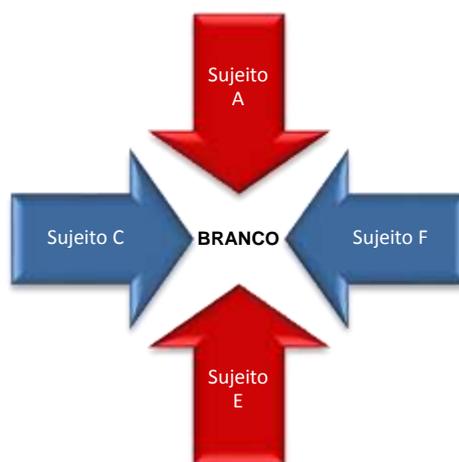
A partir da variante apresentada acima, visualizamos que há dois estilos em circulação, isto é, o inerente à comunidade de João Pessoa e àquele representativo da comunidade de Recife, inclusive ao analisarmos no programa ELAN como os sujeitos (A e C) pronunciam cada sinal dentro de um contexto informal de comunicação, semelhante à pronúncia apresentada pelos sujeitos E e F em um contexto formal, discutida no segundo momento desta análise.

Ao mencionarmos que dois estilos se revelam, indicamos que o sujeito A evidencia uma sinalização semelhante ao sinal articulado pelo sujeito E. É válido colocar que ambos os sujeitos, A e E, residem em João Pessoa. O primeiro participante (A) remete à produção informal do sinal e o segundo (E), à formalidade, uma vez que – neste caso – BRANCO é produzido isoladamente, de forma solta e descontextualizada.

Ao pensarmos nos sujeitos residentes em Recife, o C evidencia uma sinalização informal de BRANCO, semelhante à formalidade do sujeito F.

Sendo assim, cabe-nos mostrar que há uma semelhança no sinal BRANCO entre os sujeitos A (estilo informal, residente em João Pessoa) e E (estilo formal, também residente em João Pessoa). Por outro lado, o sujeito C (que sinaliza BRANCO em um estilo informal, residente em Recife) aproxima-se do sujeito F (estilo formal deste sinal, sujeito residente também em Recife), conforme demonstra o diagrama a seguir (quadro 09).

A partir deste diagrama, identificamos que os sujeitos A e E; C e F assemelham-se quanto ao estilo intra dialetal (Formalidade x Informalidade), entretanto, distanciam-se quanto ao estilo inter dialetal (João Pessoa x Recife). Em outras palavras, não há semelhança entre João Pessoa e Recife na ocasião da articulação deste sinal, mas sim entre os estilos formais e informais de uma mesma comunidade.



**Quadro 09: Esquema representativo do perfil estilístico do sinal BRANCO**  
**FONTE: DADOS PESQUISADOS, 2012.**

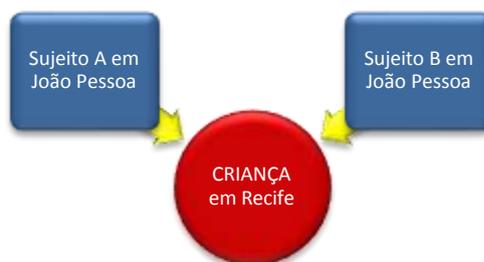
A seguir, apresentaremos como o perfil estilístico do sinal CRIANÇA se revela.

<b>Sinal</b>	CRIANÇA
<b>Sujeito A</b>	Aqui <u>criança</u> antes estava pobre maioria futebol pensamento fixo futebol
<b>Sujeito B</b>	Sim, porque <u>crianças</u> já aprende futebol habilidade. Já vi já

Para o sinal CRIANÇA também pudemos analisar como ele fora articulado pelos sujeitos A e B no programa ELAN. Estes sujeitos, ambos residentes em João Pessoa, receberam uma influência do dialeto presente na comunidade de Recife, de tal forma que sinalizaram tal qual o sujeito F, residente em Recife.

Dessa forma, o estilo informal (revelado pelos sujeitos A e B) assemelhou-se ao estilo formal (indicado pelo sujeito F) da comunidade de Recife, indicando-nos uma aproximação intra dialetal desses estilos de sinalização do sinal CRIANÇA.

O diagrama a seguir (quadro 10) mostra-nos a relação existente entre os sujeitos A e B x sujeito F, em situação informal e formal de comunicação,



respectivamente.

**Quadro 10: Esquema representativo do perfil estilístico do sinal CRIANÇA**  
**FONTE: DADOS PESQUISADOS, 2012.**

A seguir, apresentaremos o sinal ESPOS@, procurando compreender a interlocução frente às sinalizações dos sujeitos A e D .

<b>Sinal</b>	ESPOS@
<b>Sujeito A</b>	Aumentando branco, negro namorando, paquerando, poxa! <u>Casado</u> também paquerando parece cabeça igual
<b>Sujeito D</b>	Depende cabeça pode <u>casar</u> , tenho família negro – branco <u>casado</u> já

De acordo com o estilo informal de comunicação por meio da LIBRAS para a pronúncia do sinal ESPOS@, observamos que os sujeitos A e D (residentes em João Pessoa e Recife, respectivamente) aproximam-se frente a esta sinalização, ou seja, o ESPOS@ é articulado da mesma forma por esses sujeitos, considerando o contexto inter dialetal de comunicação.

Por outro lado, distanciam-se da formalidade prevista em ambos os municípios pelos sujeitos E. e F. Sendo assim, este distanciamento mostra-nos que no contexto inter dialetal não evidenciamos quaisquer similaridades, conforme mostrado pelo quadro 11 a seguir.



**Quadro 11: Esquema representativo do perfil estilístico do sinal ESPOS@**  
**FONTE: DADOS PESQUISADOS, 2012**

Por fim, o último sinal a ser discutido é o de PESSOA.

Sinal	PESSOA
<b>Sujeito A</b>	Negro igual direito – direito (em espaços diferentes) <u>peessoa</u> (na testa, generalizado) – <u>peessoa</u> – <u>peessoa</u> (refere-se a duas pessoas localizadas em espaços diferentes) iguais
<b>Sujeito B</b>	<sup>1</sup> Percebe grupo – grupo – grupo parece próprio <u>peessoa</u> – <u>peessoa</u> – <u>peessoa</u> (localizações diferentes no espaço) <sup>2</sup> Começa <u>peessoa</u> medo, luva sempre, máscara
<b>Sujeito C</b>	Mais ou menos, pouco atrapalhada, <u>peessoa</u> vem ao meu encontro (classificador para pessoa) me dá susto, não máscara
<b>Sujeito D</b>	<sup>1</sup> Importante, não! Importante sentir <u>peessoa/humano</u> igual. Sinto pessoa/humano igual, pele qualquer (pessoa/humano) <sup>2</sup> Primeiro agora me ensinaram, vi maioria <u>peessoa</u> preconceito, gripe suína, cuidado distância <sup>3</sup> Costume coragem, pessoas andando (classificador para

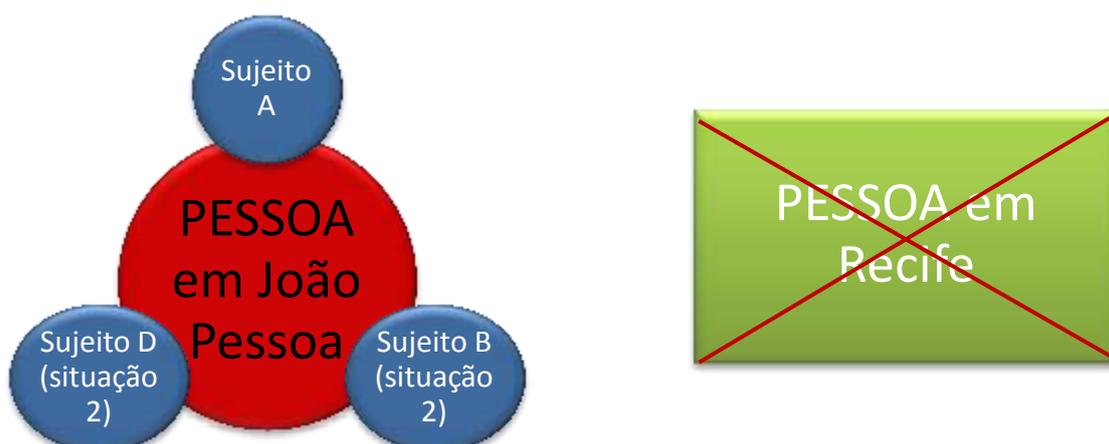
peças andando) rua, certo!
----------------------------

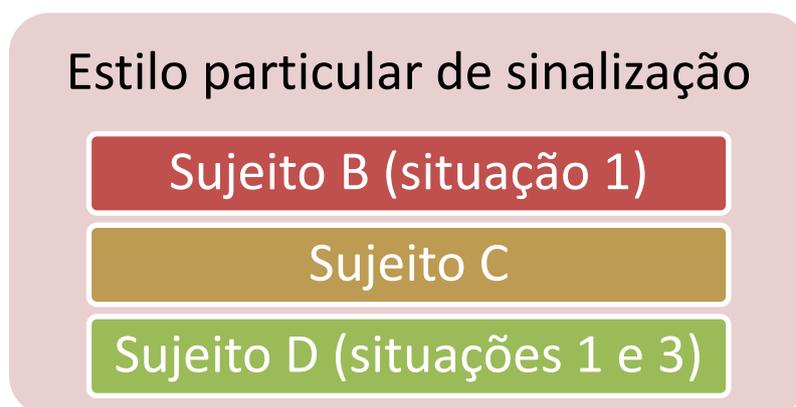
Aqui, todos os sujeitos em situação informal de comunicação articularam este sinal. Os sujeitos A, B (em segunda situação de articulação do sinal) e D (também em segunda situação de articulação) sinalizaram PESSOA assemelhando-se ao estilo formal presente no município do João Pessoa pelo sujeito E.

Além disso, frente a este sinal no município de Recife, só houve distanciamento frente à análise das variantes, uma vez que não visualizamos sinalização neste município que assemelhassem os estilos formal e informal de PESSOA.

Um aspecto que merece chamarmos a atenção diz respeito a um estilo particular de sinalização de PESSOA, pelos sujeitos B (em primeira situação de articulação do sinal, C e D (em primeira e terceira situações de articulação). Esse estilo particular não se assemelha nem à formalidade presente no município de João Pessoa e, tampouco, a presente em Recife. Por isso consideramos que é uma maneira peculiar de sinalização em um estilo informal.

No quadro 12 abaixo apresentamos, de forma sucinta, como os sujeitos A, B, C e D estão distribuídos, de acordo com a semelhança ou distanciamento frente ao estilo formal do sinal PESSOA, articulado pelos sujeitos E e F desta tese, em situação formal de comunicação.





**Quadro 12: Esquemas representativos do perfil estilístico do sinal PESSOA**

**FONTE: DADOS PESQUISADOS, 2012**

Dessa forma, demonstramos como o estilo formal e informal se configuram em meio às comunidades de João Pessoa e Recife e como assemelham-se ou distanciam-se dentro de um processo que caracteriza uma variação intra ou inter dialetal.

Tratou-se de um estudo de valor no campo da LIBRAS, em um contexto que valoriza o estilo, a variação e a Sociolinguística. A seguir, serão expostas as considerações finais do presente estudo.

## 7. DISCUSSÕES FINAIS

No decorrer desta tese procuramos alcançar os objetivos geral e específicos apresentados desde o princípio e, a partir deles, delineamos nosso constructo teórico, os procedimentos metodológicos e, em especial, o tratamento e análise dos dados, desde uma abordagem Sociolinguística, passando pela Variação e alcançando os princípios voltados ao Estilo e à Língua Brasileira de Sinais.

Apesar da temática desta tese ser inédita, esperamos que ela tenha rendido boas discussões, aprofundamento e conhecimento no campo da surdez. Assim, enquanto estudiosos e pesquisadores da Linguística, podemos valorizar o *status* que esta língua apresenta, assim como contribuir no crescimento e consolidação em meio aos usuários da LIBRAS.

Sabemos que a relação entre as línguas não é neutra ou simétrica. Como no caso de quaisquer outras línguas que estão em contato, há sempre em jogo questões de poder e as decorrentes situações de conflito. Isso se apresenta aqui no nosso contexto de estudo pela heterogeneidade linguística que decorre em função da existência de muitas modalidades escritas ou faladas e pressupõe a ocorrência da diversidade da língua e de variantes linguísticas distintas dentro das comunidades de usuários da língua (LABOV, 2008). Podemos, assim, incluir a existência de línguas sinalizadas, como é o caso da LIBRAS. Tanto maior será a diversidade quanto maior for a ocorrência de registros, estilos e variedades no emprego da língua.

Tal fato foi encontrado na relação dos sujeitos com a língua, quer tenha sido em um estilo formal ou informal de pronúncia do sinal (aqui os sujeitos foram tratados como A, B, C, D, E e F). Assim, ao longo da tese, pudemos valorizar a Teoria da Acomodação a partir do momento em que a LIBRAS regulou e deu forma às práticas e usos comunicativos; foi ela que determinou como, quando e até que ponto as interações poderiam se manter ou, simplesmente, serem extintas.

Na análise voltada ao *estilo*, analisamos aspectos que são particulares da LIBRAS, tais como os parâmetros de configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação e expressões facial e corporal,

considerando a variação inter e intra dialetal entre dois municípios (João Pessoa e Recife), assim como o dialeto na comunidade, na prática, no contexto de uso pelos sujeitos. Por fim, descrevemos e analisamos as variantes, desde uma condição formal à informal de anúncio e, assim, valorizamos o estilo próprio que a LIBRAS evidencia, o que nos garante que, mesmo sendo uma língua sinalizada, ela é repleta de marcas indexicais e valores no campo da Sociolinguística.

A partir dos parâmetros tomados como base na análise, apresentamos abaixo um quadro contendo a frequência com que os mesmos variaram entre as comunidades de João Pessoa e Recife e, até mesmo, dentro de uma mesma comunidade.

<b>Sinal</b>	<b>Parâmetros da LIBRAS que variaram</b>	<b>Frequência da variação dos parâmetros da LIBRAS</b>
<b>Branco</b>	Configuração de mão Movimento Orientação Expressões facial e corporal	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Configuração de Mão: 100% de variação</li> <li>• Movimento: 100% de variação</li> <li>• Orientação: 80% de variação</li> <li>• Ponto de Articulação: 60% de variação</li> <li>• Expressões facial e corporal: 20% de variação</li> </ul>
<b>Criança</b>	Configuração de mão Ponto de Articulação Movimento Orientação	
<b>Esposa</b>	Configuração de mão Ponto de Articulação Movimento Orientação	
<b>Esposo</b>	Configuração de mão Ponto de Articulação Movimento Orientação	
<b>Pessoa</b>	Configuração de mão Movimento	

Dessa maneira, descrevemos e analisamos as variantes, desde uma condição formal à informal de articulação do sinal e, assim, valorizamos o estilo próprio que a LIBRAS evidencia, o que nos garante que, mesmo sendo uma língua sinalizada, ela é repleta de marcas indexicais e valores no campo da Sociolinguística.

Os sujeitos participantes tiveram um grande importância para que pudéssemos alcançar este produto final, pelo contato efetivo que mantem com a língua e pelo valor que a ela atribuem em um contexto sociolinguístico.

É válido ressaltar que esta tese contém um anexo digital: um DVD no qual constam os arquivos trabalhados no programa ELAN, assim como um link para a instalação deste programa.

Esperamos que esta pesquisa possa contribuir para o crescimento, consolidação e valorização da Língua Brasileira de Sinais, em especial, pelo reconhecimento de uma variação e dos aspectos próprios de estilo que a ela estão atrelados.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, E. O. C. **Leitura e surdez**: um estudo com adultos não-oralizados. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

\_\_\_\_\_. **A norma oculta**: língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. **Preconceito Linguístico**. O que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BALLY, CH. **Traité de stylistique française**. 3.ed. Genève, Librairie Georg & Cie. Paris, Librairie C. Klincksieck, 1951.

BEHARES, L. E. (org.) **Implicações neuropsicológicas dos recentes descobrimentos na aquisição de linguagem pela criança surda**. IN: Língua de sinais e educação do surdo. Série de Neuropsicologia. Vol. 3. São Paulo: Tec Art, p. 41-55, 1993.

BELL, A. **Language style as audience design**. Language in Society 13 (2): 145-204, 1984.

BLOCH, B.; TRAGER, G.L. **Outline of linguistic analysis**. Baltimore: Linguistic Society of America/Waverly Press, 1942.

BOUVET, D. **The path to language**: Bilingual education for children. Filadélfia: Multilingual Matters, 1990.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Ensino de língua portuguesa para surdos**, v. 2. Brasília, 2002.

BRENTARI, D. Sign language phonology. IN: GOLDSMITH, J. (ed.) **The handbook of phonological theory**. Cambridge, Massachusetts: Blackwell, 1995.

CAPOVILLA, F.C.; RAPHAEL, W.D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue – Língua de Sinais Brasileira**. Vol. I: Sinais de A a L. 3.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

CASTRO JÚNIOR, G. **Variação linguística em Língua de Sinais Brasileira: foco no léxico**. Universidade de Brasília. Instituto de Letras. Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Dissertação de Mestrado, Brasília, 2011.

CASTRO, A. R.; CARVALHO, I. S. **Comunicação por língua brasileira de sinais**. 2. ed. Brasília: Senac, 2005.

CAVALCANTE, M. C. B. **Rotinas Interativas Mãe-Bebê: Constituindo Gêneros do Discurso**. Investigações (Recife), v. 21, p. 153-170, 2009.

COSTA FILHO, J. M. S.; CAVALCANTE, M. C. B. **A multimodalidade na Educação Infantil: Mídias como recurso didático**. In: VI Seminário Nacional sobre Ensino de Língua Materna e Estrangeira e de Literatura, 2009, Campina Grande. VI Seminário Nacional sobre Ensino de Língua Materna e Estrangeira e de Literatura - SELIMEL, 2009.

CHRISTMANN, K.E.; DOMINGOS, F.K.P.; OLIVEIRA, J.S.; QUADROS, R.M. **O software ELAN como ferramenta para transcrição, organização de dados e pesquisa em aquisição da língua de sinais**. Anais do IX Encontro do CELSUL. Universidade do Sul de Santa Catarina. Palhoça, SC: 2010.

COAN, M.; FREITAG, R.M.Ko. **Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino**. Revista Eletrônica de Linguística: Domínios da Lingu@gem. Vol.4, nº2, p.173-194, 2010.

COUTINHO, D. **LIBRAS e Língua Portuguesa: semelhanças e diferenças**. Vol. II. João Pessoa: Arpoador, 2000.

COUTINHO, D.M.D. **A compreensão dos sinais conotativos pelas crianças surdas**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba. Programa de Pós Graduação em Linguística, 2012.

DI DONATO, A. Aspectos linguísticos das Línguas de Sinais. IN: FARIA, E.M.B.; ASSIS, M.C.(orgs.); DI DONATO, A.; CAVALCANTI, W.M.A. **LIBRAS**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

DINIZ, H.G. **A história da língua de sinais dos surdos brasileiros: um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais da Libras**. Petrópolis: Arara Azul, 2011.

DIZEU, L.C.T.B.; CAPORALI, S.A. **A língua de sinais: constituindo o surdo como sujeito**. Educ. Soc., Vol. 26, n.91, p.583-597, 2005.

ECKERT, P. Constructing meaning in sociolinguistic variation. In: Annual Meeting of the American Anthropological Association. **Paper...** New Orleans, 2002.

\_\_\_\_\_. Elephants in the room. **Journal of Sociolinguistics**, v.7, n.3, p.392-97, 2003.

\_\_\_\_\_. Variation, convention, and social meaning. In: Annual Meeting of the Linguistic Society of America. **Paper...** Oakland, 2005.

ECKERT, P.; RICKFORD, J.R. **Style and Sociolinguistic Variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

FERNANDES, E. **Linguagem e Surdez**. São Paulo: Artmed, 2003.

FERREIRA, L. **Por uma gramática de língua de sinais**. 2.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

\_\_\_\_\_ **Uma abordagem fonológica dos sinais da LSCB**. Espaço: Informativo Técnico-Científico do INES, Rio de Janeiro, vol.1, nº1, 1990.

FERREIRA-BRITO, L.; LANGEVIN, R. Sistema Ferreira Brito-Langevin de Transcrição de Sinais. IN: **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1995.

FIGUEROA, Ester. **Sociolinguistic metatheory**. Oxford: Pergamon, 1996.

FINAU, R. Possíveis encontros entre cultura surda, ensino e linguística. IN: QUADROS, R.M. (org.) **Estudos Surdos I. Série Pesquisas**. Petrópolis: Arara Azul, 2006.

FISHMAN, Y. Sociologia da linguagem. IN: FONSECA, M.S.V.; NEVES, M.F. (orgs.) **Sociolinguística**. Rio, Eldorado, 1968.

GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?:** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

\_\_\_\_\_ **Um olho no professor surdo e outro na caneta:** ouvintes aprendendo a Língua Brasileira de Sinais. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2006.

GORSKI, E.M. **A variação estilística na Ótica da Sociolinguística Laboviana:** (re) dimensionando o papel do contexto. VI SIGET. Natal: 2011.

GUARINELLO, A.C. **O papel do outro na escrita de sujeitos surdos**. São Paulo: Plexus, 2007.

GUIRAUD, P. **A Estilística**. Trad. Miguel Maillat. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

GUMPERZ, J.J. **Discourse Strategies**, Cambridge, Cambridge University Press, 1982.

HALL, R.A. **An essay on language**. Filadelfia, Nova York: Chilton Books, 1968.

HARRISON, K.M.P. O momento do diagnóstico de surdez e as possibilidades de encaminhamento. In: LACERDA, C.B.F.; NAKAMURA, H.; LIMA, M.C. (Org.). **Fonoaudiologia: surdez e abordagem bilíngüe**. São Paulo: Plexus, 2000. p. 114-122.

HICKOK; BELLUGI; KLIMA; Como o cérebro humano processa a língua? Novos estudos sobre os sinais dos surdos sugerem uma resposta. IN: **A língua de sinais no cérebro**. Revista Scientific American. Edição Especial. Brasil, 2005.

HORA, D.; WETZELS, L. **A variação linguística e as restrições estilísticas**. Revista da ABRALIN. v. Eletrônico, n. especial, p. 147-188, 1ª parte, 2011.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

\_\_\_\_\_. Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. In: **Sociolinguistic Working Papers**, 44,p-43-88, 1978.

\_\_\_\_\_. Le digagement des Styles contextuels. IN: **Sociolinguistique**, Paris. Editions de Minuit, 1973.

\_\_\_\_\_. **The social stratification of english in New York city**. CAL: Washington, 1966.

LACERDA, C. B. F. A prática pedagógica mediada (também) pela língua de sinais: trabalhando com sujeitos surdos. **Caderno Cedes**, ano XX nº 50, p. 70-83, 2000.

LEFEBVRE, V. Les notions de Style. IN: BERARD, E.; MAURAS, J. (orgs.) **La norme linguistique**, Paris, Le Gouvernement du Québec & Le Robert, 1983.

LEITE, T.A. **O ensino de segunda língua com foco no professor**: história oral de professores surdos de língua de sinais brasileira. Dissertação de Mestrado em estudos linguísticos e literários em inglês. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2004.

LOPES, L.W. **Preferências e atitudes dos ouvintes em relação à variação linguística regional no telejornalismo**. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2012.

MAHER, T.M. **O dizer do surdo bilíngue**: aportes da sociolinguística. Anais do Seminário Desafios e Possibilidades na Educação Bilíngue para surdos. Rio de Janeiro: INES, 1997.

MARTINS, N.S.A. **Introdução à Estilística**: a expressividade na Língua Portuguesa. 3.ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

MASSONE, M. I. O linguista ouvinte frente a uma comunidade surda e ágrafa: metodologia da investigação. In: M. C. MOURA; A. C. B. LODI; M. C. da C. PEREIRA (Org.). **Língua de sinais e educação do surdo**. São Paulo: Tec Art, 1993. p. 72-93. (Neuropsicologia.).

MCNEILL, D. So you think gestures are nonverbal?. *Psychological Review*. Vol 92(3) 350-371, Jul., 1985.

\_\_\_\_\_ Introduction. In: MCNEILL, D. (ed.) *Language and Gesture*. Cambridge University Press, Cambridge, UK, 2000.

MENDONÇA, C.S.S.S; GOMES, D.M. **Classificação nominal em LIBRAS**: uma proposta de revisão. UNB, ABRALIN, Curitiba, 2011. Disponível em: <[http://www.abralin.org/abralin11\\_cdrom/artigos/Cleomasina\\_Mendonca.PDF](http://www.abralin.org/abralin11_cdrom/artigos/Cleomasina_Mendonca.PDF)>

Acesso em: 09/10/2012.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução a Sociolinguística**: o tratamento da variação. 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2003.

MOURA, J.S.A. **O ensino da variação linguística em sala de aula**. VI EPEAL, I ANPAE. Maceió, 2011.

MOURA, M. C. e colaboradores. Surdez. IN: SOUZA, A. M. C. (org.) **A criança especial**: temas médicos, educativos e sociais. São Paulo: Roca, 2003.

MOURA, M. C. **O surdo**: caminhos para uma nova identidade. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

\_\_\_\_\_ A língua de sinais na educação da criança surda. IN: MOURA, M.C. et al. **Língua de sinais e educação do surdo**. São Paulo: Tec Art, 1993.

MOURA, M.C.; LODI, A.C.B.; HARRISON, K.M.P. História e Educação: o Surdo, a Oralidade e o Uso de Sinais. IN: FILHO, O.L. **Tratado de Fonoaudiologia**. São Paulo: Roca, 1997.

NAMY, L.L.; NYGAARD, L.C. Gender differences in vocal accommodation: the role of perception. **Journal of Language and Social Psychology**, v.16, p.422-32, 2002.

NOVAES, E.C. **Surdos**: Educação, Direito e Cidadania. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

OLIVEIRA, R.P. Semântica. IN: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras. Vol.2. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

PINTO, J.P. Pragmática. IN: F.; BENTES, A.C. **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras. Vol.2. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

POSSENTI, S. **Discurso, Estilo e Subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

\_\_\_\_\_.; SCHMIEDT, M. L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

RAMOS, C. R. **História da Datilologia**. Rio de Janeiro: Arara Azul. Disponível em: <<http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo3.pdf>> Acesso em: 28.04.2007.

REIS, P.C.; MACHADO, D.P.; BARBOSA, S.C.D.A. **A Sociolinguística e o Ensino da Língua Materna**. X Congresso Nacional de Educação. Curitiba, 2011.

REZENDE, R.C. **Estilo sociolinguístico como recurso de construção de personas sociais: um exercício de análise do conto “Começo”, de Rubem Fonseca**. Revista Eletrônica Via Litterae, Anápolis, v.1, n.1, 2009.

ROBINS, R. **Pequena história da linguística**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

ROCHA, S. **O INES e a educação de surdos no Brasil – aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos**. V.01. Rio de Janeiro: INES, 2007.

RODRIGUES, L.O. **A estrutura gramatical na LIBRAS e suas acepções linguísticas**. Fundação Universidade Federal de Rondônia. Revista Scientific Magazine. Disponível em <http://www.scientificmagazine.com.br/artigos> Acesso em: 08/10/2012.

RUSSO, I. C. P.; SANTOS, T. M. **Audiologia Infantil**. 4. ed. rev. e amp. São Paulo: Cortez, 1994.

SACKS, O. W. **Vendo Vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SANCHEZ, C.M.G. **La educacion de los sordos em um modelo bilíngüe**. Lakonia: Mérida, 1990.

SCHERMER, T.; HARDER, R. Lexical variation in dutch sign language: some implications for language planning. In: TEVOORT, B (Ed.). **Signs of life. proceedings of the second european congress on sign language research**. Amsterdam: University of Amsterdam and National Foundation for the Deaf and Hard of Hearing Child, 1986.

SEVERO, C.G. **O estudo da linguagem em seu contexto social**: um diálogo entre Bakhtin e Labov. Delta, 25:2, 2009.

SILVA, V. Educação de surdos: uma releitura da primeira escola pública para surdos em Paris e do Congresso de Milão em 1880. IN: QUADROS, R.M. (org.) **Estudos Surdos I**: Série Pesquisas. V.01. Petrópolis: Arara Azul, 2006.

SKLIAR, C. **Uma análise preliminar das variáveis que intervêm no Projeto de Educação Bilíngüe para os Surdos**. Espaço Informativo Técnico Científico do INES, Rio de Janeiro, v. 6, p. 49-57, 1997.

\_\_\_\_\_ Uma perspectiva sócio-histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos. IN: SKLIAR, C. (Org.). **Educação e exclusão**: abordagens socioantropológicas em educação especial. Porto Alegre: Mediação, 1997. p. 105-153. (Cadernos de autoria, 2).

SOUSA, D.V.C. **Um olhar sobre os aspectos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais**. DELER, UFMA. Littera online, nº2, vol.1, 2010.

SOUZA, R. M. **Que palavra que te falta?** Campinas: Martins Fontes, 1998.

STOKOE, William C. **Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication System of the American Deaf.** New York: Buffalo University, 1960.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis. Ed. da UFSC, 2008.

\_\_\_\_\_ ; FERNANDES, S. **Aspectos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais.** Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

SUPALLA, T. Arqueologia da língua de sinais: integrando linguística histórica com pesquisa de campo em línguas de sinais recentes. IN: QUADROS, R.M. (org.) **Estudos Surdos I: Série Pesquisas.** V.01. Petrópolis: Arara Azul, 2006.

SUTTON-SPENCE, R.; QUADROS, R.M. Poesia em língua de sinais: traços da identidade surda. IN: QUADROS, R.M. (org.) **Estudos Surdos I: Série Pesquisas.** V.01. Petrópolis: Arara Azul, 2006.

TEIXEIRA, E.P. **Comédias podem ser altamente formais ou sobre a seleção de textos.** Sitientibus, Feira de Santana, n.29, 2003.

TIMERMAN, D.; MANS, H. A national lexicon of sign language of the Netherland. In: PRILLWITZ, S.; VOLLHABER, T. (Ed.). **Current trends in european SLR.** Hamburg: Signum, 1990.

TRENCH, M.C.B. **A criança surda e a linguagem no contexto escolar.** Tese de doutorado. São Paulo: PUC-SP, 1995.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M.. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

XAVIER, A.N. **Variação fonológica na LIBRAS**: um estudo da alternância do número de articuladores manuais envolvidos na produção dos sinais. UNICAMP: Anais do Seta, vol.5, 2011. Disponível em: <http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/seta/article/download/.../1507>

Acesso em: 09/10/2012.

## APÊNDICE 01 – LISTA DE SWADESH

Nº	Categoria	Palavras
01	Animais	Peixe
02		Pássaro
03		Cachorro
04		Cobra, serpente
05		Ave
06		Piolho
07		Verme
08		Leão
09		Leoa
10		Zebra
11		Porco
12		Cavalo
13		Bode
14		Boi
15		Coelho
16		Camelo
17		Girafa
18		Veado
19		Galo
20		Rato
Nº	Categoria	Palavras
21	Numerais	Um
22		Dois
23		Três
24		Quatro
25		Cinco
26		Dez
27		Vinte
28		Trinta e sete
29		Quarenta
30		Quarenta e dois
31		Cinqüenta
32		Cinqüenta e quatro
33		Sessenta
34		Sessenta e um
35		Setenta
36		Oitenta
37		2%
38		Metade
39		$\frac{1}{2}$
40		Duzentos
Nº	Categoria	Palavras
41	Cores	Vermelho
42		Verde
43		Amarelo
44		Branco
45		Preto
46		Rosa
47		Laranja
48		Roxo
49		Cinza
50		Azul
51		Marrom

52		Verde claro
53		Azul marinho
54		Vinho
55		Prateado
56		Dourado
57		Lilás
58		Verde limão
59		Bege
60		Cor
<b>Nº</b>	<b>Categoria</b>	<b>Palavras</b>
61	Parentesco	Esposo, marido
62		Esposa, mulher
63		Mãe
64		Pai
65		Irmão
66		Primo
67		Genro
68		Nora
69		Avô
70		Cunhado
71		Sogra
72		Neto
73		Sobrinho
74		Filho
75		Pai adotivo
76		Mãe adotiva
77		Madrasta
78		Padrasto
79		Enteado
80	Concunhado	
<b>Nº</b>	<b>Categoria</b>	<b>Palavras</b>
81	Natureza	Sol
82		Lua
83		Estrela
84		Água
85		Rio
86		Mar
87		Sal
88		Pedra
89		Areia
90		Terra
91		Nuvem
92		Céu
93		Estrada
94		Chuva
95		Vento
96		Gelo
97		Neve
98		Montanha
99		Quente
100		Frio
<b>Nº</b>	<b>Categoria</b>	<b>Palavras</b>
101		Ficar
102		Segurar
103		Costurar
104		Rir
105		Cavar
106		Nadar

107	Verbos	Voltar
108		Voar
109		Caminhar
110		Dar
111		Sentar
112		Cair
113		Lavar
114		Limpar
115		Tirar
116		Puxar
117		Cantar
118		Beber, tomar
119		Saber
120	Pensar	
<b>Nº</b>	<b>Categoria</b>	<b>Palavras</b>
121	Plantas	Folha
122		Flor
123		Floresta
124		Árvore
125		Raiz
126		Fruta
127		Semente
128		Casca
129		Jardim
130		Gramma
131		Arbusto
132		Espinho
133		Caule
134		Galho
135		Tronco
136		Adubo
137		Podagem
138		Botão da Rosa
139		Muda
140	Enxerto	
<b>Nº</b>	<b>Categoria</b>	<b>Palavras</b>
141	Artefatos	Fogo
142		Computador
143		Máquina de costura
144		Carro
145		Roupa
146		Telefone
147		Cadeira
148		Cama
149		Óculos
150		Liquidificador
151		Anel
152		Vassoura
153		Janela
154		Porta
155		Quadro de parede
156		Caneta esferográfica
157		Caderno
158		Jornal
159		Panela
160	Colher	

<b>Nº</b>	<b>Categoria</b>	<b>Palavras</b>
161	Nomes	Criança
162		Chifre
163		Cauda
164		Gravata
165		Fumaça
166		Nome
167		Dia
168		Ano
169		Animal
170		Gordo
171		Pesado
172		Magro
173		Velho, idoso
174		Pessoa
175		Carne
176		Cola
177		Vizinho
178		Amigo
179		Inimigo
180	Manteiga	
<b>Nº</b>	<b>Categoria</b>	<b>Palavras</b>
181	Partes do corpo	Pele
182		Coração
1831		Osso
841		Sangue
85		Boca
186		Dente
187		Língua
188		Unha
189		Pé
190		Perna
191		Nariz
192		Olho
193		Joelho
194		Mão
195		Barriga
196		Pescoço
197		Cabeça
198		Cabelo
199		Seios
200		Sobrancelhas

## APÊNDICE 02 – ELEMENTOS PROVOCADORES



### Interação Face a Face

#### Elemento Provocador 1

#### RACISMO



<http://boquiaberto.files.wordpress.com/2009/03/benetton-amamentando.jpg>



<http://viladoconde.blogs.sapo.pt/arquivo/racismo.jpg>



<http://cei.klickescolas.com.br/uploads/0/preconceito.jpg>

1. Qual a importância da cor da pele?
2. Na sua opinião, é possível relacionamento entre raças diferentes?
3. Qual sua posição frente ao Racismo?



## Interação Face a Face

### Elemento Provocador 2

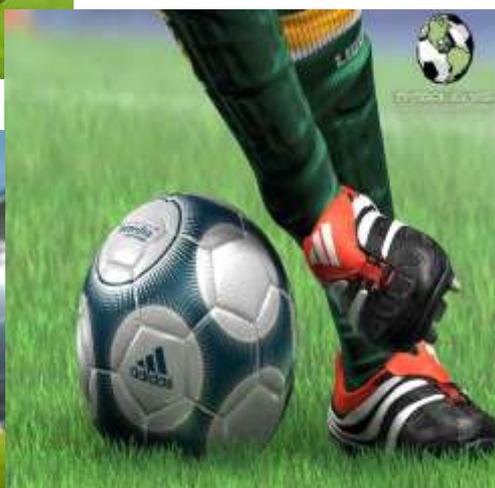
#### FUTEBOL



<http://estadiodragao.com/images/brunoalves.JPG>



<http://www.clickfutebol.com/Wallpapers-Futebol/wallpapers-bola-estadio-futebol.jpg>



<http://ednene.files.wordpress.com/2008/07/futebol-0001-800.jpg>

1. Você concorda que o futebol é a paixão do brasileiro?
2. Por que o jovem sonha em ser jogador profissional de futebol?
3. O futebol pode ser um instrumento de mudança da condição social?



## Interação Face a Face

### Elemento Provocador 3

#### H1N1



<http://www.abril.com.br/imagem/gripe-suina-mascaras-aeroporto-sao-paulo-436.jpg>



[http://lh6.ggpht.com/\\_41mrt\\_1eoUY/SfmTKq6uCpl/AAAAAAAZw/tqELxxCdLo/26\\_beijo%5B9%5D.jpg](http://lh6.ggpht.com/_41mrt_1eoUY/SfmTKq6uCpl/AAAAAAAZw/tqELxxCdLo/26_beijo%5B9%5D.jpg)



[http://1.bp.blogspot.com/\\_SSjOK5jWtL0/Sfkh2ZWaxqI/AAAAAAAFkw/bvJqvJSOFds/s400/gripe+suina+bebe.jpg](http://1.bp.blogspot.com/_SSjOK5jWtL0/Sfkh2ZWaxqI/AAAAAAAFkw/bvJqvJSOFds/s400/gripe+suina+bebe.jpg)

1. Qual a sua opinião sobre a H1N1?
2. A gripe está afetando os relacionamentos interpessoais?
3. Os cuidados com a gripe, uso de luvas, máscaras e do álcool em gel, vem sendo eficazes no Brasil? Como?

## APÊNDICE 03 - QUESTIONÁRIOS

---

### QUESTIONÁRIO (PARA PARTICIPANTES OUVINTES)

#### **SAÚDE**

1. Que instituições de saúde atendem o usuário de língua de sinais, levando em consideração sua Língua?
2. Há a necessidade de intérprete quando você necessita de algum atendimento na saúde? Hospital, ambulatório, consulta médica, exames?
3. *(Caso a resposta acima tenha sido positiva)* Quem disponibiliza este intérprete? Você ou a instituição de saúde?
4. Que dificuldades você, como usuário de LIBRAS, encontra nas questões que envolvem o seu acesso à saúde? Há material instrucional sobre saúde em LIBRAS?

#### **CULTURA**

1. A comunidade de LIBRAS na qual você interage dispõe de grupos culturais que se organizam tendo a LIBRAS como a língua de interação? Quais seriam (teatro, dança, poesia, etc)?
2. Você tem acesso ou conhece material cultural em LIBRAS (livros, revistas, peças teatrais, filmes, jornais, etc)?

#### **LÍNGUA**

1. Onde e com qual idade você adquiriu a LIBRAS (casa, escola, associação de surdos, amigos, etc)?
2. Você se considera um usuário fluente da LIBRAS?
3. Que dificuldades você tem no seu dia a dia como usuário de LIBRAS interagindo com outros usuários de LIBRAS?
4. Onde você usa a LIBRAS? Cite os locais no seu dia a dia.
5. A escola onde você estudou/estuda se utiliza da LIBRAS como Língua de interação?
6. Em algum momento você necessita de intérprete? Quando?

## QUESTIONÁRIO (PARA PARTICIPANTES SURDOS)

### **SAÚDE**

1. Surdos problema saúde vai lugar (lá) pessoas lá trabalhar Libras saber? (aponta) ter lugar pessoas saber Libras, aonde?
2. Você problema saúde, doente, ir hospital ou ir PSF ou ir médico, você precisar junto/com intérprete?
3. Ir médico Intérprete junto/com. Próprio surdo, você, responsável pagar intérprete ou pagar governo municipal ou estadual, quem pagar?
4. Você surdo acha, opinião, coisas própria saúde profundo não-saber, conhecer material explicar problemas saúde usar próprio Libras, exemplo: papel (panfleto) explicar usar Libras?

### **CULTURA**

1. Comunidade (grupo) surdo você ligado, interação, comunidade própria cultura ter dança, teatro, poesia, etc, usar Libras próprio, aonde ter?
2. Você conhecer material próprio Libras, exemplo: livros, revistas, teatro, filmes, jornal, conhecer, ter?

### **LÍNGUA**

1. Onde, lugar, também, idade você aprender Libras, exemplo: família ensinar ou escola, associação, amigo ensinar?
2. Você acha saber Libras perfeito, profundo?
3. Você surdo interação bate-papo outro surdo ter problema atrapalhado Libras os dois?
4. Você ir lugar, lugar próprio Libras usar, onde?
5. Escola você antes estudar ou agora estudar ter Libras dentro para interação?
6. Você precisar intérprete momento quando?

## APÊNDICE 04

---

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

\*TCLE da Pesquisa raiz *Estudos Preliminares para o Inventário Nacional da Diversidade Linguística – A Língua Brasileira de Sinais no Nordeste: as variantes de João Pessoa e Recife.*

*Prezado (a) Senhor (a),*

Esta pesquisa é sobre “Estudos Preliminares para o Inventário Nacional da Diversidade Linguística – LIBRAS” e está sendo coordenada por Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante, Evangelina Faria e Wanilda Maria Cavalcanti, docentes da Universidade Federal da Paraíba e Universidade Católica de Pernambuco.

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa quali-quantitativa, de caráter exploratório e analítico, na qual será realizado um levantamento bibliográfico acerca da Surdez, da Língua Brasileira de Sinais, bem como da interação existente entre as comunidades surda e ouvinte nos municípios de João Pessoa e Recife, considerando os estudos fonológicos (variacionistas) da Língua em tais localidades.

O objetivo geral do estudo é desenvolver o projeto piloto que visa a aplicabilidade do Inventário Nacional da Diversidade Linguística em Língua Brasileira de Sinais como instrumento de valorização e reconhecimento da diversidade linguística no Brasil. A finalidade deste trabalho é testar a Metodologia criada por este Grupo de Trabalho da Diversidade Linguística (GTDL), com a intenção de produzir conhecimento, documentar e salvaguardar a LIBRAS no Brasil. Vale ressaltar que este Grupo é coordenado pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Solicitamos a sua colaboração para as entrevistas e as filmagens a serem realizadas, bem como apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e educação e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde.

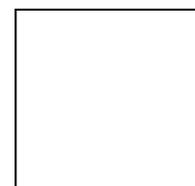
Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

---

Assinatura do Participante

OBSERVAÇÃO: (em caso de analfabeto - acrescentar)  
Espaço para impressão dactiloscópica



---

Assinatura da Testemunha

Contato com o Pesquisador (a) Responsável - Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora Evangelina Faria. Endereço (Setor de Trabalho): Universidade Federal da Paraíba – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Cidade Universitária. João Pessoa / PB. CEP: 58051-900.

Atenciosamente,

---

Assinatura do Pesq. Responsável

Assinatura do Pesq. Participante